

SARA CRISTINA ALBERTO DA SILVA MARTINS

**PROCESSO DE AUTONOMIZAÇÃO DOS JOVENS
ATRAVÉS DO APARTAMENTO DE
AUTONOMIZAÇÃO-PROGRAMA DE
RESIDÊNCIA E APOIO À INTEGRAÇÃO DE
ADOLESCENTES**

Orientadora: Prof.^a Doutora Aida Ferreira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais Educação e Administração

Instituto de Serviço Social

Mestrado em Serviço Social: Gestão de Unidades Sociais e de Bem Estar

Lisboa

2015

Sara Martins – Processo de Autonomização dos Jovens Através do Apartamento de
Autonomização –

Programa de Residência e Apoio à Integração de Adolescentes

SARA CRISTINA ALBERTO DA SILVA MARTINS

**PROCESSO DE AUTONOMIZAÇÃO DOS JOVENS
ATRAVÉS DO APARTAMENTO DE
AUTONOMIZAÇÃO-PROGRAMA DE
RESIDÊNCIA E APOIO À INTEGRAÇÃO DE
ADOLESCENTES**

Dissertação defendida em Provas públicas na
Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias para obtenção do Grau de Mestre
em Serviço Social, no Curso de Mestrado em
Serviço Social: Gestão de Unidades Sociais e
de Bem-Estar, conferido pela Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no
dia 5 de Novembro de 2015, perante o júri
nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º
255/2015 de 3 de Junho de 2015, com a
seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Carlos Diogo Moreira;

Arguente: Prof. Doutor Óscar de Sousa;

Orientadora: Prof.^a Doutora Aida Ferreira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais Educação e Administração

Instituto de Serviço Social

Mestrado em Serviço Social: Gestão de Unidades Sociais e de Bem Estar

Lisboa

2015

Epígrafe

A autonomia é algo que se constrói
pela aprendizagem e pelas oportunidades oferecidas
no relacionamento com os outros, podendo ser,
experienciada e vivenciada.
(Evangelista, Maria, 2012, p.47)

Dedicatória

A presente tese é dedicada aos jovens que se encontram em acolhimento nos apartamentos de autonomia do Centro de Educação e Desenvolvimento de Santa Catarina.

Também àqueles jovens entrevistados, que neste momento já não residem em Apartamentos de Autonomia, visto que concretizaram o seu projeto de vida, a autonomização, e, saíram da instituição preparados para enfrentar a vida em sociedade.

À equipa do Programa Residência de Apoio à Integração de Jovens Adolescentes, pelo trabalho que desenvolve com estes jovens, no processo de autonomia e no planeamento da saída dos mesmos daquela instituição.

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Aida Ferreira, pelo facto de ter aceitado ser minha orientadora e de me ter ajudado e motivado para a elaboração da presente dissertação.

À Casa Pia de Lisboa, em particular ao Centro de Educação e Desenvolvimento de Santa Catarina, pretendo dar especial relevância pela forma como permitiram que o presente estudo de investigação fosse realizado com sucesso. Foi difícil encontrar uma instituição na qual conseguisse realizar a pesquisa de terreno, no entanto, sinto-me privilegiada pelo facto de a Casa Pia de Lisboa ter permitido a sua concretização.

À Dra. Ana Marques e Dra. Carina Faria que facultaram as démarches para a investigação.

À Dra. Rita Costa pela entrevista concedida, pela experiência nos apartamentos de autonomia que têm, bem como participante no desenho do Programa de Residência de Apoio à Integração de Adolescentes, do Centro de Educação e Desenvolvimento de Santa Catarina, da Casa Pia de Lisboa.

À Dra. Rita Costa e ao Educador José por se terem disponibilizado a que fosse possível visitarmos um dos apartamentos de autonomia do Centro de Educação e Desenvolvimento de Santa Catarina da Casa Pia de Lisboa.

À Dra. Helena pela entrevista concedida e como diz que é “muito virada para a prática no quotidiano dos jovens”, obrigada pela longa experiência que detém no acolhimento e que nos transmitiu na entrevista realizada.

À Dra Ilda e aos técnicos mencionados anteriormente pela disponibilidade, na marcação das entrevistas. Tenho a agradecer pela seleção da amostra dos jovens a entrevistar, visto que nos concederam entrevistas muito ricas para o presente estudo.

Aos jovens pela disponibilidade em se deslocarem ao Centro de Educação e Desenvolvimento de Santa Catarina para serem entrevistados por nós. Aos jovens que ainda se encontram em situação de acolhimento, bem como aos que posteriormente concluíram o seu projeto de vida e já se encontram desinstitucionalizados e autónomos.

À Dra. Lina Paula Mattoso pela entrevista dada. Esta entrevista foi realizada no Centro de Acolhimento e Ocupação Temporário da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa onde esta profissional tem experiência na área do acolhimento.

À minha amiga Isabel Carvalho pela motivação e incentivo para a realização do presente estudo foi fundamental o seu apoio.

Resumo

Pretendemos nesta investigação perceber como se desenvolve o processo de autonomização dos jovens institucionalizados através dos apartamentos de autonomia.

Assim, partimos da seguinte questão: como se processa a gestão do processo de autonomização dos jovens através dos apartamentos de autonomia.

Os apartamentos de autonomia na Casa Pia de Lisboa (CPL), local onde se realizou a pesquisa, constituem-se como uma resposta focalizada no desenvolvimento e treino de competências dos jovens, proporcionando-lhes experiências práticas para a inserção posterior na vida sociedade. A permanência dos jovens nos apartamentos caracteriza-se pela existência de uma proximidade à realidade quotidiana semelhante à vida fora da instituição.

Para perceber como se desenvolvem as competências para a autonomia dos jovens seguiu-se o paradigma da sociologia compreensiva numa lógica de descoberta progressiva e inteligibilidade do problema em questão.

A metodologia seguida incorporou métodos e técnicas qualitativas e quantitativas.

A população estudada foram os jovens de 18-21 anos, sexo masculino e feminino, em processo de escolarização, residentes nos apartamentos de autonomia da CPL.

Os resultados da investigação permitiram concluir que o processo de autonomização na CPL através das residências de autonomia, proporcionam a aquisição de competências para a autonomia após a saída da instituição. Contribuem, neste processo, os educadores e psicólogos através do acompanhamento e avaliação sistemáticos.

Assim, o educador responsável pelo apartamento onde se encontram o jovem e a psicóloga acompanhante, ensina o jovem a gerir a mesada, estimula os jovens a pensar por eles próprios, nomeadamente, a escolher o tema da sessão temática e aprender a acordar sozinhos. Os jovens fazem a gestão do apartamento de autonomia. Todos estes aspectos concretizam-se através de uma relação de qualidade que os jovens e os técnicos estabelecem no apartamento de autonomia.

Por fim, apresentamos alguns casos de sucesso de jovens que já saíram dos apartamentos de autonomia, de acordo com a educadora e a psicóloga da equipa do programa RAIA da CPL.

Palavra – chave: Autonomia, Apartamentos de autonomia, Jovens, Competências

Abstract

We intend to see how this research develops the independence process of institutionalized young people through the autonomy apartments. So we start with the following question: how the process of young people's independence management is handled, through the autonomy apartments. The range of apartments in the Casa Pia de Lisboa (CPL), where the research took place, constitute such a focused response in developing and training skills of young people by providing them with practical experience for the subsequent introduction into the life society. The permanence of young people in the apartments is characterized by the existence of a proximity to everyday reality similar to life outside the institution. To understand how to develop skills for the autonomy of young people it was followed the paradigm of comprehensive sociology in logic of progressive discovery and intelligibility of the problem in question.

The methodology incorporated methods qualitative and quantitative techniques. The population studied it was youth people from 18 to 21 years old, male and female, in schooling process, residents in the autonomy apartments of the CPL. Research results showed that the independence process in the CPL, through the autonomy homes, provide skills training for autonomy after leaving the institution. In this process, there's a contribution of the educators and psychologists through systematic monitoring and evaluation. Thus, the teacher responsible for the apartment where the young person and the accompanying psychologist are, teach the young people to manage their allowance, encourage young people to think for themselves, in particular, to choose the subject of the thematic session and learn to wake up alone. Young people make the management of the autonomy apartment. All these aspects are realized by the quality relationship of the young people and technicians set in the autonomy apartment. Finally, we present some success stories of young people who have left the autonomy apartments, according to the educator and psychologist of the "*RAIA CPL*" program team.

Keywords: Autonomy, autonomy apartments, young people, skills

Siglas

AA- Apartamento de Autonomia
CASA - Caracterização Anual da Situação de Acolhimento
CATL- Centro de Acolhimento e Tempos Livres
CED - Centro de Educação e Desenvolvimento
CET- Curso de Especialização Tecnológica
CNPCJR- Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco
CPCJ- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens
CPL- Casa Pia de Lisboa
CRP-Constituição da República Portuguesa
CSI -Competências Sociais Integradas
CTCPL- Conselho Técnico Científico da Casa Pia de Lisboa
DAC-Direção de Apoio à Coordenação
DIADIJ- Direção de Acolhimento e Desenvolvimento de Infância e Juventude
EE- Entrevista Educador
EJ- Entrevista Jovem
EP- Entrevista Psicólogo
ESMAR- Educar para a Segurança em Meio Escolar e Apoio Residencial
IDH-Índice de Desenvolvimento Humano
ISCTE-Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
ISS IP- Instituto de Segurança Social Instituto Público
LIJ-Lar de Infância e Juventude
LPCJ-Lei de Proteção das Crianças e Jovens em Risco
MIOEP-Promoção de competências vocacionais
PCI-Plano Cooperado de Intervenção
PDP-Programa de Desenvolvimento Pessoal
PIPAS-Projeto Integrado Prevenção do Abuso Sexual
PNUD-Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PREVIO-Programa de Prevenção da Violência e educação para a Paz
RA-Residência de Autonomia

RAIA-Residência de Apoio à Integração de Adolescentes

RPA-Residência de Pré Autonomia

SCML-Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

SERE+-Sensibilizar, Envolver, Renovar, Esperança, MAIS

SPA-Prevenção do Consumo de Substancias Psicoativas

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo I. Jovens e Acolhimento Institucional	3
1.1. Jovens em risco	4
1.2. A resiliência e vulnerabilidade	8
1.3. Respostas sociais na CPL e SCML	9
1.4. Institucionalização de jovens e seus efeitos	11
1.5. O acolhimento ao nível nacional	14
Capítulo II. Autonomia dos jovens	18
2.1. Autonomia e autonomização	19
2.1.1. Transição para a vida adulta	21
2.2. Programas e Projetos no âmbito da autonomização dos jovens	24
2.2.1. Programa Umbrella	25
2.3. A Residência de Pré Autonomia	26
2.4. Apartamentos de Autonomia	26
2.5. Competências a desenvolver nos jovens	28
2.6. O género e a autonomização	31
2.7. Empowerment e autonomia	32
Capítulo III. A Metodologia de Investigação. Da institucionalização à autonomia	333
3.1. Metodologia de Investigação e Resultados	34
3.1.1. Construção da Amostra	36
3.1.2 Instrumentos	37
3.2. Observação direta- Apartamento de Autonomia	38
3.3. Perfil dos jovens	43
3.3.1. Apresentação de Resultados	47
3.3. Institucionalização-Percurso	47
3.4. Institucionalização e relações	48
3.5. Políticas para autonomia e vivências	52
3.6. Respostas Casa Pia	55
3.7. Residência de Pré autonomia	56

3.8. Apartamento de autonomia	57
3.9. Perceção dos apartamentos de autonomia.....	57
Capítulo IV. O processo de autonomização: competências e preparação da saída.....	60
4.1. Fatores pertinentes autonomização	61
4.2. Competências para a autonomização	64
4.3. Acompanhamento do processo de autonomia.....	69
4.4. Género e autonomia	74
4.5. Rede social de apoio.....	74
4.6. Preparação da saída	75
4.7. Casos de sucesso	77
4.7.1. Caso de sucesso1:	78
4.7.2. Caso de sucesso 2	78
Conclusões finais.....	79
Recomendações para trabalhos futuros	81
Bibliografia.....	82
Webgrafia:.....	88
Apêndices.....	I
Apêndice I- Guião de Entrevista aos Jovens.....	II
Apêndice II- Guião de Entrevista para os Técnicos.....	V
Apêndice III- Consentimento para a investigação	VII
Apêndice IV- Grelha de análise da Entrevista aos jovens	X
Apêndice V- Grelha de análise da Entrevista aos técnicos	XXV
Apêndice VI – Grelha de observação apartamento de autonomia	XXXIX
Apêndice VII-Conversas Informais com a Dra. Rita, Psicóloga, CED santa catarina.....	XLI
Anexos.....	XLII
Anexo I - Apartamentos de Autonomização Programa - R.A.I.A.	XLIII

Índice de Tabelas

Tabela 1. Idades médias de entrada em diferentes marcadores de transição para a idade adulta, com respetivos intervalos em anos, por país	22
Tabela 2. Idade das transições juvenis e percentagem de jovens a viver sozinhos, 2007	24
Tabela 3. Caracterização dos jovens ao nível do sexo, idades e tempo de institucionalização	43
Tabela 4. Percurso Escolar dos jovens	44
Tabela 5. Instituições por ordem de acolhimento do jovem e tempo total de institucionalização	45
Tabela 6. Observação do apartamento e autonomia	38
Tabela 7. Resultados da Conversa Informal com a psicóloga	39

Índice de Gráficos

Gráfico 1. Análise dos fluxos de permanência e saída do acolhimento por entidades executoras	15
Gráfico 2. Proporção de pessoas entre os 18 e os 34 anos que constituem famílias unipessoais, Portugal e NUTS II, 2001 e 2011	23
Gráfico 3. Proporção de filhos entre os 18 e os 34 anos que vivem com os pais, Portugal e NUTS II, 2001 e 2011	23

Introdução

Na presente dissertação pretendemos estudar a gestão e eficácia do processo de autonomia dos jovens, através de uma resposta da Casa Pia de Lisboa (CPL), nomeadamente, o apartamento de autonomização, a qual foi criada no âmbito do Programa Residência de Apoio à Integração de Adolescentes (RAIA).

As razões que fundamentam a escolha da problemática da presente investigação prendem-se com a vontade de consolidar e aprofundar o tema, eficácia do processo de autonomização dos jovens através do apartamento de autonomização, bem como, contribuir para a investigação nesta área.

Outra das razões para tal escolha deve-se ao facto de a resposta de acolhimento na qual focalizamos a atenção constituir uma resposta recente.

Os objetivos gerais da investigação são os seguintes:

- Perceber o processo de autonomia dos jovens no apartamento de autonomia;
- Conhecer a influência das políticas sociais na institucionalização e desinstitucionalização dos jovens;
- Entender como se desenvolve o empowerment nos jovens institucionalizados;
- Compreender a relação desenvolvida, por parte dos jovens com os técnicos ainda com os colegas das instituições em que estiveram, antes de estar na Casa Pia;
- Percecionar a relação entre os jovens e a família;
- Conhecer as competências adquiridas pelo jovem no seu Projeto Pessoal e Social.

A presente dissertação de Mestrado encontra-se organizada por capítulos. Seguidamente passamos a explicar o teor de cada capítulo.

No **capítulo 1** abordamos a temática dos Jovens e Acolhimento Institucional, no sentido de definir as políticas sociais e respostas existentes na CPL e SCML. São também apresentados dados sobre o acolhimento ao nível nacional, bem como nas duas instituições de referência mencionadas anteriormente. Outro dos pontos desenvolvidos são os efeitos da institucionalização que se repercutem nos jovens.

No **capítulo 2** focalizamo-nos na autonomia dos jovens - Programa RAIA, para tal abordamos o projeto de vida: autonomização, bem como as respostas para os jovens, a Residência de Pré Autonomia, o apartamento de autonomia fruto, do Programa RAIA que

integra um Projeto de desenvolvimento pessoal e social dos jovens. Neste âmbito, analisamos os recursos sociais de suporte e as competências e dimensões cognitivas dos jovens.

No **capítulo 3** referimos a metodologia de investigação e o processo de institucionalização para a autonomia.

Também apresentamos os resultados da observação direta do Apartamento Autonomia.

Pretendemos também conhecer o processo de autonomização na CPL na perspetiva da psicóloga, educadora do Programa RAIA da CPL, em aspetos desde a institucionalização percurso, bem como a relação que o jovem estabelece na instituição, as políticas para a autonomia e vivências, respostas da Casa Pia de Lisboa, nomeadamente a Residência de Pré Autonomia, Apartamento de autonomia

No **capítulo 4** abordamos o processo de autonomização: competências para a autonomia e preparação da saída. Desenvolvemos, os fatores pertinentes da autonomização, o acompanhamento do processo de autonomia e as questões de género e autonomia bem como a rede social de apoio e a preparação da saída. Por fim, apresentamos dois casos de sucesso. Segue-se a conclusão e reflexão crítica.

Capítulo I. Jovens e Acolhimento Institucional

No presente capítulo começamos por focalizar a nossa atenção sobre os conceitos subjacentes à situação dos jovens em risco, a resiliência e a vulnerabilidade.

Damos fundamentalmente ênfase às respostas sociais da CPL e referimos ainda alguns dados da SCML, inicialmente obtidos sobre a institucionalização dos jovens. Por fim, apresentamos alguns dados sobre o acolhimento ao nível nacional.

1.1. Jovens em risco

Começamos por refletir sobre o conceito de criança/jovem. Neste sentido, a Convenção dos Direitos da Criança (1990), artigo 1 e o artigo 122.º do código civil expressam o conceito de criança com idade até aos 18 anos¹, e a lei n.º 147/99, elucida para “a pessoa com menos de 21 anos que solicite a continuação da intervenção iniciada antes de atingir os 18 anos”. (Lei, n.º 147/99, artigo 5).

Ainda, para tentarmos encontrar uma definição para jovem, existem vários autores que argumentam no sentido de perceber a idade em que se é jovem e quando o mesmo se torna adulto. Este aspeto é determinado por questões sociais e culturais (Pais 1990, 2001). Assim, a questão da idade pode ser determinada a partir do momento em que o jovem sai de casa dos pais, termina a escolaridade obrigatória ou entra no mercado de trabalho (Ferreira e Nunes (2010). Neste sentido, são considerados para os jovens diferentes grupos etários, nomeadamente, 15-29 anos num estudo do Eurostat, 18-34 (Pais e Ferreira, 2010) sendo determinada pelo contexto cultural e sócio económico, em que os jovens permanecem mais tempo em casa dos pais.

De seguida, referimos alguns aspetos que fazem parte do desenvolvimento da criança, de acordo com a Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco [CNPCJR] (2014), referindo que a mesma merece ser respeitada, receber afeto, estar protegida e receber educação. Assim, no que diz respeito à educação desenvolvemos mais adiante este conceito, através do Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Por fim, o afeto, ou seja, a relação que o jovem estabelece com os funcionários, técnicos e educadores, bem como com os pares, na instituição de acolhimento.

¹No entanto esta questão é variável consoante a legislação em cada país.

No âmbito do desenvolvimento da criança, de acordo com o artigo 69.º, nº1 a Constituição da República Portuguesa responsabiliza a sociedade e o Estado, no âmbito proteção da criança.

“as crianças têm direito à proteção da sociedade e do Estado, com vista ao seu desenvolvimento integral, especialmente contra todas as formas de abandono, de discriminação e de opressão e contra o exercício abusivo da autoridade na família e nas demais instituições”.

Uma vez que a presente dissertação debruça-se sobre os jovens em autonomia, devem ser assegurados aos mesmos determinados direitos. De acordo com o artigo 70.º do n.º 1: designam-se como económicos, sociais, culturais.

Os jovens são apoiados ao nível do ensino, bem como na formação em termos profissionais, na cultura; na procura de emprego, no trabalho e na segurança social; habitação, educação física, desporto e nos tempos livres. (art 70, CPR)

Ainda no que se refere à promoção dos direitos e proteção dos jovens, de acordo com o Despacho 9016/2012, o Plano SERE + (Sensibilizar, Envolver, Renovar, Esperança, MAIS), promove a “educação para a cidadania, sentido de identidade, de autonomia e segurança” de modo a protegê-los. Para tal devem definir um projeto que contribua para o seu desenvolvimento, bem como preparar a saída da instituição em que se encontra acolhido.

No entanto, para além do que a LPCJ e a convenção e o código civil preveem, Penha (1996), explora outra dimensão do conceito de criança, na medida em que se refere à existência de “vulnerabilidades” e riscos que se prendem com o facto de ser criança. Para tal, explicita três aspetos inerentes ao ser humano nomeadamente: o fato de a criança não ser capaz de subsistir por si própria e a vinculação que estabelece com a sua mãe, repercutindo-se este processo nas interações com o meio envolvente de modo a existir a assimilação /integração. De seguida, pretendemos dar ênfase de acordo com a mesma autora, às necessidades que a criança tem, e que devem ser asseguradas, para o seu desenvolvimento e para prevenir situações de risco (e) ou perigo. Estas necessidades englobam as necessidades físicas e psicológicas, sendo a família, escola e a comunidade responsáveis por concretizá-las, de acordo com o Guia para profissionais da CNPCJR. No entanto, as necessidades básicas podem não ser satisfeitas devido às características biológicas ou da família. Estas traduzem-se na alimentação, proteção, abrigo e afetividade.

Também de acordo com Gomes (2010:5) referimo-nos à rede de afetos que a família deve assegurar e relações que a família deve manter com a criança.

“a família possa gerir uma rede de afetos entre os seus elementos, proporcionando-lhe segurança, proteção, capacidade para confiar em si e no outro, estabilidade e aceitação de cada um dos elementos, com as suas características e especificidades e ainda que garanta a continuidade das relações, transmita regras, limites, valores e princípios que vão influenciar o indivíduo na sua identidade pessoal”.

Referimos ainda a noção de “alto risco” dada pela Declaração de Salamanca da Unesco, salientando que o desenvolvimento da criança está sujeito às características da mesma e ao seu meio envolvente. Tal fato pode repercutir-se negativamente no seu desenvolvimento, originando consequentemente o seu atraso. Também, de acordo com T. Tjossem (1978, cit. in Penha 1996) os tipos de crianças em risco existentes, referidos atrás, não têm como génese uma causa única, mas sim a acumulação de diversos fatores, nomeadamente o meio ambiente e o biológico, que, quando relacionados desencadeiam situações com gravidade.

Voltando aos fatores de risco, existem os macro e micro sociais. Por um lado, os primeiros são considerados “propensos de risco e não etiológico exclusivos”, continuando a seguir Penha (1996) a pobreza é destacada, devido à escassez de recursos que levam à não satisfação das necessidades básicas da sobrevivência. Outro dos aspetos que esta autora refere é a falta de conciliação entre as necessidades da família e o trabalho repercutindo-se esta realidade na criança que não tem apoio ao nível sócio afetivo. Por outro lado, ao nível micro social, a autora destaca o stress social e refere que este se traduz devido à separação, divórcio, luto, desemprego, doenças provenientes da família. Neste âmbito, não existe apoio à criança ao nível social, psicológico, material e familiar. Ainda, a este nível salienta as famílias “funcionalmente deficitárias”, pelo facto de não saberem desempenhar o papel da parentalidade devido à sua imaturidade refletindo-se a mesma no desenvolvimento físico e emocional da criança. Também os estilos de vida são fator de risco, ao nível do consumo de drogas, álcool, prostituição e mendicidade. De igual modo os fatores culturais podem traduzir-se nalgumas culturas num rigor excessivo na educação da criança. Por último, a mesma autora refere que os fatores de risco centrados na criança, podem suceder posteriormente ao nascimento desta, tais como o facto de a mesma ser rejeitada; a partir do nascimento.

Uma vez dada relevância ao risco e aos fatores de risco, pretendemos dar ênfase às medidas de promoção dos direitos e proteção destes jovens, tal como consolida o artigo 34º, da LPCJ 147/99. Estas intervêm em “questões de segurança, saúde, formação, educação, bem-

estar”. Salientado o objetivo das medidas² de promoção e proteção, de acordo com o artigo 35º da LPCJ procedemos à enumeração das mesmas, nomeadamente, o apoio para autonomia de vida e o acolhimento em instituição.

Por inúmeras vezes no presente capítulo referimos a educação e salienta-se no âmbito desta dissertação a importância da educação para a autonomia no sentido em que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) o constrói.

De acordo com PNUD (2012), definimos o conceito de desenvolvimento humano que focaliza-se sobre as pessoas, nomeadamente nas suas “características sociais, culturais e políticas” que contribuem para a qualidade de vida de uma população. Neste âmbito, o IDH é uma medida que operacionaliza o desenvolvimento humano. Assim, os aspetos³ que fazem parte desta medida são: a saúde, a educação (o número médio de anos que uma pessoa com mais de 25 anos recebeu; número de anos que uma criança pode esperar receber) e o rendimento per capita.

Apresentamos alguns dados sobre o Relatório do PNUD (2014) no nosso país, relativamente ao Índice de Desenvolvimento Humano e seus componentes. Neste Relatório, importa-nos perceber os valores⁴ que atingimos ao nível da educação, nomeadamente os anos de escolaridade da pessoa com 25 anos (2012), que se traduz em 8.2 (Noruega, país mais desenvolvido tem 12.6) e o rendimento nacional Bruto per capita em Portugal é de 24,130, enquanto que para o mesmo país é de 63.909.

Ainda, no âmbito da educação dos jovens, de acordo com o Relatório da UNESCO (1996), para o desenvolvimento da educação são necessários determinados aspetos, tais como, aprender a conhecer (cultura geral e através de experiências que a vida lhe proporciona), aprender a fazer (através de experiências sociais ou de trabalho), aprender a viver juntos (a compreender o outro), significando o “respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz”.

Assim destacamos as várias aprendizagens que a criança deve fazer

² Para além das medidas referidas, também existem o apoio junto dos pais, o apoio junto de outro familiar e a confiança a pessoa idónea.

³ Existem outros indicadores que este integra: Índice de desenvolvimento humano ajustado à igualdade, há desigualdade de género e por fim à pobreza multidimensional.

⁴ Portugal está em 41.º lugar no elevado nível de desenvolvimento humano.

“aprender a ser, desenvolver a sua personalidade e agir com capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se”. (Relatório UNESCO,1996)

Uma vez que os jovens em autonomia, são institucionalizados precocemente tal como verificamos no perfil dos jovens (2.6), refletimos sobre a qualidade da educação na infância, em que a autonomia relaciona-se com o percurso que as crianças terão de fazer no sentido da autonomia, para que sejam habilitados à construção do seu futuro, tal como afirma Cidade Solidária, 2010:10-11.

“A qualidade da educação refere-se aos ambientes que há que criar às crianças e suas famílias. A educação de infância só produz efeitos se esta for de qualidade. Os primeiros anos de vida da criança são demasiado importantes para contribuírem para o seu sucesso futuro”.

1.2. A resiliência e vulnerabilidade

De seguida damos relevância a um fator que é determinante no percurso de autonomia do jovem, bem como na saída do mesmo da instituição.

No início do presente capítulo já referimos a questão de sobrevivência da criança, para tal Manciaux (cit por Penha (1996) apresenta o conceito de resiliência que se traduz no facto de a criança conseguir ultrapassar uma situação vulnerável de forma positiva. Também, o professor Laesel cit por Penha (1996) e Vanistendael, Stefan apresentam alguns fatores⁵, que permitem o desenvolvimento desta capacidade. Seguindo de perto o guia de orientações para os profissionais , no âmbito do conceito de resiliência, a família ou a criança têm características que permitem ultrapassar a situação de perigo ou risco. Para além destas características, apresentamos de seguida a relação que os jovens mantêm com os funcionários da instituição que constituem um elemento importante, na instituição. Para tal Yunes Miranda Cuello, (2004) cit in Mota e Matos (2010) salientam a ligação e afeto que os jovens podem ter pelos professores, funcionários, e amigos que lhes prestam cuidados. É fundamental para que estes tenham um sentimento de pertença à instituição em que se encontram em acolhimento, onde aqueles podem desempenhar o papel de pais e de partilha de sentimentos. Seguindo de

⁵ a rede social de apoio, auto- estima e humor, Clima educativo emocionalmente positivo aberto e regido por normas, modelos sociais que estimulem a conduta construtiva, avaliação de responsabilidades sociais e exigência de resultados, experiências de autoeficácia, autoconfiança e conceito positivo de si mesmo, atuação positiva face a fatores de stress. as competências cognitivas, oportunidades de autonomia.

perto Cairns e Stanway,2004; McCartney e Dearing, 2002; Nicholson Ayers,2004 cit in Calheiros (2013) o jovem estabelece as relações com os adultos referidos, para se sentirem apoiados e protegidos. Também, o grupo de pares permite que os jovens adquiram competências, ao nível do auto controlo e da resolução de dificuldades. “Este grupo acompanha o jovem ao nível cognitivo, sócio emocional, familiar, bem como na imagem que este tem de si próprio”. (Soares,1990 cit por Mota e Matos, 2010)

Neste sentido, os educadores da instituição são o apoio dos jovens minorando as situações de risco e evitando repercussões ao nível psicossocial. De acordo com Leon, 2000, Ward et al; 2003, cit in Calheiros (2013), existe um conjunto de aspetos que devem fazer parte desta relação nomeadamente, o facto de o educador mostrar-se disponível para ouvir o jovem, perceber como se sente, bem como, ajudá-lo a definir os objetivos que pretende alcançar na instituição. Também, Dixon e Stein, 2003, Sinclair e Gibbs, (1998) referem que uma das características é a relação com técnicos e educadores e a qualidade, que influencia a forma como os jovens vivenciam o acolhimento na instituição.

Mas, de acordo com Bebbington e Miles,1989; Osborn, Delfabbro, e Barber,2008) cit in Calheiros (2013) esta realidade não acontece nas instituições em que o jovem se encontra acolhido, visto que não se verifica a existência de uma relação próxima de qualidade com o mesmo, visto que estes não lhe transmitem confiança, o que se traduz negativamente no seu desenvolvimento.

1.3. Respostas sociais na CPL e SCML

Seguidamente apresentamos as respostas sociais existentes para os jovens em risco, desenvolvidas por duas instituições na cidade de Lisboa, nomeadamente a CPL e a SCML.

A Direção de Apoio à Coordenação (DAC) (2013) apresenta, as etapas pelas quais o jovem passa para que tenha um futuro repleto de sustentabilidade. Estas operacionalizam-se através de equipamentos, nomeadamente, a Residência de Acolhimento, o AA, o acompanhamento para a inserção e o Follow-up.

No CED de Santa Clara é desenvolvida uma resposta para os jovens, designada por acompanhamento para a Inserção do jovem e consiste no “apoio psicossocial e/ou financeiro até 2 anos depois da saída de acolhimento, constituindo um up-grade à intervenção prevista na legislação em vigor” (DAC,2013,p.7).

Primeiramente apresentamos as respostas existentes neste âmbito na CPL. Esta instituição, de acordo com o Decreto-lei n.º 77/2012, intervém com as crianças e jovens em acolhimento e perspetiva o regresso por parte destes há família, se a mesma existir:

“A CPL, I. P., tem por missão integrar crianças e adolescentes, designadamente as desprovidas de meio familiar adequado, garantindo -lhes percursos educativos inclusivos, assentes, nomeadamente, numa escolaridade prolongada, num ensino profissional de qualidade e numa aposta na integração profissional e, sempre que necessário, acolhendo-os”.

No âmbito do acolhimento residencial e seguindo de perto a DAC (2013) apresentamos os recursos⁶ que esta instituição dispõe, nomeadamente, as onze residências de acolhimento que permitem acolher entre 12 a 15 crianças/jovens cada uma, duas RPA (com 15 adolescentes entre os 15 e os 18 anos para cada uma). Outra das respostas são seis AA que permitem acolher jovens com entre os 16 e os 21 anos e uma Equipa de Acompanhamento para a Inserção⁷. Pretendemos na presente dissertação focalizar a nossa atenção sobre os Apartamentos de Autonomia, por compreender as idades de autonomização.

Tal como mencionado no início deste ponto do capítulo 1, apresentamos seguidamente, de forma sucinta, as respostas de que a SCML dispõe. No âmbito das crianças e jovens em perigo. A SCML apresenta os seguintes equipamentos⁸: o LIJ e as RPA⁹ e AA¹⁰.

De seguida são apresentados alguns dados sobre o acolhimento de jovens em várias instituições da SCML. Para tal recorreremos à análise do Relatório de Gestão de Contas da SCML (2012), que apresenta a seguinte realidade da SCML no domínio do acolhimento, existem 34 instituições que apoiam cerca de 410¹¹ crianças e jovens, dos quais 230 jovens

¹ A Casa Pia dispõe também de uma Residência de Acolhimento Terapêutico; uma Casa de Acolhimento Temporário; um Lar de Apoio 16 crianças e jovens surdas + 1 Lar Residencial para 24 jovens surdocegos, 1 Residência de Acolhimento Especializado, 1 Equipa de Acompanhamento para a Inserção.

⁷ É desenvolvido o acompanhamento técnico regular de apoio à reunificação familiar ou à autonomia de vida, aquando da saída da instituição para meio natural de vida, pelo período de no máximo dois anos.

⁸ Centro de Acolhimento e Observação Temporário, Equipa de Apoio Técnico ao Tribunal de Lisboa, Equipas de Apoio a Famílias, Projeto "Pé ante Pé".

⁹ Casa de Santa Brígida, Residência S. João de Brito – Residência de Autonomização Masculina

¹⁰ Casa de Alvalade – Residência de Autonomização Feminina, Casa da Lapa – Residência de Autonomização Masculina Residência de Santa Clara – Residência de Autonomização Feminina

¹¹ Dos quais, 123 encontravam-se em Centros de Acolhimento Temporário (CAT) e 16 em lar para crianças portadoras de deficiência.

permaneciam em LIJ. Nas 2 residências de pré-autonomização residiam 9 jovens, entre os 20 e os 24 anos. Por fim, nas 11 residências/apartamentos de autonomização, residem cerca de 29 jovens com idades entre os 18 e os 21 anos.

1.4. Institucionalização de jovens e seus efeitos

Ao longo da dissertação temos referido o acolhimento, no âmbito dos jovens em risco.

Seguindo de perto o Conselho Técnico Científico da Casa Pia de Lisboa [CTCPL] (2005) apresenta a existência deste paradigma deve-se aos “disfuncionamentos” que se verificam ao nível da família, escola, bem como na nossa sociedade. Para que não tenhamos de recorrer à institucionalização devemos de acordo com Kaes (1982) e Pain (2004) cit. por CTCPL (2005) intervir no contexto familiar, bem como na nossa sociedade. Assim sendo, esta é privilegiada no acolhimento quando não se verifique mais nenhum tipo de resposta que acolha o jovem e nem se consiga manter em família como refere o Relatório.

Assim, a institucionalização como último recurso é um dos princípios a seguir. Assim, nas instituições os técnicos devem avaliar a situação do jovem, conforme refere Roçadas, 2013: p.40

“Faltam instituições adequadas, com quadros técnicos preparados para de uma forma atempada apreciar a situação social e jurídica da criança, promoverem a sua desinstitucionalização, criando alternativas á institucionalização e proporem isso aos tribunais. É preciso que as decisões dos tribunais sejam um elemento promotor da desinstitucionalização. O atual sistema atribui aos tribunais a responsabilidade, de pelo modo como provocam, perguntam, questionam as instituições e os serviços sociais com que trabalham, por forma a que a definição do projeto de vida das crianças seja fundamentalmente definido.”

Uma vez que recorremos à institucionalização para os jovens, lei 147/99, já anteriormente referida a medida de acolhimento prevista em instituição consiste na:

“colocação do jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral”. (art.49, 1999:6123)

Em relação ao tempo de institucionalização que a lei prevê, nos termos do artigo 50.º, da mesma lei, n.º 4 faz referência ao acolhimento por longo período de tempo, isto é superior a 6 meses em LIJ. Embora exista também o acolhimento de curta duração importa focalizar a nossa atenção neste agora referido.

Assim sendo, de acordo com o DAC (2013) debruçamo-nos sobre a residência em que o jovem se encontra acolhido, sendo que seis meses antes da saída do jovem pode adquirir competências e posteriormente regressar à família, se existir, ou para autonomia de vida.

Focalizamos a nossa atenção sobre os modelos de acolhimento. De acordo com Duarte (2012) o modelo existente deve ser alterado, visto que os jovens são acolhidos na instituição em que têm vaga. No entanto, não são tidos em conta determinados aspetos relativos ao jovem, tais como, a idade, o género e por fim, a forma como cada jovem se desenvolve. Deste modo, a autora propõe um modelo que tem em conta as necessidades de cada jovem, designado modelo especializado, como sucede com a AA. Assim, Moniz (2010) refere que as instituições de acolhimento dos jovens proporcionam uma proteção que considera excessiva. Esta proteção é explicitada da seguinte forma:

“quem esteve dez anos numa instituição nunca teve de decidir nada na sua vida, teve sempre alguém que decidisse por ele”. É neste sentido que são necessários, senão indispensável, os AA.

Voltando ao acolhimento, este autor analisou a realidade das crianças e jovens desde 2003 a 2010, em que não existiam respostas especializadas¹² para os jovens.

Os apartamentos de autonomia aos quais damos ênfase tiveram início na CPL em 2005. Assim, em 2003 os Programas elaborados para os jovens, não tinham em conta as suas necessidades. Posteriormente existe o Programa RAIA, que veremos mais à frente. Também, os projetos de vida dos jovens em ordem à autonomia estão definidos bem como o projeto para o desenvolvimento pessoal de cada jovem, o que não sucedia anteriormente.

No desenvolvimento do acolhimento institucional, este pode ser perspetivado negativamente ou de forma positiva, em função dos efeitos que deste resultam. Nesta perspetiva, também Gaspar (2014) refere que é essencial o acompanhamento dos jovens por parte do Estado, a partir do momento da saída da instituição de acolhimento. Este apoio deve traduzir-se em “redes de apoio ou de suporte interventivo”, nomeadamente em termos de habitação e emprego. O autor refere que é uma forma de prevenir a mendicidade, bem como a delinquência dos jovens.

¹² o CAT, a unidade terapêutica e educativa e por fim, a equipa que acompanha os jovens no regresso a família, se existir.

O autor sugere a criação de uma casa de “acolhimento inicial”, para as crianças que são institucionalizadas, bem como outra instituição que tenha por objetivo uma vida independente e que dê ferramentas aos jovens para que tal se concretize.

No entanto, de acordo com Knorth, Harder, Zandberg e Kendrick, (2008), Little, Kohm, e Thompson, 2005; NBC, 2006) cit in Calheiros (2013) os efeitos positivos do acolhimento traduzem-se em ultrapassar a situação de risco a qual o jovem esteve sujeito e não permitir que esta se torne um problema psicossocial, pelo contrário este deve contribuir para o desenvolvimento por parte do jovem. Assim, de acordo com Carneiro (2005) as instituições em que os jovens se encontram acolhidos devem privilegiar a educação dos mesmos, bem como o seu desenvolvimento psicossocial.

Postas estas questões Knorth e colaboradores referem que são elaborados Programas neste âmbito para dar ferramentas aos jovens para enfrentar a vida, em sociedade, fora da instituição. Tal como Sampaio (2014) reflete sobre o tempo que os jovens permanecem em acolhimento em instituição referindo que é um período de tempo superior ao necessário e que acarreta riscos. Este autor refere que o jovem não deve permanecer durante tanto tempo sem o ambiente familiar adequado, no entanto, por vezes é possível regressar ao mesmo, ou não, sem projeto de vida. Este autor equaciona que o tempo de institucionalização que aqui refletimos sucede no acolhimento pelo facto de os profissionais que trabalham nas instituições não serem suficientes para desenvolver uma intervenção “eficaz” junto destes jovens.

Também nesta ótica, a Casa Pia (2005) aborda a institucionalização numa perspetiva de esta se poder tornar um risco social e psicológico, no caso de o jovem ficar institucionalizado durante um longo período de tempo sem um projeto de vida que o apoie. Mas, uma realidade que se constata é que aos 18 anos os jovens não estão preparados para sair da instituição, ao nível das competências que possuem, nomeadamente ao nível de “projeto formativo, profissional ou sem suporte à inserção psicossocial” do jovem. Também Moniz (2010) partilha a mesma opinião e acrescenta que se verifica a inexistência de relações com qualidade que o jovem estabelece na instituição em que se encontra em acolhimento. Assim, Alberto (2002) cit in Relatório CPL (2005) revela que uma instituição pode proporcionar às crianças segurança e subsistência fisiológica, o que pode não suceder na família de origem ou de acolhimento. Este aspeto também tem impacto sobre o desenvolvimento do jovem.

Ainda, segundo o mesmo Relatório esta realidade tem um impacto negativo sobre o próprio jovem, bem como ao nível, profissional e familiar. Uma vez que já referimos que o

período de acolhimento dos jovens em institucionalização acarreta riscos para o jovem, nomeadamente no facto de poder “perder em definitivo os vínculos fundamentais”. Outro dos riscos que se encontram subjacentes a esta questão é a “marginalização pessoal”, na medida em que os jovens sentem-se diferentes em relação a outros jovens.

No Relatório acima referido onde participam vários autores, nomeadamente Alberto (1999), Coias (1995), Formosinho (2002), Strech (2000), Vila Verde (2000) concluem que as crianças que se encontram nesta situação apresentam um conjunto de efeitos que se repercutem em sintomas de “frustração, relacionamento interpessoal, sentimentos depressivos e imagens auto depreciativas, a ansiedade, agressividade destrutiva, insucesso escolar, oscilações de humor, instabilidade emocional e frágil auto estima”. Alertam ainda para o facto de as crianças serem acolhidas em instituição cada vez mais cedo, ao nível de idade e por um longo período de tempo, como já foi referido atrás. Esta questão tem a ver com facto de que para a criança existe um tempo no qual as “necessidades instintivas e emocionais” devem ser concretizadas. Assim, nos primeiros anos de vida esta pode apresentar limitação ao nível do pensamento e sentir-se frustrada pelo período de tempo que esteve separada da família, fonte de satisfação dessas necessidades. Daqui resulta que os jovens na instituição não têm o privilégio de se sentirem “queridos e desejados”, mesmo que tenham os devidos cuidados por parte dos profissionais, sendo que estes não são suficientes, como já foi referido anteriormente.

Tal como é referido por Silva (2004), a vida destes jovens na instituição é delineada em função de rotinas pré-estabelecidas, que não têm em conta as necessidades diferenciadas de cada um dos jovens.

De acordo com o CTCPL (2005), a desinstitucionalização é considerada o segundo paradigma relativo aos jovens, sendo o primeiro o da institucionalização que acabamos de referir. Assim, de acordo com Berger (1998, cit in CPL, 2005, p.51):

“a colocação de crianças em instituições em regime de internato, mesmo que de modo transitório, pode tornar-se erosiva em função da fragilização dos vínculos, designadamente determinada pelo prolongamento da separação familiar”

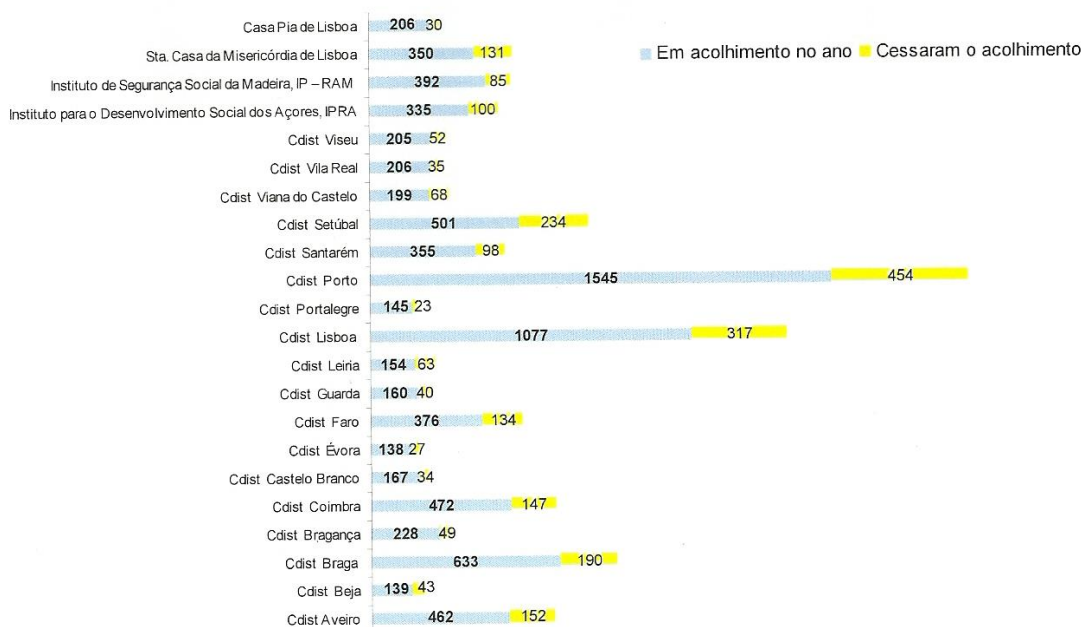
1.5. O acolhimento ao nível nacional

Embora esta pesquisa incida na CPL interessa também conhecer a realidade dos jovens no âmbito do acolhimento, ao nível nacional. Neste sentido, recorreremos à análise de alguns

dados sócio demográficos do Relatório¹³ de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens (CASA 2013). O presente Relatório tem observações gerais que podem adequar-se à realidade dos jovens em apartamento de autonomia. Embora incida sobre outras instituições¹⁴, pretendemos focalizar-nos nos LIJ e nos AA.

Este relatório refere que encontram-se em acolhimento 8445. Também ao nível distrital, verificamos, através do gráfico n.º 1, que apresentamos de seguida, num universo de 10.951 crianças e jovens que foram analisadas no Relatório, no distrito de Lisboa, 1.633 (19,3%) encontram-se em acolhimento. O distrito que apresenta valores menores é o de Évora, com 38 crianças e jovens.

Gráfico 1. Análise dos fluxos de permanência e saída do acolhimento por entidades executoras
N.º. N=10.951 crianças e jovens



Fonte: Relatório CASA 2013

¹³ O Relatório ISS. IP. designa as “entidades executoras” que participaram no Relatório CASA 2013 nomeadamente: Serviços do Instituto da Segurança Social, IP., a Casa Pia de Lisboa, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, o Instituto de Segurança Social da Madeira, IP – RAM e o Instituto para o Desenvolvimento Social dos Açores, IPRA.

¹⁴ as Famílias de Acolhimento e algumas instituições de acolhimento, tais como, os Centros de Acolhimento Temporário, Unidades de Emergência, Casas de Acolhimento de Emergência, Centros de Apoio à Vida, Lares Residenciais, Comunidade Terapêutica, Comunidade de Inserção e Lares de Apoio, e por fim, os Colégios de Ensino Especial.

Em relação à idade dos jovens residentes AA, das 8.445 crianças e jovens, dos 12 aos 17 anos, corresponde a 56,2% (4.742) e dos 18 aos 20 anos corresponde a 11,2% (946) crianças e jovens. No entanto, também se verifica a realidade dos jovens com mais de 21 anos (48%), permanecerem ainda em acolhimento, visto que 30% destes jovens ainda não terminaram o curso. Esta realidade também se verifica no perfil dos jovens entrevistados, dos AA do CED de Santa Catarina.

No que se refere ao projeto de vida dos jovens, entre outros¹⁵, mas referimo-nos ao de autonomização em que 2.759 crianças e jovens (32,7%) têm este projeto de vida na instituição.

No que se refere à categoria de idade do acolhimento¹⁶, mais concretamente nas idades de autonomização, as pré autonomias e apartamentos de autonomia recebem os jovens, a partir dos 16 anos.

No que se refere à questão da problemática dos jovens que se encontram em apartamento de autonomia conseguimos obter informações através de um contacto informal com a mesma psicóloga da Equipa do RAIA (Apêndice VII). Foi assim explicitado que o único motivo de integração/admissão nos apartamentos de autonomia do Programa RAIA é o de aquisição e treino de competências. A mesma psicóloga referiu que “os jovens já não vem por negligência, também já não estão em situação de risco ou perigo”. No entanto esta ideia é contraditória, visto que também refere que o Estudo do CASA (2013) reflete a realidade dos jovens da CPL, porque também esta instituição participou no estudo. Esta técnica acrescentou ainda, que o critério de exclusão refere-se aos jovens com deficiência cognitiva que não conseguem fazer o Programa RAIA. No entanto, refere a existência de jovens com dificuldades cognitivas ligeiras, neste Programa, salvo com deficiência mental.

No que se refere à questão da escolaridade, num universo de 5404 crianças e jovens, com idades entre os 17 e 20 anos, o que corresponde a 71 jovens (64 em 2012) têm a escolaridade obrigatória e procuram um emprego, assim como 47 jovens já estão empregados

¹⁵ O acolhimento permanente corresponde a 18% e a (re) integração na família nuclear de origem traduz-se em 16%.

¹⁶ dos 0 aos 5 anos, verifica-se a negligência dos cuidados de saúde, exposição a modelos parentais desviantes e ausência temporária de suporte familiar e o abandono.

e 20 frequentam o CET. Os jovens também frequentam o Ensino Superior. Esta realidade traduz-se em 66 jovens.

Também na amostra de jovens entrevistados dos AA estão a frequentar este tipo de cursos.

Analizamos de seguida uma realidade que também sucede na nossa amostra dos AA, nomeadamente, as respostas que os jovens já percorreram no seu percurso institucional, das 5.492 crianças e jovens que se encontram em acolhimento, 1.757 (82,2%) permanecem na segunda instituição acolhimento, 290 (13,6%), na terceira e 90 (4,2%) estão na quarta ou quinta instituição.

Os AA enquadram-se no acolhimento prolongado, dos quais permanecem 31 (0,3%) jovens, destinados entre os 18 e os 20 anos.

Dos 2.759 jovens com o projeto de vida para a autonomização, 1.125 jovens (41%) estiveram anteriormente acolhidos, 426 em CAT e 414 em LIJ.

No entanto no presente Relatório não verificamos a existência de dados sobre outra das respostas de autonomia, a RPA.

De seguida apresentamos várias realidades expostas no Relatório relativamente à saída de 493 jovens em autonomização. Destes jovens 36,1% (178) foram viver com os pais, 30,2% (149) foram viver para uma casa, quarto, residencial, 13% (64) foram viver com outros familiares, 9,7% (48) não foi necessário prolongar o Programa RAIA e 6,3% (31) foram para junto de uma pessoa/família idónea. A nossa amostra de jovens dos AA tem necessidade de prolongar o Programa RAIA pelo facto de ainda não terem terminado os cursos. Dos referidos jovens 52% dos casos, não tiveram apoio dos recursos da comunidade Plano Cooperado de Intervenção (PCI), no entanto 12% tiveram ao nível económico, apoio para autonomia de vida e 10% apoios económicos da ação social. Ao nível da formação e inserção profissional 10% dos jovens estavam inscritos no centro de emprego.

Capítulo II. Autonomia dos jovens

No presente capítulo abordamos o conceito de autonomia e autonomização dos jovens.

De seguida apresentamos os Programas e Projetos no âmbito da autonomia destes, bem como sobre as respostas que advém do Programa RAIA. Debruçamo-nos também sobre as competências que os jovens devem adquirir nos apartamentos de autonomia e a questão do género na autonomização.

Seguidamente tratamos, o Empowerment e autonomia que é determinante no processo de acolhimento em apartamento de autonomia.

2.1. Autonomia e autonomização

No presente subcapítulo abordamos o conceito de autonomia, de acordo com a lei 147/99, o artigo 45.º

“proporcionar diretamente ao jovem com idade superior a 15 anos apoio económico e acompanhamento psicopedagógico e social, nomeadamente através do acesso a programas de formação, visando proporcionar-lhe condições que o habilitem e lhe permitam viver por si só e adquirir progressivamente autonomia de vida”.

Também o decreto-lei n.º 12/2008, o artigo 30.º, n.º.1 acrescenta, de acordo com a alínea b), a formação ao nível pessoal, social, profissional e por fim, na inserção no mercado de trabalho. Ainda no desenvolvimento deste conceito, o artigo 32.º do mesmo decreto-lei, o n.º 1, refere que o jovem e o técnico traçam os objetivos que pretendem alcançar a autonomia, bem como a forma de os concretizar.

No sentido de definir o conceito de autonomia, na língua grega auto que significa “si mesmo” e “nomos” a lei.

A autonomia é definida como o indivíduo se governar pelas suas próprias leis (Petit Robert). Assim sendo, apresentamos dois conceitos, o de autonomia, por oposição ao de comando.

“A autonomia representa a lei interna, a produção do eu, da identidade. O comando corresponde à lei externa, aos sistemas input-output, o consumo, a definição pelo exterior designada de alonímia”. (cf. Weber 2011:91)

Assim, as relações que a pessoa mantém com o meio em que está inserido, permitem que adquira a autonomia da aprendizagem. Esta aprendizagem exige responsabilidade

Nesta perspetiva construtivista implica a responsabilidade, a inteligência consciente nas inter-relações.

“ a inteligência não começa nem no conhecimento do eu nem no das coisas em si mesmas, mas no conhecimento da interação entre eles, é ao orientar-se simultaneamente para os dois pólos dessa interação que a inteligência organiza o mundo, organizando-se ela mesmo”
(Piaget, 1977:311 cit in Weber: 91-2)

Debruçamo-nos agora sobre o conceito de autonomia, de acordo com Doron e Parot (2001) o jovem apreende regras e valores ou estabelece a forma como deve agir, também Reichert e Wagner (2007) acrescentam que a forma como o jovem adquire a autonomia é determinada pelo contexto, em que se desenvolve. (Reichert & Wagner, 2007:408). Também para Piaget cit in Doron e Parot (2001) reflete que uma criança apresenta uma moral heterónoma, em que lhe são impostas regras e posteriormente, adquire uma moral autónoma, em que o jovem possui características próprias.

Para além do que já referimos sobre o conceito de autonomia, Reichert e Wagner (2007) referem que este conceito tem subjacente a independência, na forma de agir por si mesmo.

Noom, Dekovic e Meeus (1999) cit in Reichert e Wagner, 2007) referem que o jovem pode adquirir a autonomia atitudinal ou cognitiva, em que define os objectivos a alcançar, bem como a forma de os concretizar; a autonomia funcional ou condutual, em que é independente dos progenitores para tratar de determinados assuntos; a “autonomia emocional que complementa com os restantes tipos de autonomia, visto que o jovem sente-se confiante para concretizar aquilo que é proposto nos diferentes tipos de autonomia.

Já referimos na presente dissertação que os jovens estão em transição para a vida adulta, para contextualizar este facto, Damon (2008) refere que neste período (adolescência) os jovens refletem sobre si e sobre o futuro e tentam criar uma identidade própria. Assim, quanto mais tardiamente o jovem se encontrar neste período (transição para a vida adulta) pode suceder que não adquira as competências necessárias para alcançar os objetivos.

Hines, Merdinger, &Wyatt, (2005) cit in Calheiros (2013) menciona o conceito de transição da adolescência para a vida adulta e faz referência aos jovens que vivem em acolhimento residencial “por longo período de tempo”. No caso de não serem bem sucedidos nos desafios com que se deparam, os mesmos podem repercutir-se nos resultados escolares, na dificuldades em encontrar uma habitação, ter dinheiro e um emprego. (Barth,1990; Blome, 1997; McMillen&Tucker,1999) cit in Calheiros 2013

Uma vez definidos vários tipos de autonomia importa perceber a diferença entre o conceito de autonomia e o de autonomização. No caso da segunda, para Gomes (2010) integra-se no

percurso de autonomia (desde a infância à idade adulta) em que lhe são estimuladas competências, para se tornar autónomo. (Gomes, 2010, p.195).

Na perspetiva de Gomes (2010), existem vários aspetos que contribuem para que o jovem adquira autonomia, nomeadamente ao nível afetivo e cognitivo (o conhecimento de si próprio), e ao nível comportamental, isto é na vertente mais prática (Gomes, 2010, p. 196-197).

A mesma autora refere que sucede o facto de quando os jovens deixam a instituição que os acolheu, deixam de ter “garantia de acesso a recursos ou outras formas de apoio por parte de outros adultos” o mesmo não sucede aos jovens que são acompanhados pelos “núcleos familiares estáveis”. (Barth, 1990; Leon, Hines, & Merdinger, 2005) cit in Calheiros 2013. Tal pode significar que as exigências de autonomia são mais elevadas para os jovens institucionalizados, o que se apresenta como contraditório pois estes tiveram menos apoios no seu desenvolvimento.

Também Faleiros (2002) citando Bourdieu (1992), refere-se ao desenvolvimento de autonomia.

“O desenvolvimento da autonomia do sujeito implica a apropriação pela consciência, da necessidade que está inscrita na história e pelo descobrimento e uso da própria força no contexto em que as necessidades e as possibilidades se inscrevem.
As decisões sobre seu próprio destino e mesmo sobre seu próprio corpo, são limitadas pelas relações de classe, de raça, de género, de socialidade local.”

2.1.1. Transição para a vida adulta

Uma vez que já referimos ao longo da dissertação a questão da autonomia dos jovens e de acordo com Calheiros (2013) estes não têm apoio nas instituições no âmbito da transição para a vida adulta.

Assim, com base em alguns textos do Observatório Permanente para a Juventude tentamos perceber como sucede a realidade do processo de autonomia dos jovens em Portugal, aos quais não faz referência se estão institucionalizados ou não.

Iniciamos a análise destes textos de acordo com Ferreira (2011) que refere que em Portugal e de acordo com o seguinte gráfico, os jovens encontram o primeiro emprego, aos 17 anos. Assim, para o autor este valor tem a justificação de “estratégias de subemprego ou de emprego”, existentes em Portugal. No entanto esta realidade não determina a saída dos jovens de casa dos pais, visto que o referido apenas acontece aos 21 anos de idade.

Tabela 1. Idades médias de entrada em diferentes marcadores de transição para a idade adulta, com respetivos intervalos em anos, por país

País	Primeiro Trabalho	Saída de casa	Intervalo (em anos)	Primeira conjugalidade	Intervalo (em anos)	Primeiro casamento	Intervalo (em anos)	Primeiro filho	Intervalo (em anos)
Portugal	17,7	21,6	3,9	23,5	1,9	23,6	0,1	25,4	1,8
Suíça	17,9	20,2	2,3	24,4	4,2	26,8	2,4	27,7	0,9
Alemanha	17,9	21,4	3,5	23,7	2,3	25,2	1,5	26,3	1,1
Áustria	18,2	20,8	2,6	23,0	2,2	24,9	1,9	25,5	0,6
Dinamarca	18,2	19,0	0,8	22,8	3,8	26,5	3,7	26,5	0,0
Finlândia	18,3	20,0	1,7	23,4	3,4	25,4	2,0	26,3	0,9
Reino Unido	18,5	20,4	1,9	23,4	3,0	24,8	1,4	26,5	1,7
Hungria	18,7	21,9	3,2	22,4	0,5	22,8	0,4	24,2	1,4
Espanha	18,8	21,7	2,9	25,3	3,6	25,7	0,4	27,1	1,4
Suécia	18,9	19,9	1,0	23,2	3,3	26,9	3,7	26,5	-0,4
Ucrânia	19,0	20,1	1,1	22,6	2,5	22,7	0,1	23,9	1,2
Rússia	19,2	20,7	1,5	22,8	2,1	22,9	0,1	24,0	1,1
Holanda	19,3	21,7	2,4	24,0	2,3	25,6	1,6	27,4	1,8
Noruega	19,4	19,4	0,0	23,5	4,1	25,6	2,1	26,0	0,4
Eslováquia	19,7	21,8	2,1	22,8	1,0	22,9	0,1	23,9	1,0
França	19,8	20,8	1,0	23,3	2,5	25,0	1,7	26,4	1,4
Polónia	19,9	22,0	2,1	23,5	1,5	23,6	0,1	24,4	0,8
Bélgica	20,2	22,5	2,3	23,5	1,0	24,2	0,7	26,2	2,0
Irlanda	20,2	21,3	1,1	25,4	4,1	26,4	1,0	27,2	0,8
Chipre	20,3	21,1	0,8	23,8	2,7	24,2	0,4	25,4	1,2
Bulgária	20,4	20,8	0,4	21,9	1,1	22,1	0,2	23,6	1,5
Eslovénia	20,6	23,4	2,8	23,7	0,3	24,4	0,7	25,1	0,7
Estónia	21,4	19,8	-1,6	23,2	3,4	23,9	0,7	24,7	0,8
TOTAL	19,0	21,1	2,1	23,4	2,3	24,2	0,8	25,4	1,2

Fonte: European Social Survey, 2006; dados publicados in Pais, José Machado e Ferreira, Vítor Sérgio (2010), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao espelho da Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

De acordo com Nunes (2014) no âmbito da autonomização dos jovens verifica-se

a afirmação de estilos de vida centrados na construção de um espaço individual e independente relacionados particularmente com a construção de percursos autónomos da população jovem altamente qualificada (Mauritti, 2011)

Por outro lado, de acordo com Ferreira e Nunes 2010 verifica-se que os jovens encaram a vida adulta cada vez mais tarde e vivem com os pais. Também Aboim (2012) No explica que a “falta de apoios públicos no acesso à autonomia residencial, o menor desenvolvimento e riqueza económica do país e a precariedade laboral persistente entre os jovens” determina esta dependência dos jovens.

De acordo com Figura 2 os jovens dos 18 aos 34 que pertencem a famílias unipessoais correspondem a 8.4% dos jovens.

Assim analisamos alguns dados de jovens que vivem em casa dos pais entre os 18 e os 34 anos entre o ano de 2001 e 2011. Esse valor aumentou de 45,7% para 47,0% dos jovens, de acordo com a Figura 3.

Gráfico 2. Proporção de pessoas entre os 18 e os 34 anos que constituem famílias unipessoais, Portugal e NUTS II, 2001 e 2011

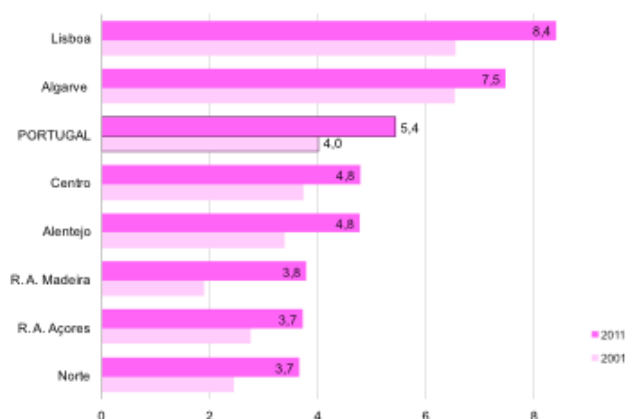
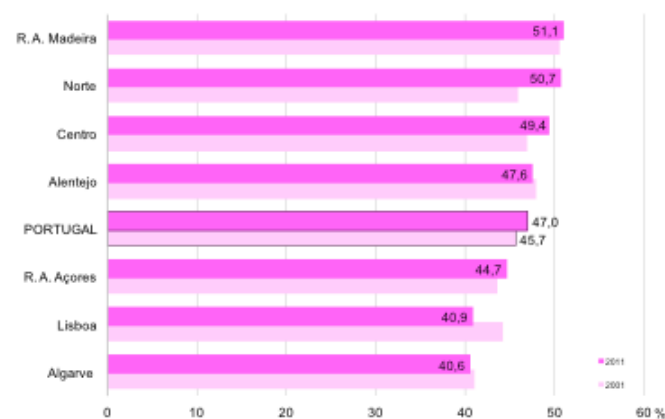


Gráfico 3. Proporção de filhos entre os 18 e os 34 anos que vivem com os pais, Portugal e NUTS II, 2001 e 2011



Fonte: INE, I.P., Recenseamento da População e Habitação, 2001 e 2011.

De acordo com Aboim (2011) a transição para a vida adulta ocorre depois dos 20 ou 30 anos, como é possível observar no gráfico seguinte que explicita a realidade dos jovens a viver sozinhos.

Na Europa, os países da Europa do norte, os homens e as mulheres saem de casa depois dos 20 anos e vivem sozinhos, o que não acontece se compararmos com os países da Europa do sul, que vivem em casa dos pais até aos 30 anos, tal como podemos observar no gráfico.

Tabela 2. Idade das transições juvenis e percentagem de jovens a viver sozinhos, 2007

	Idade média em que os jovens começam a viver:						% de jovens entre 18-28 anos a viverem sozinhos	
	Fora da casa dos pais		Com um parceiro conjugal		Com um filho			
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Suécia	20,9	20,3	27,3	23,9	31,8	29,1	33,1	23,4
Dinamarca	20,6	19,8	26,5	24,1	34,4	29,9	37,2	31,5
Finlândia	21,4	19,8	24,8	21,9	34,3	30,1	23,1	21,9
Holanda	24,1	24,1	28,0	25,4	33,1	30,8	16,5	19,5
Reino Unido	24,0	22,0	27,1	24,5	34,6	29,6	6,5	4,6
França	23,5	22,1	26,8	24,6	32,0	28,4	17,0	14,9
Alemanha	25,0	22,3	27,5	25,5	34,2	30,9	9,4	17,0
Áustria	26,1	23,7	29,7	26,3	33,6	29,1	12,3	10,0
Bélgica	24,4	23,3	27,3	25,1	34,2	29,1	12,1	7,4
Luxemburgo	26,2	24,2	28,8	26,1	32,8	29,0	7,8	6,7
Irlanda	26,5	24,1	29,8	28,4	32,9	28,0	3,0	2,4
Itália	30,1	28,0	33,1	29,4	36,5	32,0	3,9	4,2
Espanha	28,5	27,0	31,1	27,9	35,5	32,0	3,5	1,6
Portugal	29,1	27,4	29,9	27,9	32,0	29,1	1,5	2,5
Grécia	31,8	27,4	33,6	28,7	35,6	30,5	8,4	9,0
Chipre	28,3	25,3	29,1	25,8	31,4	27,7	2,9	2,9
República Checa	27,7	25,1	28,9	25,9	31,8	27,9	4,8	3,1
Hungria	27,6	25,0	28,4	26,0	31,2	27,9	3,3	3,9
Estónia	25,1	23,0	26,9	24,6	31,0	26,1	11,4	8,0
Letónia	27,7	25,4	27,9	25,9	29,1	25,1	1,8	1,5
Lituânia	27,2	24,8	27,7	26,4	29,8	25,9	3,6	3,6
Eslovénia	30,8	28,0	31,2	28,4	33,2	28,9	1,6	1,5
Eslováquia	30,3	27,8	30,0	27,7	31,8	28,8	2,0	0,8
Polónia	29,1	26,3	28,5	25,7	30,8	27,2	2,5	3,3
EU-25	26,0	23,7	29,0	26,1	33,8	29,8	8,6	9,0

Fonte: Eurostat, Home and Living Conditions in Europe, 2010.

* os valores a negrito destacam os números mais elevados em cada coluna.

2.2. Programas e Projetos no âmbito da autonomização dos jovens

De seguida focalizamos a atenção sobre as políticas sociais existentes, no âmbito dos jovens em risco.

Para tal recorremos ao documento da Segurança social (2007), que no âmbito da infância, refere que os objetivos a concretizar são no domínio das questões de exclusão social das crianças e a inserção das mesmas na sociedade. (cf.,2007,p.8). Também, o Despacho n.º 8393/2007, o n.º1 explicita a criação do Plano Desafios, Oportunidades e Mudanças, que se aplica nos lares de infância e juventude, bem como a desinstitucionalização dos jovens em tempo útil e tal como apresenta ISS. I.P (2007), o jovem deve regressar à família, se existir ou ser apoiado para se tornar independente.

De seguida apresentamos os Programas que foram criados para o treino de competências dos jovens.

De acordo com Kroner (2007) cit in Calheiros 2013 apresenta os “apartamentos para um grupo de jovens com supervisão”, “apartamentos individuais com semi-supervisão” e por

fim “apartamento para jovens sem supervisão”. Estes consistem em o técnico residir no mesmo, bem como visitar diária ou semanalmente, bem como contactar os jovens e estes irem ter com os técnicos ao gabinete. De acordo com alguns estudos, tal como refere Calheiros (2013) os jovens que participam nos programas, tendo em vista a independência, “tem a longo prazo maior sucesso escolar e de encontrar emprego, viver de forma independente, fazer face as despesas da casa, ser autossuficientes e utilizam “os recursos e serviços públicos”.

Também, Georgiades (2005) cit in Calheiros 2013 refere que o facto de os jovens permanecerem no Programa traz vantagens em termos da educação, emprego e habitação, “controlo da agressividade e prevenir a “parentalidade prematura e de crime”.

No âmbito do desenvolvimento de competências para os jovens conseguirem preparar-se para se tornarem autónomos através de programas e projetos nomeadamente, o Programa RAIÁ da CPL, o Programa de competências sociais integradas (CSI) ¹⁷ e por fim, o Programa Umbrella.

Assim, Figueiro (2013) elucida-nos para CSI, para os jovens em acolhimento residencial. Neste programa pretende-se de acordo com Goldenstein et al (1980), 1989, Spencer, 1980 cit por Matos et al, 1997 cit por Figueiro (2013) desenvolver as capacidades ao nível pessoal, na resolução de problemas, emoções e relacionar-se com o outro. Assim, os técnicos debruçam-se sobre um tema para a sessão e os jovens refletem sobre os mesmos, tais como a educação sexual, o que querem seguir como profissão, a violência e as substâncias psicoactivas. Seguindo de perto Pedro Abafá e Rita Costa cit por Duarte (2013) o objectivo é trabalhar as competências ao nível do grupo, tais como, a coesão e liderança, bem como ao nível pessoal, tais como, a escuta ativa, assertividade e o pensamento crítico da jovem.

2.2.1. Programa Umbrella

De seguida apresentamos o Programa Umbrella, no âmbito do desenvolvimento de competências no jovem.

¹⁷ Resulta da junção de vários programas, tais como, prevenção do abuso sexual (PIPAS), prevenção do consumo de substâncias psicoactivas (SPA), promoção de competências vocacionais (MIOEP), prevenção da violência (PREVIO), da segurança (ESMAR), alimentação saudável. Destina-se para jovens dos estabelecimentos de ensino CPL, CATL, e ao nível da reabilitação.

O Umbrella Programme (2000)¹⁸ focaliza-se também nas competências sociais de jovens em instituição, bem como na aprendizagem de várias competências, em diferentes áreas, nomeadamente, social, a escola e trabalho, o dinheiro, sobre mim próprio e por fim, a minha casa, no sentido de se tornarem independentes.

2.3. A Residência de Pré Autonomia

Duarte (2012) refere que a CPL tem como respostas, a residência de pré autonomia¹⁹.

Duarte (2012) faz referência à criação da residência de autonomia que tem em vista a promoção de competências no âmbito da autonomia dos jovens. Nesta residência é dado oportunidade aos jovens de gerir uma bolsa de pré autonomia, bem como estimular a participação e responsabilidade destes, bem como do grupo com quem partilham a residência e por fim recebem formação ao nível pessoal e social.

Uma vez já referidas por várias vezes que o jovem deve adquirir competências para ser autónomo pretendemos definir este conceito, de acordo com Ropé & Tanguy (1994), “as competências valorizam as atitudes que suportam os diversos saberes, tais como, o saber-estar, “conhecimentos sociais”, capacidades de comunicar, representações. O saber fazer integra tarefas e funções. O saber como agir, saber transformar. Ou essas competências supostamente mais reais que as capacidades oficialmente reconhecidas, mais eficazes do que conhecimento formal se definisse por oposição aos saberes escolares. (p.175)

2.4. Apartamentos de Autonomia

Seguidamente desenvolvemos outra das respostas, no âmbito da promoção da autonomia. De acordo com um documento fornecido pela CPL, CED Santa Catarina, para criar o Programa RAIA²⁰ identificaram-se as necessidades dos adolescentes que se

¹⁸ Enquadra-se no projecto Leonardo da Vinci. Foi desenvolvido por Eeva Timonen-Kalio (ed.) e Kim Berglund, Ritva Manner e Alison Caufield-Dow em parceria com organizações na área da educação, da Holanda, Finlândia, Escócia, Alemanha, Suécia.

¹⁹ Com início no dia 07 de Março de 2012, bem como a residência de Santa Isabel começou em 09 de Outubro de 2012.

²⁰ Este Programa surgiu em 2004, devido um protocolo/convénio de Cooperação entre a CPL, a Unidade de Investigação Social Dartington, a Associação Dartington-i para o Estudo e Formação em Proteção Infantil e o Centro de Investigação e Intervenção Social do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da

encontravam acolhidos nos lares da CPL e verificou-se que os mesmos não possuíam as competências necessárias no sentido da sua autonomia.

É necessário então, proceder à definição de Apartamentos de Autonomização como:

“resposta social destinada a apoiar a transição para a vida adulta de jovens que possuem competências pessoais específicas, através da dinamização de serviços que articulem e potenciem recursos existentes na comunidade.” (DAC,2011, p.6).

Fleming (1997) cit in Evangelista (2010) refere que a sociedade tem a expectativa de que o adulto seja auto-suficiente e que a autonomia faz parte do desenvolvimento do jovem.

O jovem adquire formação e educação quando estabelece a relação com o outro, com as comunidades em que está integrado, ao nível social e familiar. Antunes e Fleming, cit in Evangelista. (2010) Assim, Gomes (2010) especifica que a família deve permitir ao jovem fazer aprendizagens através de determinadas experiências que ajudem a desenvolver-se ao nível pessoal, social, no sentido integração na sociedade e autonomia.

Quando a família não está presente e por várias razões vive institucionalizado, são criadas residências de autonomização para que os mesmos adquiram competências para a autonomia e independência. Há assim um apoio dos jovens com mais de 18 anos, que não têm apoio familiar, com vista à sua inserção na sociedade.

Também na SCML verificamos a existência de apartamentos de autonomia²¹ para jovens. No entanto, devem cumprir alguns critérios para a sua integração nomeadamente, a aquisição de maturidade, a realização de um projeto de vida de autonomia e sentirem-se motivados para tal.

Assim, de acordo com a DAC, da CPL (2011), os apartamentos de autonomização integram os jovens em acolhimento e estes planeiam a sua saída, desde o primeiro dia através de objetivos que são definidos e avaliados nas reuniões individuais. Também existem reuniões em grupo onde realizam sessões temáticas.

De acordo com um documento²² dos Apartamentos de Autonomia, Programa RAIA, os jovens podem permanecer no equipamento entre seis meses a dois anos. Por fim, sucede o “Follow-up” em que o jovem quando sai da instituição é acompanhado pelos técnicos.

Empresa (ISCTE). Estas entidades envolvem-se em cooperar num Projeto “ Matching Needs and Services”, tendo por objetivo a criar e avaliar Projecto RAIA. São seis apartamentos de autonomização.

²¹ Teve início em 2006 para jovens com idade entre os 18 e os 21 anos de idade.

²² Este documento foi enviado por email por uma das técnicas da CPL, não existe referencia bibliográfica deste, apenas está em anexo

No sentido de avaliar as competências que o jovem consegue adquirir os técnicos possuem um instrumento, nomeadamente, a Check List. Se estes objetivos forem concretizados e o jovem tiver determinados aspetos assegurados tais como um sítio para ir quando sair da instituição, bem como um emprego, bolsa para estudar e apoio social está preparado para sair. Posteriormente os técnicos que lhe prestaram apoio no apartamento de autonomia continuam a acompanhá-lo fora do mesmo pelo período de três meses a um ano. Quando o jovem sai do apartamento e encontram-se a estudar são os serviços, da área social do estabelecimento de ensino que frequentam que lhes prestam apoio.

Em caso de insucesso do percurso de autonomia do jovem, quando o jovem sai da instituição, os técnicos que o acompanham contactam os parceiros sociais para o ajudar na sua inserção.

De acordo com Gomes (2010), o jovem deve estabelecer os aspectos que considera necessários para a sua saída, bem como a forma de alcançá-los. (Gomes,2010,p.209).

2.5. Competências a desenvolver nos jovens

André (2011) analisa a realidade que caracteriza os jovens nos dias de hoje. Este autor considera que no período em que são jovens verifica-se o desenvolvimento dos mesmos ao nível da identidade. O período em questão permite ao jovem ter contacto com novas experiências, nas quais é desafiado a fazer escolhas, bem como tomar decisões, no entanto para o fazerem devem ter “habilidades pessoais e relacionais” no sentido de fazer face às características com que o mundo se apresenta atualmente, pelo facto de ser complexo, instável e com uma grande rapidez de mudança. As referidas habilidades devem ser adquiridas, no contexto familiar, na escola, bem como nas coletividades. São estes contextos que permitem ao jovem ser valorizado pelo seu pensamento e fazer escolhas de forma responsável.

Evangelista (2010) refere que os jovens quando estiveram institucionalizados nos lares adquiriram competências ao nível das emoções, social, cultural, ferramentas que serão trabalhadas nas residências de autonomização.

Seguidamente apresentamos as competências de vida de acordo com vários autores Darden, Ginter e Gazda (1996), cit in Calheiros (2013) nomeadamente a comunicação interpessoal e relacionamento humano, resolução de problemas/tomar decisões, aptidão física/manutenção de saúde, desenvolvimento da identidade.

Outro autor Smith (1999) refere-se ao “planeamento eficaz de vida” através da gestão de recursos, de tempo, interpessoal e pessoal.

Estas competências incluem também gerir e cuidar da habitação. Os técnicos informam os jovens sobre os serviços da comunidade que têm à sua disposição, bem como os direitos e deveres do cidadão, a assistência médica, para os quais os jovens são alertados.

Também Smith (1999) refere-se à gestão de tempo, a vários níveis, numa perspetiva de futuro, a curto e longo prazo, tal como acrescenta Kroner (2007). Neste sentido ao nível pessoal, devem ser desenvolvidas algumas competências tais como, a auto regulação, assim como traçar objetivos, comunicar e tomar decisões.

Por fim a gestão interpessoal, em que o jovem deve sentir-se apoiado por redes formais e informais e manter relações a este nível, treinando assim as competências ao nível social e interpessoal.

De acordo com Kroner (2007) outra das competências é ao nível financeiro em que se destaca a forma como o jovem deve gerir o dinheiro e as poupanças. Também, no sentido de integrar o jovem no mercado de trabalho, devem ser estimulados a estudar e posteriormente procurar um emprego, tal como refere Daining, DePanfilis, 2007 cit in Calheiros (2013).

Calheiros (2013) A participação e capacitação dos jovens no Programa RAIA são estimuladas de diferentes formas, desde que entram na instituição até à sua saída.

Para tal, o jovem deve ser incentivado a “expressar expetativas, emoções, desejos e necessidades. Isto porque a sociedade tem a expetativa de que o adulto seja auto suficiente e que a autonomia faz parte do desenvolvimento do jovem.

O jovem adquire formação e educação quando estabelece a relação com o outro, com as comunidades em que está integrado, ao nível social e familiar. Antunes e Fleming, cit in Evangelista. Assim, Gomes (2010) especifica que a família deve permitir ao jovem fazer aprendizagens através de determinadas experiências que ajudem a desenvolver-se ao nível pessoal, social, no sentido integração na sociedade.

De acordo com Evangelista (2010) são criadas residências de autonomização para que os jovens adquiram competências para se tornarem autónomos e independentes. Outro dos objetivos é apoiar os jovens com mais de 18 anos que não têm apoio familiar para a inserção social.

Também na SCML verificamos a existência de apartamentos de autonomia²³ para jovens. No entanto, devem cumprir alguns critérios para a sua integração nomeadamente, a maturidade, o projeto de vida de autonomia e desenvolver a motivação para tal.

Evangelista refere que os jovens quando estiveram institucionalizados nos lares adquiriram competências ao nível das emoções, do social, da cultura, ferramentas que serão trabalhadas nas residências de autonomização.

Seguidamente apresentamos as competências de vida de acordo com vários autores Darden, Ginter e Gazda (1996), cit in Calheiros (2013) nomeadamente a comunicação interpessoal e relacionamento humano, resolução de problemas/tomar decisões, aptidão física/manutenção de saúde e desenvolvimento da identidade.

O Programa RAIA, de acordo com Calheiros (2013) integra um Projeto de desenvolvimento pessoal e social, no sentido de estimularem os jovens a adquirir competências para se tornarem autónomos. Este Projeto abrange determinados aspetos, tais como, a gestão de tempo, no qual os educadores definem determinados horários que os jovens têm que cumprir; planear a organização e gestão do apartamento; devem entregar um plano semanal/fins-de-semana e férias, trabalhar nas férias ou ser voluntário; ter consciência de que o Programa RAIA tem a duração, de 6 meses a dois anos, então o jovem ao longo do Programa deve preparar a sua saída do mesmo.

Outra das áreas que abrange são os recursos cognitivos, em que o jovem é estimulado a definir objetivos que quer alcançar no Projeto pessoal, bem como deve ser acompanhado individualmente.

Também os recursos sociais e de suporte são dados a conhecer Recurso autónomo aos serviços sociais e comunitários, as Atividades de lazer. O jovem é acompanhado pelos técnicos ao nível da saúde, na escola e ajudar o jovem a encontrar um emprego.

Em relação às competências de autogestão do apartamento de autonomização, bem como o facto de o jovem residir no AA implica ter conhecimento acerca das questões de segurança do apartamento. Ainda a este nível, os jovens dispõem de uma bolsa de inserção no valor de 385,90 € que lhes permite garantir despesas fundamentais e integra-se no desenvolvimento de competências de autogestão. Encontra-se definido pelo Programa RAIA

²³ Teve início em 2006 para jovens com idade entre os 18 e os 21 anos de idade.

que para os gastos do jovem, corresponde a 20% dos mesmos, bem como para as contas, de água, luz, telefone, o gás e alimentação, os produtos que permitem fazer a limpeza do apartamento e os produtos de higiene. Por fim, uma percentagem desta quantia destina-se também para a poupança do jovem, para tal, os jovens devem ter uma conta bancária aberta para o efeito. Não têm despesas com o aluguer do apartamento e o condomínio. A gestão do apartamento também engloba a aquisição de bens e produtos e por fim, a confeção de refeições.

Ao nível das competências sociais e interpessoais, os jovens são estimulados através da partilha com os colegas da mesma idade que residem no apartamento, também partilham as tarefas no AA; são estimulados a prolongar a rede social; são acompanhados pelos educadores responsáveis, bem como pela psicóloga, em reuniões individuais e em grupo. Ainda a este nível pertencem as questões da relação do jovem com a família e o facto de poder receber visitas no apartamento.

No que refere-se à regulação do self as sessões temáticas ajudam a estimular esta vertente bem como as competências psicossociais. Todos estes aspetos são estimulados para a adquirirem as competências requeridas para a autonomia em ordem a um equilíbrio no futuro, quando fora da instituição.

2.6. O género e a autonomização

Pretendemos de seguida abordar a questão do género no âmbito da autonomia dos jovens residentes em apartamento de autonomização do CED de Santa Catarina, no sentido em que as competências dos jovens e das jovens são diferenciadas. Tal facto poderá não ser alheio ao conceito de género.

Seguindo de perto o pensamento de Ferreira (1999:125), "a divisão entre os géneros resulta de uma construção social cuja base assenta na divisão social do trabalho".

Assim, aferimos sobre o sexo e género na sociedade.

“O sexo do domínio da biologia ele é fixo imutável. Enquanto o género, como categoria pertencente ao domínio da ciência social é mutável. Por isso mesmo ele é objeto de investigações sociais para aferimento das diferentes formas de relação e interação social entre o homem e a mulher, nomeadamente no respeitante à organização das sociedades através da história.” (Ferreira,1999:125).

Tal como Shields (1975) cit in Amâncio (1994) referindo-se às teorias no domínio da biologia “o tamanho da cabeça das mulheres era tido como um indicador seguro da sua inferioridade intelectual”, mas foi através de outros estudos comprovado o contrário tendo em conta a massa corporal da mulher e do homem.

No entanto, os Programas não fazem distinção entre os géneros procurando que todos os jovens, masculinos e femininos, adquiram as mesmas competências.

2.7. Empowerment e autonomia

Os técnicos dos Apartamentos de Autonomia, Programa RAIA estimulam os jovens, através do empowerment. Assim, seguidamente tentamos perceber este conceito de acordo com alguns autores da área do Serviço Social.

Assim, para Faleiros (2002):

“o Serviço Social [e outras profissões sociais atuam] numa correlação particular de forças, na mediação fragilização-exclusão/fortalecimento–inserção social, vinculada ao processo global de reproduzir-se e representar-se dos sujeitos em suas trajetórias/estratégias”.
(Faleiros, 1985:)

Tentamos transpor este conceito para a realidade dos AA do Programa RAIA.

Os educadores e psicóloga intervêm no Programa RAIA, com o jovem que não tem competências no âmbito da autonomia, para que este se torne autónomo e que esteja preparado para a inserção na sociedade.

Judith Lee (1994:13):

“o que pode contribuir para o capacitar o sujeito, nomeadamente, ao desenvolvimento do sentido do eu mais positivo e poderoso; compreensão da realidade social e política e do meio; e o desenvolvimento de recursos e estratégias ou de mais competência funcional para alcançar os objetivos pessoais e coletivos”.

É neste sentido que os serviços de institucionalização dos jovens vão criando e recriando programas para a inserção social, bem como utilizando instrumentos para medir a aquisição de competências do jovem, visto que as necessidades dos jovens estão em mutação constante.

Capítulo III. A Metodologia de Investigação. Da institucionalização à autonomia

No capítulo III, apresentamos a Metodologia de Investigação, bem como a observação direta a um apartamento de autonomia e conversa informal com a psicóloga.

Através da análise das entrevistas realizadas aos jovens conseguimos traçar o perfil da amostra dos jovens em apartamento de autonomia, no CED de Santa Catarina, da CPL.

Pretendemos analisar as perceções da educadora (EE01), da psicóloga (EP01), e por fim, dos jovens (EJ01,02,03,04,05,06,07,08) residentes nos apartamentos de autonomização do CED de Santa Catarina da CPL.

Focalizamos sobretudo a nossa atenção nos resultados das entrevistas realizadas às referidas técnicas e jovens. Pretendemos aferir o processo de institucionalização dos jovens nas residências de acolhimento e a sua desinstitucionalização, da respetiva residência, contemplamos a residência de pré autonomia, o apartamento de autonomia, o Programa de desenvolvimento social e pessoal, de desenvolvimento de competências no Programa RAIA.

3.1. Metodologia de Investigação e Resultados

Na presente dissertação seguimos o paradigma da sociologia compreensiva, bem como a metodologia hipotético indutiva. De acordo com Coutinho (2013) o investigador “tenta compreender a situação sem impor expectativas prévias do fenómeno estudado”. Em relação à empiria, como referimos é proveniente dos dados que obtivemos no terreno, neste caso através das entrevistas formais às técnicas da Equipa do Programa RAIA, bem como aos jovens e ainda observação direta do apartamento e de conversas informais. Conforme Huberman e Milles cit in Coutinho (2013) a teoria surge a posteriori dos fatos e a partir da análise dos dados fundamentando-se na observação dos sujeitos, na sua interpretação e significados próprios e não nas conceções prévias do investigador que estatisticamente as comprovaria e generalizaria, sendo neste caso uma metodologia hipotético dedutiva que não se aplica a esta dissertação. Assim, seguimos concetualmente os métodos qualitativos “em que o objeto de estudo não são comportamentos, mas as intenções e situações, investigar ideias, descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos atores intervenientes no processo” (Coutinho,2013:28).

As entrevistas semi directivas foram realizadas aos jovens e técnicos, num total de 11, sendo 8 aos jovens e 3 aos técnicos (destas 3 uma é exploratória), permitiram assim, captar

percepções e subjetividades e perceber o processo de autonomia do jovem desde a institucionalização até à sua saída do apartamento de autonomia.

Também, no sentido de enquadrar o acolhimento institucional e os apartamentos recorremos a dados estatísticos obtidos através Relatório de Atividades da SCML, CASA 2013, Relatório de Gestão e Contas da SCML, bem como da CPL, resultando assim, esta pesquisa na combinação de métodos quantitativos e qualitativos.

No sentido de recolher os dados para a nossa investigação recorremos à observação, de acordo com os objetivos que definimos para a investigação, através de uma grelha de análise em que definimos determinados aspetos a observar.

Utilizámos instrumentos não estandardizados, ou seja, construímos a grelha de observação. Utilizámos a observação “ registo de unidades de interação numa situação social, bem definidas baseada naquilo que o observador vê e ouve (Denzin, 1989; Flick,1998).

O investigador é “um observador externo que não intervém na ação que está a observar” (Coutinho,2013:138). A observação permite observar os participantes sem ter de depender do que lhes respondem, bom para descrições. P.145.

Utilizámos a entrevista para obtenção de informação que nunca seria conseguida, de modo tão aprofundado como, através de um questionário. (Silverman,2000 in Coutinho, 2013:141).

Para análise das entrevistas utilizamos a análise de conteúdo. A entrevista permite avaliar atitudes e outras variáveis do foro sócio afetivo. Permite também que o investigador ajuste as questões no decurso do processo. Os resultados da análise de conteúdo devem-se à metodologia de análise, não há quadro teórico pré-estabelecido, às categorias. Estas são definidas no guião da entrevista e poderão ser alteradas ou acrescentadas com os conteúdos fornecidos pelos entrevistados.

Realizámos ainda, uma visita a um apartamento de autonomia, com apoio da psicóloga, assim como a observação direta ao respectivo apartamento, do CED de Santa Catarina, da CPL.

Falámos com psicóloga, no sentido de pedir autorização para a aplicação de uma grelha de observação (apêndice VI), o que não foi concedido pelo fato de proteger os jovens. No entanto, o preenchimento foi feito em parte através de conversa com a psicóloga e alguns elementos posteriormente a esta mesma conversa. O conteúdo desta grelha apresentada abaixo contém aspetos do comportamento dos jovens, a forma como se relacionavam entre si e com o

educador responsável, bem como com a técnica que realiza as sessões temáticas. As conclusões retiradas não podem ser generalizadas, por se restringirem apenas a um apartamento, mas tem o valor qualitativo neste caso específico.

Nesta visita estavam presentes o educador e a psicóloga do Programa RAIA responsáveis pelo apartamento de autonomia visitado do CED de Santa Catarina.

3.1.1. Construção da Amostra

No que se refere ao tipo de amostra definida na presente dissertação é de natureza intencional.

De acordo com Carmo e Ferreira (1988), bem como a Huot (2002). De acordo com os referidos autores, a amostra intencional enquadra-se no tipo de amostras não probabilísticas.

De acordo com os autores foi feita uma seleção com o auxílio da psicóloga contemplando vários critérios (idade, género, capacidade de comunicação).

A amostra foi constituída por oito jovens, dos quais quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idades entre os 18 e os 20 anos.

As duas entrevistas realizadas aos técnicos da equipa do Programa RAIA, psicóloga e uma educadora da CPL tiveram como objectivo perceber o processo de institucionalização dos jovens, desde a entrada na instituição, perceber as suas vivências, saber o percurso escolar, conhecer a rede social de apoio e por fim, perceber o processo de autonomia dos jovens. (Apêndice I)

As entrevistas realizadas aos jovens dos apartamentos de autonomização da CPL, do CED de Santa Catarina tiveram como objetivo, perceber a vivência destes jovens na instituição, o percurso escolar, a rede social de apoio, a autonomia, bem como a estimulação de competência no apartamento de autonomia e por fim, as perspetivas futuras de autonomização. (Apêndice II)

A amostra que utilizamos na presente tese é aspeto que definimos de seguida.

No sentido de proceder à definição da mesma, bem como da sua operacionalização, recorremos a Carmo e Ferreira (1988) cit in Vilares (2002). De acordo com os referidos autores, a amostra intencional enquadra-se no tipo de amostras não probabilísticas.

Esta tem presente alguns critérios, definidos seguidamente, nomeadamente, “os vários elementos da população não possuem a mesma probabilidade de fazer parte da nossa amostra

e por isso e por isso o investigador não tem uma ideia do erro que pode estar a introduzir nas suas apreciações”. (Vilares, 2002:247).

No entanto, de acordo com os autores mencionados, a amostra apresenta uma desvantagem, aquando da utilização da mesma, nomeadamente, “a inclusão de um elemento da população na amostra é determinada por um critério subjetivo, normalmente, uma opinião pessoal”, bem como “ existem elementos da população que não têm possibilidade de ser escolhidos”. (Vilares, 2002:247).

Os referidos autores referem que este tipo de amostra é utilizada nos estudos qualitativos, assim, as conclusões obtidas na dissertação não é possível serem generalizadas.

Uma desvantagem que pode ser apontada neste tipo de amostra é o facto de não constituir um bom método, na medida em que os dados podem ser manipulados, bem como focalizados nos interesses do investigador.

3.1.2. Instrumentos

Dificuldade na aplicação de instrumentos

O estudo que aqui apresentamos afigura-se pertinente, na medida em que se realiza numa instituição de referência, a CPL e incide sobre os apartamentos de autonomia, uma resposta criada recentemente, no ano de 2005 e implementada na CPL, em parceria com o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) e a Unidade de Investigação Social Dartington. Inicialmente pretendia-se comparar a situação dos jovens dos apartamentos de autonomia da CPL e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) visto que o ISCTE, de acordo com a metodologia de Matishing Media Service e em parceria com a Unidade de Investigação Social Dartington selecionou duas instituições para criar um projeto, como resposta, à autonomização dos jovens, mas tal perspetiva não foi possível. Assim, a investigação realizou-se apenas na CPL. Neste sentido foi enviado pela Universidade Lusófona de Lisboa, um pedido (Anexo III) no âmbito do Protocolo existente entre as duas organizações para autorização da realização de entrevistas à referida população alvo.

3.2. Observação direta-Apartamento de Autonomia

Observação Direta do Apartamento de Autonomia da CPL e Conversa Informal com a Psicóloga da Equipa do Programa RAIA

Realizou-se uma visita no dia 25 de Fevereiro de 2014 ao Apartamento de Autonomia da CPL, Programa RAIA de Alvalade cujos objectivos e resultados se apresentam.

Os objectivos são os seguintes: observação da interacção entre os jovens do apartamento de autonomia; observar o relacionamento com os técnicos; organização do apartamento-tarefas domésticas.

A psicóloga do Programa RAIA acompanhou-me no sentido da realização da visita ao apartamento de autonomia. Estavam presentes o educador responsável pelo apartamento de autonomia e a psicóloga do Programa RAIA.

De seguida apresentamos alguns aspetos que observámos no referido apartamento.

Como demonstrado na **Erro! A origem da referência não foi encontrada..**

Tabela 3. Observação do apartamento e autonomia

Arrumação do apartamento
O apartamento encontrava-se arrumado e limpo.
Ambiente entre as jovens, educador e psicóloga
Assim, pela observação verificou-se uma relação com o educador e a psicóloga num ambiente de à vontade entre todos. Neste ambiente, livremente as jovens foram entrando para o apartamento e conviveram umas com as outras no quarto, enquanto esperavam pelo início da sessão. Foi solicitada a presença do educador no quarto, não sendo possível perceber o assunto acerca do qual estavam a falar. Estavam as luzes dos compartimentos acesas e uma das jovens alertou para tal facto. Desta observação resultou a constatação de uma boa relação entre os jovens. Estava marcada uma sessão temática o que proporcionou verificar uma interação saudável e de à vontade e convívio entre todos. Duas jovens permaneceram na sala, uma das jovens pediu autorização ao educador se podia ligar a televisão, visto que a jovem não reside neste apartamento, e viu televisão enquanto esperava pela sessão. Outra das jovens mostrava-se apreensiva porque a sessão

nunca mais começava. A psicóloga conversou com duas jovens, uma das jovens, sobre a ementa que esta confeccionava. À outra jovem, a psicóloga deu um documento para ler sobre os seus objetivos no Programa RAIA, pelo que foi possível apurar.

No início eu disse que tinha ido ao apartamento para lhes fazer uma visita.

Quando me despedi das jovens, uma delas pensava que eu também estaria presente na sessão temática.

Neste dia como já foi mencionado a seguir à minha visita seria realizada a sessão temática. Quando chegámos não permanecia nenhum jovem no apartamento. Mais tarde tocaram à campainha as jovens que tinham que estar presentes na referida sessão.

Em visita a um apartamento de autonomia (Apêndice VI) e conversa informal (Apêndice VII) com a psicóloga da equipa do RAIA foi referido que se verificava diferença entre quando os jovens residiam no LIJ e quando saíam para o exterior para a vida em sociedade. Esta realidade não se constata atualmente, visto que os jovens quando são desinstitucionalizados dos LIJ verifica-se a existência de três respostas que podem ser proporcionadas, nomeadamente: os apartamentos de autonomia, a equipa de acompanhamento à inserção ou enfrentar a vida em sociedade sem passar pelos apartamentos de autonomia.

Da conversa informal resultou a seguinte informação:

Tabela 4. Resultados da Conversa Informal com a psicóloga

Problemáticas que levam os jovens aos Lares de infância e Juventude
O Estudo do CASA 2012 que faz a Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens reflecte a realidade dos jovens da Casa Pia, porque também a Casa Pia de Lisboa participa nesse estudo.
A saída dos Lares de Infância e Juventude
Antes os jovens saíam dos lares e havia uma grande diferença, entre a vivência no Lar e quando saíam para o exterior para a vida em sociedade. Actualmente, os jovens aquando da sua desinstitucionalização dos lares de infância e juventude verifica-se a existência de três respostas que podem ser proporcionadas, nomeadamente: os apartamentos de autonomia, a equipa de acompanhamento à inserção ou a saída para fora da instituição, quando estão preparados para entrar na vida em sociedade.

Localização
Os Apartamentos num total de seis. Um em Alcântara da Casa Pia de Lisboa e cinco em Alvalade. Todos pertencem ao Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social. No âmbito do Programa RAIA os apartamentos de autonomia receberam desde 2005 cerca de oitenta jovens.
Descrição compartimentos do apartamento
O apartamento que visitei no prédio em Alvalade situa-se ao r/c. Relativamente aos restantes apartamentos de Alvalade e de Alcântara são todos no último andar do prédio. O apartamento que visitei tem uma cozinha, dois quartos, uma casa de banho e uma sala. São idênticos, diferem apenas na decoração, no número de quartos e numa sala de maiores dimensões.
As problemáticas dos jovens nos apartamentos de autonomia
Os jovens quando são integrados no Programa RAIA já não apresentam problemáticas de risco e perigo. A integração destes jovens tem por objetivo a aquisição e treino de competências. A equipa de técnicos dos apartamentos de autonomização tem conhecimento do motivo de admissão que levou os jovens ao acolhimento na instituição anterior aos Apartamentos de Autonomização. Em relação às problemáticas, o critério de exclusão do Programa são os jovens com deficiência cognitiva que não conseguem concretizar os objetivos do nosso Programa. De acordo com a psicóloga, no Programa RAIA têm jovens com dificuldades cognitivas ligeiras. Excepto a deficiência mental, todas as outras problemáticas definidas pelo CASA 2012 englobam a realidade dos jovens, na Casa Pia.
N.º de jovens recebidos nos apartamentos de Autonomia
Relativamente ao número de jovens recebidos nos apartamentos de autonomia, até dia 25 de Fevereiro de 2014, tal como refere a psicóloga do programa RAIA, aquando a realização de uma conversa informal e observação directa do Apartamento de Autonomia de Alvalade, o Centro de Educação e Desenvolvimento de Santa Catarina proporcionaram o treino de competências desde 2005, a cerca de oitenta jovens.

Perfil dos jovens
É possível traçar o perfil dos jovens residentes nos apartamentos. Estes caracterizam-se por ser uma população mais nova e imatura, “miúdos” com muitas necessidades e fragilidades que cada vez mais precisam de mais apoio. Em relação aos assuntos que são falados entre os jovens, foi referido pela psicóloga, nomeadamente, que alguns rapazes discutiam política ao ver o telejornal. No caso das raparigas os assuntos desenvolvidos são as telenovelas, os namorados e facebook.
Treino de competências
O Programa RAIA está a ser adaptado às necessidades dos jovens, que demonstram cada vez ter mais dificuldades, no entanto o Programa não pode perder a sua essência, mesmo em termos de intervenção educativa, está a ser adaptado.
Organização da realização das tarefas domésticas
Os jovens residentes no apartamento que visitei não utilizam uma tabela para organização da realização das tarefas na medida em que consideram ser uma rotina diária. Esta tabela atribui as tarefas domésticas a realizar a cada jovem, Na realização das tarefas domésticas cabe aos jovens a organização entre si. Se um jovem que estiver no apartamento, for passar o fim-de-semana fora, cabe ao outro fazer a limpeza do respectivo apartamento. No que se refere à realização das tarefas domésticas, no dia-a-dia destes jovens, “cada grupo tem a sua organização”, os jovens trabalham em equipa na realização destas. Um dos princípios que lhes é inculcado é que a refeição seja realizada em conjunto.
Responsabilização
A Casa Pia faz a primeira decoração e equipa o apartamento para que os jovens residam nele. Quando avaria algum equipamento, os jovens, através da bolsa que recebem mensalmente, por parte da Casa Pia, tentam fazer face a esta situação. Deste modo, o equipamento pode ser levado para arranjar ou se não tiver arranjo, têm que comprar um novo.
Vizinhança
Os vizinhos que residem no prédio têm conhecimento de que os apartamentos de autonomia se localizam no prédio, que pertencem à Casa Pia e habitam neles jovens.

Os jovens devem ter sensibilidade relativamente à questão do barulho que fazem no prédio, nomeadamente pelo tom de voz utilizado, bem como quando convidam alguém para ir ao apartamento. As pessoas que se mostram mais sensíveis ao barulho são as pessoas de idade.
Parentesco (irmãos)
De acordo com a psicóloga do Programa RAIA, têm verificado que dos jovens que estão integrados nos apartamentos, alguns têm irmãos, que também foram admitidos nos apartamentos, embora não estejam ambos no mesmo apartamento, mas verifica-se a referida situação simultaneamente em apartamentos diferentes. Outra das realidades que se verifica traduz-se no facto de o irmão mais velho entrar para o apartamento, adquirir as competências e concluir o seu processo de autonomia na instituição. Após a desinstitucionalização organiza a sua vida ao nível laboral, tem um quarto, uma casa onde pode viver. Entretanto entra o irmão mais novo, que passa pelo mesmo processo de aquisição de competências até concluir o processo. Então o irmão mais velho está em condições de receber o irmão mais novo em sua casa.
As sessões temáticas
Uma das sessões temáticas decorreu neste dia, no apartamento de autonomia cujo tema foi a comunicação. Estas sessões temáticas integram um dos programas transversais da Casa Pia de Lisboa, o Programa de Competências Sociais Integradas (CSI). Este programa preconiza que 5 sessões abordem o tema da Educação Sexual, 5 sessões o tema do Desenvolvimento Vocacional, 5 sessões com temas relativos à cidadania, e 5 sessões com temas livres.
Saída
Quando os jovens saem dos apartamentos é difícil manterem a situação habitacional de quando estavam nos apartamentos, na zona de Alvalade, visto que esta zona é cara. No entanto, nestes dois anos têm o privilégio de viver na zona mencionada. A psicóloga salientou que quando perguntam a um jovem qual a mais valia do Programa RAIA para ele. Ele responde que dá segurança para quando sair da instituição.

3.3. Perfil dos jovens

A entrevista realizada à psicóloga do Programa RAIA e aos jovens permitiu traçar o perfil dos jovens residentes nos apartamentos de autonomia do CED de Santa Catarina da CPL. No período de recolha de dados com início no dia 04/10/2013 e finalizado no dia 17/02/2014, encontravam-se nos apartamentos de autonomia 11 jovens, sendo que no nosso estudo participaram oito desses jovens. O motivo pelo qual não entrevistámos os restantes é porque eram menores e para os entrevistarmos tínhamos que pedir autorização às famílias dos mesmos. Trata-se de quatro raparigas e quatro rapazes, dos quais, 2 têm 18 anos, 4 têm 19 anos e por fim, 2 têm 20 anos.

Estes caracterizam-se por uma população mais nova e imatura, com muitas necessidades e fragilidades que cada vez mais precisam de mais apoio.

Em relação aos assuntos que são falados entre os jovens, foi referido pela psicóloga que alguns rapazes discutiam política ao ver o telejornal. No caso das raparigas os assuntos desenvolvidos são as telenovelas, os namorados e o facebook.

Através das entrevistas realizadas aos jovens residentes nos apartamentos de autonomia, do CED de Santa Catarina, da CPL é possível traçar o perfil da amostra, 8 jovens, tal como apresentamos nas tabelas seguintes, tendo em conta alguns aspetos, nomeadamente, o sexo, a idade, o tempo de institucionalização, o percurso institucional, o tempo de permanência no RAIA, as habilitações e por fim, o percurso escolar.

Tabela 5. Caracterização dos jovens ao nível do sexo, idades e tempo de institucionalização na CPL

Jovens	Sexo	Idade	Tempo de institucionalização na CPL
1	Masculino.	Tenho 19 anos.	Há 12 anos.
2	Feminino	19 (anos).	Vai fazer 13 anos.
3	Feminino	Tenho 18 (anos).	Eu estou na Casa Pia há 10 anos, estou desde os seis (anos).
4	Masculino	19 anos	Um mês.
5	Feminino	20 (anos).	desde os meus seis anos até agora
6	Masculino	Tenho 18 (anos).	Entrei com sete. Doze (anos)
7	Feminino	20 anos.	Eu cheguei há Casa Pia com cinco (anos). Há já vai fazer quinze (anos) em Setembro.
8	Masculino	19 anos	entrei com três, quatro anos.

Fonte: Elaboração própria

Através da análise do gráfico¹, apresentamos algumas conclusões sobre o perfil dos jovens em questão.

No que se refere ao sexo dos jovens da nossa amostra que residem nos apartamentos, verificámos um equilíbrio entre ambos os sexos, o que se traduz na existência de quatro jovens do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

No que concerne à idade dos jovens da amostra, é possível constatar que predomina a idade de 19 anos, com quatro jovens que registam esta idade. A idade de 18 e 20 anos encontra um equilíbrio com 2 jovens em cada uma destas idades.

Ao analisar o tempo de institucionalização na CPL verificámos que os jovens entrevistados apresentam vários anos de institucionalização, que se traduzem desde o período de um ano e cinco meses, até aos 16 anos. Salientamos que nesta categoria predomina o período de tempo dos 11 aos 16 anos, existindo apenas um jovem que estava no referido período de recolha de dados, há cerca de um mês. É possível depreendermos assim, o longo período de institucionalização.

No que se refere à idade inicial de institucionalização por jovem verificamos que as idades predominantes são as idades de seis e sete anos.

Tabela 6. Percurso Escolar dos jovens

Jovens	Habilitações	Percurso Escolar
1	Curso de Especialização Tecnológica em Desporto.	nunca chumbei. Apesar de ter 19 (anos) ²⁴
2	Técnica de Apoio à Infância.	Bom.
3	Curso Profissional de Turismo	Já chumbei três vezes.
4	o ultimo ano que completou)-o nono ano. Está no voluntariado, em Belém, corta a relva num jardim.	Chumbei. No quarto (ano)
5	Curso) Profissional de Desporto,	chumbei quatro (vezes).

²⁴ antes de vir para a Casa Pia, não tive oportunidade de estudar.

6	O nono.	(Estou) à procura de trabalho. ²⁵
7	Técnicas e Operações bancárias e qualificação quatro.	Está tudo a correr bem.
8	curso nível quatro, Design de Moda.	Chumbei no oitavo ano, já chumbei cerca de duas vezes Uma segundo e uma no quinto (ano). ²⁶

Fonte: Elaboração própria

Em relação às habilitações literárias dos jovens, é possível verificarmos a predominância do CET em Desporto com 2 jovens, bem como 2 jovens com o 9.º ano de escolaridade.

Por fim, analisamos o percurso escolar de cada um dos jovens residentes nos apartamentos de autonomia, para tal destacamos duas realidades, nomeadamente, a reprovação durante três anos letivos, a mesma traduz-se em dois jovens, bem como a reprovação em 1 ano letivo, com 2 jovens e por fim, outros 2 jovens a quem o percurso escolar tem corrido bem.

Tabela 7. Instituições por ordem de acolhimento do jovem e tempo total de institucionalização

Jovens	Instituição 1	Tempo instituc.	Instituição 2	Tempo instituc	Instituição 3	Tempo instituc	Instituição 4 Apartamento de Autonomia CPL	Tempo instituc
1	No Algueirão, um Lar temporário	três anos	Em Oeiras.					Outubro 2013 admissão
2	Foi o Lar de acolhimento	2 Anos						Dois anos e cinco meses.
3	Lar de acolhimento	Desde os 2 anos		Lar de freiras		Casa Pia.		Há um ano e tal.
4	Centro de	um ano e						Um mês.

²⁵ O problema é que eu estava a faltar à escola, depois a escola disse que não me queria lá e depois passaram a resposta para eles darem aqui para saber se eu queria continuar.

²⁶ Tenho vestidos no Museu do Traje.

	Acolhimento . Em Vila Franca de Xira.	meio.						
5	Lares da Casa Pia) - Pina Manique	6 aos 17	Em Queijas	17 aos 18				Fez em Janeiro dois anos
6	Lares tradicionais CPL							Vai fazer dois anos em Março
7	Na Casa Pia nos lares de acolhimento	tinha três, quatro anos.	Santa Casa da Misericórdia de Carcavelos. uma casa temporária	Um ano, dois.				Fiz dois anos, dia 13 de janeiro (2014)
8	lares, em Lisboa, Maria Pia, Sintra	quinze anos	dois anos em Sintra		ced de santa clara	Desde os 17 anos	Ced de Santa Catarina.	2 anos e seis meses

De acordo com a análise à instituição em que os jovens estiveram antes do apartamento de autonomia do CED de Santa Catarina, salientamos que estes passaram por várias instituições, antes de integrarem a CPL. Apenas três jovens referiram como instituição anterior os Lares de Acolhimento da CPL.

Verificamos que os jovens entrevistados já permaneceram na maioria em cerca de duas instituições. Na CPL desde o início do percurso de institucionalização existem três jovens, os restantes, a instituição de acolhimento não pertencia à CPL.

De seguida analisamos a categoria tempo de permanência dos jovens no Programa RAIA, sobre a qual temos a perceção de que a mesma é variável entre os 7 meses e os 2 anos, no entanto com especial relevo para os dois anos onde permanecem cinco jovens. Este tempo de institucionalização no Programa RAIA enquadra-se no tempo que é previsto os jovens permanecerem no Programa RAIA. O facto deste se verificar ser superior aos dois anos, esta situação pode suceder, pelo facto de os técnicos, o terem prolongado, sendo que esta situação

deve ser justificada, o porquê deste prolongamento., entre os quais, o facto de o jovem ainda não ter terminado o curso e já ter ultrapassado os dois anos de Programa RAIA.

3.3.1 Apresentação de resultados

3.3.2 Institucionalização-Percurso

A institucionalização acontece quando não existe outro tipo de resposta de acolhimento para o jovem. Este é colocado aos cuidados de uma entidade que garanta a educação, bem-estar e desenvolvimento.

Acontece que o jovem faz um percurso através de várias instituições até chegar à autonomização.

As entrevistadas EP01 e EE01 partilham a opinião de que os jovens antes de irem para os apartamentos de autonomia estiveram em outras instituições, nomeadamente as residências de acolhimento da CPL e o CAT.

“Estes jovens (residentes nos apartamentos) vêm de CAT`s, passaram por Lares da Casa Pia, (...) vão para os apartamentos de autonomização. Já conheceram várias pessoas, equipas, colegas, vários espaços. EP01
Todos os jovens que vêm para os nossos apartamentos (de autonomia CPL) vinham das nossas residências (de acolhimento) (...)”. EE01

Os jovens ao longo do processo de autonomia iniciam este percurso precocemente em CAT`S, mais tarde passam por outras instituições até chegarem aos apartamentos

No entanto a realidade explicitada que sucedia nos apartamentos de autonomia da CPL alterou-se, na medida em que os jovens já não são provenientes de instituições da CPL, mas de outras instituições

“Entrou uma jovem para os apartamentos (de autonomia proveniente) de outra instituição, que não a Casa Pia de Lisboa. Estava previsto nesta resposta (apartamento de autonomia) (...) havendo uma vaga, a prioridade é os jovens da Casa Pia de Lisboa, havendo mais vagas e estando reunidas as condições, de acordo com o perfil dos jovens, assim nós fazemos a sua admissão ou não”. EE01

A CPL passa a receber jovens de instituições que não pertencem à CPL.

Sendo a institucionalização das crianças e jovens originada pelos disfuncionamentos da família, escola e sociedade, ela é contudo necessária à educação e desenvolvimento psicossocial dos mesmos.

Para os entrevistados a institucionalização constitui-se como um último recurso e um suporte que deve passar pela prevenção.

“Viver em instituição é (...) um fim último. Eu acho que se deve apostar em alternativas à institucionalização, trabalhar na prevenção para que não aconteça. É viver num ambiente artificial, aquilo que se tenta é desartificializar, o processo.

A institucionalização provoca danos, que nós tentamos colmatar, através da qualidade das relações. Quando se diz que o acolhimento tenta ter um ambiente familiar, não quer dizer que, o nosso objetivo é que eles (jovens) se sintam em família”. EP01

Devem ser analisadas alternativas à institucionalização para o jovem, visto que tem consequências para o jovem, embora os técnicos tentem estimular as relações de proximidade com o jovem.

3.4. Institucionalização e relações

De acordo com Calheiros (2013), a institucionalização tem efeitos negativos e positivos para o jovem, família e desenvolvimento psicossocial do mesmo.

No entanto, para a entrevistada EE01, os mesmos efeitos não se verificam nos jovens que permanecem nos apartamentos de autonomia.

“Não sinto que eles (jovens) venham com uma carga muito grande (dos efeitos). Eles (jovens) começam a subir uma escada (no acolhimento) e quando chegam aos apartamentos, estão a chegar ao topo, essa situação é ultrapassada”. EE01

Os efeitos que a institucionalização provoca no jovem não se verificam quando estes chegam aos apartamentos de autonomia. Estão a terminar o processo de autonomia.

O jovem que se encontra institucionalizado pode ultrapassar de forma positiva a situação de risco, através das relações que estabelece na instituição em que se encontra, com os educadores, professores e pares.

Assim tal como refere EP01, os jovens mantêm ligação com os educadores e ambos mantêm contacto.

“É importante a questão da vinculação, referências afetivas positivas, (...) quando (os jovens) vêm para os apartamentos de autonomização, vão mantendo ligações, a pares, mas também a educadores. Há educadores que continuam a preocupar-se com eles (jovens),

perceber como (...) estão. Quando saem dos apartamentos, eles (jovens) continuam a procurar-nos (técnicos).

Os jovens na instituição mantêm relações que perduram, mesmo posteriormente à sua saída da instituição, o que lhes permite ter suporte afetivo na instituição, bem como encará-la de outra forma e colmatar os efeitos da mesma.

A entrevistada EP01 deu o exemplo de um jovem que referiu que mantém contacto com os técnicos da CPL quando sai da instituição.

“Tenho um jovem que disse-me, pode finalizar o meu processo, na Casa Pia de Lisboa, (...), mas vou continuar a chatear - vos, (...) independentemente, do que o papel diz, as relações mantêm-se. Tivemos educadoras, que foram madrinhas de casamento, fomos a casamentos, batizados.
Não sei se a instituição tem mais valias comparando com uma família. É através das ligações, que nós tentamos contribuir para a resiliência que muitos (jovens), já trazem.”
EP01

A relação com os técnicos educador e psicóloga com o jovem é de proximidade e contribui para uma característica que é fundamental no processo de autonomia, a resiliência

Ao estabelecer esta relação, o jovem sente-se apoiado, protegido, bem como tem confiança naqueles que dele cuidam e se preocupam com ele e também influencia a forma como este encara a institucionalização.

Os jovens quando questionados sobre a relação que mantinham com os colegas e funcionários de instituições anteriores à CPL, partilham a opinião de uma boa relação, com ligações que se mantêm.

“(...) foi sempre boa, respeitava os meus colegas e eles respeitavam-me. (...) habituamo-nos aos colegas (...) e criamos laços. EJ01
(EJ01)
se é para estar lá (na instituição) tenho de me dar bem. (EJ03)
(...)Dou-me bem com toda a gente, mas há sempre aquelas pessoas que agente nos damos melhor outras piores, mas sou uma pessoa sociável. (EJ05)É uma relação boa, nada de conflitos. (EJ06)
(...)tenho colegas que cresceram comigo no lar (LIJ), continuamos a falar, e (...) vemo-nos regularmente. (...) Há educadores, mais próximos marcaram mais mas já não falo há alguns meses. Nós vivemos (colegas), (...) crescemos (...), passamos por coisas juntas e a pessoa acaba por afeiçoar-se e ter ligações. Eu tenho duas famílias, a da instituição e a verdadeira. (EJ07)
Tenho falado sempre com todos, há uns que foram para outros países, ou os familiares eram de outros países. Uma educadora é minha madrinha, um funcionário é meu padrinho, os dois conheceram-se e casaram. (...) com os educadores diariamente não. É tanto tempo a conviver, temos afinidade, ficaram laços, mas há pessoas que marcam.” (EJ08)

Os jovens mantêm relação de proximidade com os colegas e funcionários da instituição. Esta relação permite o convívio diário dos jovens, com estes funcionários e colegas, o que contribui para o processo de socialização do mesmo.

Os colegas, o grupo de pares contribuem também para a forma como o jovem encara a vivência em instituição. Estes acompanham a sua vida e fazem com que tenha uma perspetiva de si próprio.

Também, relativamente à relação que os jovens estabelecem com os colegas com quem partilham o apartamento de autonomia é uma boa relação

Outro aspeto analisado é em relação à família, é a relação que os jovens mantêm com as famílias dos colegas com que partilham o apartamento de autonomia.

Apenas dois jovens referem que conhecem os familiares, mas não mantêm qualquer tipo de relação com as famílias destes.

“Eles (os colegas) às vezes convidam-nos para irmos jantar a casa deles ou eles virem jantar à nossa, por isso há uma relação entre os nossos amigos e as famílias deles”. EJ01

“Só daqueles colegas mais chegados, é que eu conheço a família.” EJ03

Os meus pais bazaram. Eu estava a viver na casa deles (família dos colegas) e eles tomavam conta de mim. EJ04

Sim com duas amigas mais próximas, falo com os pais delas. Não há qualquer problema. (EJ05)

Pouco, era pouco (EJ06)

Famílias não, conheço as famílias, algumas amigas conheço as mães, os tios, mas relação próxima, não. (EJ07)

Não. É só com os colegas (EJ08)

Os jovens mantêm também relação com as famílias dos colegas, alguns com relação de proximidade, outros não têm esse tipo de relação. Este fato permite alargar o leque variado de relações que os jovens mantêm.

O contacto com a família é fundamental, visto que a instituição não garante aos jovens, o apoio afetivo.

No que refere à relação do jovem com a sua própria família. A maioria referem que contactam com a família.

Sim, a família está na Suíça, vou lá no Natal, mas há sempre o contacto com primos que tenho em Lisboa. EJ01

Sim, a minha encarregada de educação, a não ser o RAIA, é a minha irmã, eu mantenho sempre contacto com ela, anda na minha escola. EJ03

Estão em Cabo Verde, eu ligo só ao fim de semana, aqueles que moram em Lisboa, todos os dias à noite (contacta). EJ04

Contacto com a minha avó parte da mãe. Uma vez por semana, mas se não for lá ligo-lhes.

Com a minha mãe, é-me indiferente. Com o meu pai cortei mesmo relações. Com a minha avó da parte do meu pai também tenho contacto.
Quem eu tenho mais contacto é com a minha irmã. Se me perguntar sentes que gostavas de amor de pai e de mãe, claro que se calhar precisava. Eu tenho uma tia que substitui a mãe, se calhar foi por isso que eu perdi os anos que perdi. Não tinha ninguém que me orientasse, mas é triste agente às vezes, não podemos escolher, temos que nos sujeitar a estas coisas.
A gente começa a tornar-se uma família, começamos a ter laços, não é a mesma coisa, mas há sempre aquela cumplicidade (na instituição). (EJ05)

O contacto com a própria família do jovem é fundamental, visto que na instituição verifica-se a carência afetiva dos mesmos e posteriormente é mais fácil a integração do jovem na sociedade. Os jovens mantêm contato com a mãe, avó, irmã, outros cortaram relações. Alguns familiares residem noutros países, outros é mais fácil manter o contato em Lisboa.

No que concerne ao meio de contacto utilizado para contactar a família, os jovens privilegiam o fim-de-semana, bem como o contacto telefónico e pessoalmente.

Sim, telefone, facebook, email, até mesmo pessoal. Nós apanhamos o autocarro e vamos ter a casa deles, temos mais liberdade para fazer isso. EJ01
Por exemplo, através do telefone e pessoal. EJ02
Todos os domingos à noite. (Por telefone?) Sim. EJ04
Contacto todos os dias por telefone e por estar juntos. (EJ06)
Costumo ir, ou por telefone é quase todos os dias. Agora tenho uma vez por mês aos fins-de-semana. (EJ07)
Sim, sempre contacto por telefone e pessoalmente. (Com que frequência): semanas, dias. (EJ08)

A forma como os jovens contatam com a família, pode ser desde um contato de proximidade, pessoalmente, até ao contacto telefónico ou utilizam o facebook quando a família reside mis longe.

Como já referimos, a qualidade das relações é uma das características que influencia a forma como o jovem encara o acolhimento na instituição em que se encontra. Assim, como refere a entrevistada EP01 acerca da relação do educador – jovem.

Têm um educador, que é um profissional, tem um horário, funções a cumprir, é uma figura que tem características muito diferentes, pelo papel que desempenha, um pai ou mãe, tio, ou uma avó.
Apesar de ser um profissional e não um familiar, (tenta-se) que invista na qualidade das relações, mais do que a quantidade de tempo, que se está com uma pessoa, é a qualidade do vínculo.
O objetivo, nem que fique cá (no apartamento) um, dois meses, fica com laços. EP01

Na CPL são privilegiadas as ligações com o educador naquele tempo em que se encontra institucionalizado. Este profissional acompanha o jovem no apartamento de autonomia diariamente.

3.5. Políticas para autonomia e vivências

No âmbito da promoção de autonomia dos jovens verifica-se a existência de Programas, tal como Programa RAIA da CPL, através do qual se desenvolvem os apartamentos de autonomia que pretendem capacitar o jovem em vários aspetos, no sentido de este se tornar autónomo.

A entrevistada EP01 e EE01 refere as políticas de desinstitucionalização e programas de formação para os jovens, em que eles contribuem e treinam competências para se tornarem autónomos.

Os apartamentos de autonomização é a cauda do acolhimento. Eu penso que as políticas se prendem à desinstitucionalização, no sentido de que eles (jovens) estejam cá (no apartamento), o menos tempo possível.

Nós (equipa do Programa RAIA) tentamos através do investimento em programas formativos, nos apartamentos de autonomização, nas pre autonomias que o acolhimento deixe de ser regime hotel. Nos apartamentos (de autonomia) são jovens adultos, precisam de carinho, (e) estímulo, para conseguirem ser autossuficientes e têm que ter recursos para isso. Existe cama, mesa e roupa lavada, mas eles (jovens) gerem dinheiro, tratam dos objetos pessoais, das tarefas comuns, as refeições, são os gestores de todo o processo (do apartamento).

A Casa Pia proporciona-lhes (aos jovens) um apartamento, têm que fazer a gestão como se tivessem no apartamento alugado, é a Casa Pia que paga as rendas. O frigorífico avaria-se, não é a Casa Pia que vai substituir ou arranjar, são eles (jovens) através do dinheiro que recebem todos os meses. São programas intensivos e formativos, o objetivo não é eles (jovens) estarem no conforto que nós (técnicos) criamos, é sentirem que estão em processo de formação, estão-se a preparar para uma saída sustentada. E sobretudo a questão do empowerment, em que eles (jovens) são os principais autores do projeto de vida, nós ajudamos a definir alguns traços.

O programa visa um tempo de permanência de no mínimo seis meses, a dois anos. EP01

O objetivo é trabalhar o máximo com estas crianças e jovens e com as famílias, para que o tempo seja mais reduzido, porque há uns anos atrás, tínhamos jovens que estavam catorze, quinze e dezasseis anos na instituição. Segundo alguns estudos, a média já se consegue cinco, três anos (de institucionalização). EE01

O apartamento de autonomia tem em com objetivo a desinstitucionalização do jovem, para tal proporcionam-lhe programas de formação intensiva para se prepararem para a vida em sociedade.

Questionámos os jovens acerca da diferença entre as residências de acolhimento e os apartamentos de autonomia. A liberdade e a redução no número de jovens no apartamento de autonomia.

Para mim, passando de uma tradição do Lar para estes apartamentos acho que termos mais liberdade. EJ01

Lá (nos lares) tínhamos auxiliares, cá (nos apartamentos) não. É que lá temos tudo de mão beijada, aqui não. EJ02

A diferença é que no lar vives com várias pessoas. A minha casa (apartamento) , vives com mais duas pessoas e quando chegas a casa, as tuas colegas não estão lá (no apartamento). Tens que fazer o comer, lavar a roupa, temos de ser nós a fazer tudo. EJ03

Sim foi bom, lá (no CAT) estava sempre preso, aqui estou mais livre, no CAT não podia sair à rua. EJ04

No lar eu não podia sair porque tinha trabalhos para fazer e tinha umas horas para isto, outras para aquilo. No lar eramos vinte, mais os educadores, sentia que havia um laço de família. Na residência de autonomização, estou com mais uma colega, sinto esse afecto, posso chegar a casa todos os dias e só ter ela, ter alguém para falar. (EJ05)

No lar faziam quase tudo por nós, no apartamento, nós é que temos que fazer. Para quem vem dos lares, não foi bom ter que sair com 16 anos. Acho que devia ter esperado mais um bocado. (EJ06)

No lar fazia tudo sozinha, já quase nem dava satisfação aos educadores, porque eles confiavam em mim. Aqui comemos, deitamo-nos às horas que queremos. Não temos controlo vinte e quatro horas. A pessoa acaba por ganhar uma responsabilidade. No lar temos cozinheiras, apesar de que nós fazemos tudo, a comida é que não, mas não pagamos as contas. (EJ07)

No lar acordávamos com os educadores, e aqui (apartamento) acordar sozinhos. Tínhamos cozinheiras, agora somos nós que cozinhamos, temos que fazer uma boa gestão. Aprendemos pagar contas, é responsabilidade, ter autoconfiança e ganhar-se mais força. No lar era um ambiente família e no RAIA também, somos mais reduzidos. (EJ08)

No lar tinha mais mãos a segurar em mim, aqui, só tinha duas mãos, lá (residência de acolhimento) estou mais acolhido, fazem mais coisas por mim. No RAIA nós temos a chave de casa, eu acho que é só isso que muda.

No apartamento os jovens ganham maturidade e responsabilidade, têm que desempenhar determinadas tarefas sozinhos

A partilha do apartamento

Em relação à partilha do apartamento com outros colegas. Todos os jovens entrevistados referem que têm uma boa relação com os colegas.

A partilha é boa. Nós temos regras, têm que ser respeitadas. Eles têm que respeitar o nosso espaço. EJ01

É agradável. (Dão-se bem) sim. EJ02

(...) se eu estou ali, tenho de me dar bem com elas, porque se houver mau ambiente, não é bom para a casa, claro. EJ03

(das-te bem como os teus colegas) Sim. EJ04

Temos uma boa relação, sabemos fazer as coisas. Não há aquele pensamento, sou só eu, pensamos as duas, damo-nos muito bem, tive sorte. (EJ05)

organizam-se bem, dão-se bem) sem confusões (EJ06)

Não tenho razão de queixa, damo-nos muito bem. Somos diferentes mas é arrumadinha é o que eu gosto, eu sou uma pessoa muito arrumadinha e asseada e ela nesse aspeto também. Somos tranquilas. Quando eu preciso dela ela está lá e quando ela precisa de mim eu estou lá. (EJ07)

A relação com os colegas do apartamento de autonomia é de proximidade e contribui também para o processo de socialização do jovem

Em relação à percepção dos jovens relativamente aos apartamentos de autonomia, a responsabilidade, independência, liberdade são aspetos referidos pelos jovens.

“Temos que ter mais responsabilidades, ser mais crescidos”. (EJ01)

“Antes tinha autonomia, mas agora tenho mais. Sei gerir a questão do dinheiro”. (EJ02)

É bom, é para nós gerirmos as nossas competências, em termos de dinheiro e tempo que temos para fazer as coisas. (EJ03)

É bom e vai-se aprender a viver sozinho, mais para a frente, é sozinho numa casa. (EJ04)

Significa termos responsabilidade, para podermos gerir o nosso dinheiro, fazer uma boa alimentação, ir às compras. Seremos independentes e temos coisas para pagar. Temos que poupar, saber gerir. É diferente, temos mais liberdade, eu durante a semana posso sair até às onze. Agora aqui dão-nos dois anos para começar o início de vida, já somos independentes e depois fazemos a nossa vida lá fora. É bom e às vezes o nosso espaço também é importante. (EJ05)

Ganhar mais responsabilidade, maturidade, ser autónomo. (EJ06)

Foi pena, por exemplo, tenho colegas minhas que saíram que são mais velhas, na altura delas ainda não havia este projecto, foram para casa dos pais. Na altura se elas continuassem a estudar, a Casa Pia ajudava-lhes. A pessoa quando sai do lar não tem trabalho, não tem noção do que é a vida e aqui é como se fosse uma preparação para a vida em si sozinha. (EJ07)

Para nós ganharmos autonomia, ao longo do tempo vamos ganhando competências a nível de gestão financeira, gestão do nosso tempo, organização das nossas coisas. Tenho muitos colegas que estão nos lares e pensam que vão vêm para a autonomia e têm a liberdade total, não é bem assim, que também têm responsabilidades, têm tarefas como sempre tiveram no lar e têm a escola. O RAIA é para saber o que é que é o mundo lá fora, tenho que começar a ganhar várias competências para fazer tudo para mim. (EJ08)

Os jovens nos apartamentos de autonomia são adquirem competências em determinadas áreas, fundamentais para a sua integração na sociedade.

É pertinente percebermos a perceção dos jovens relativamente ao que significa o conceito de ser autónomo. Assim, os jovens salientam a não dependência de ninguém para resolver as realizar as tarefas no seu quotidiano, gestão do dinheiro

É não estarmos sempre a procurar o educador. Tentarmos resolver da melhor maneira, os problemas que nós temos e tentar controlar os nossos gastos, fazer as nossas próprias coisas dentro da casa, não estar à espera que os outros vão fazer. EJ01

Ter mais autonomia entre si e competir com as competências, no dia-a-dia. EJ02

Ser autónomo é não ser dependente de alguém, sermos nós próprios, fazermos as nossas coisas, organizarmos o nosso dinheiro, fazer tudo sozinhos, estamos por nossa conta. EJ03

É fazer as coisas sem que possamos pedir ajuda a alguém, sabermos resolver os nossos problemas. (EJ05)

Poder safar sozinho, ser eu a fazer as coisas. (EJ06)

É fazermos as tarefas do dia-a-dia, eu saí do lar, já me levantava praticamente sozinha. Temos a nossa própria responsabilidade, podermos desenrascar nas nossas tarefas do dia-a-dia sozinhas. (EJ07)

É tomar conta de si e do próximo. (EJ08)

Os jovens quando questionados acerca do que significa o conceito de autonomia. Referem a responsabilidade, liberdade, preparação para viver sozinho.

“Temos que ter mais responsabilidades, ser mais crescidos”. EJ01

“Antes tinha autonomia, mas agora tenho mais. Sei gerir a questão do dinheiro”. EJ02

É bom, é para nós gerirmos as nossas competências, em termos de dinheiro e tempo que temos para fazer as coisas. EJ03

É bom e vai-se aprender a viver sozinho, mais para a frente, é sozinho numa casa. EJ04

Significa termos responsabilidade, para podermos gerir o nosso dinheiro, fazer uma boa alimentação, ir às compras. Sermos independentes e temos coisas para pagar. Temos que poupar, saber gerir.

É diferente, temos mais liberdade, eu durante a semana posso sair até às onze.

Agora aqui dão-nos dois anos para começar o início de vida, já somos independentes e depois fazemos a nossa vida lá fora. É bom e às vezes o nosso espaço também é importante. (EJ05)

Ganhar mais responsabilidade, maturidade, ser autónomo. (EJ06)

Tenho colegas minhas que saíram (dos Lares), não havia este projecto, foram para casa dos pais. Na altura se elas continuassem a estudar, a Casa Pia ajudava. A pessoa quando sai do lar não tem trabalho, não tem noção do que é a vida e aqui é como se fosse uma preparação para a vida em si sozinha. (EJ07)

Para nós ganharmos autonomia, ao longo do tempo vamos ganhando competências a nível de gestão financeira, gestão do nosso tempo, organização das nossas coisas. Tenho muitos colegas que estão nos lares e pensam que vão vêm para a autonomia e têm a liberdade total, não é bem assim, que também têm responsabilidades, têm tarefas como sempre tiveram no lar e têm a escola. O RAIA é mais para saber o que é que é o mundo lá fora, tenho que começar a ganhar várias competências. (EJ08)

Assim, o mesmo não sucede nos apartamentos de autonomia, em que EP01 realça a definição do tempo de institucionalização, para os jovens e se necessário o prolongamento do mesmo.

A maioria são jovens que vêm com grande percurso (institucional). Acho que é um privilégio recebê-los nesta reta final, porque nos apartamentos (de autonomia), eles só podem estar entre seis meses a dois anos. É o tempo previsto e o suficiente para os jovens desenvolverem o seu programa de competências pessoais e sociais. EP01

O jovem é envolvido no seu processo de autonomia, visto que ajuda a traçar os objetivos que pretende alcançar no Programa RAIA

A estimulação dos jovens através da definição do tempo de saída dos apartamentos de autonomia, tal como refere EP01.

Esta questão de haver um tempo definido, ajuda a organizar-se, (na) definição de objetivos. A partir do momento em que eles (jovens) entram, sabem que têm uma data de saída, que não está marcada, se houver necessidade, nós (técnicos) prolongamos um bocadinho o Programa (RAIA), sempre que devidamente justificado. Quando eles saem (da instituição), nós continuamos a acompanhar, mais à distância, porque quando saem (os jovens), têm um nível de autonomia que, a supervisão é intermitente, eles (jovens) atingem outros níveis de liberdade e de capacidades. EP01

A gestão do tempo, permite aos jovens organizarem-se e planarem a sua saída da instituição.

3.6. Respostas Casa Pia

A CPL dispõe de respostas no âmbito da autonomia do jovem, nomeadamente, a residência de pre autonomia e o apartamento de autonomia, para que o jovem possa treinar as competências para se tornar autossuficiente.

Em termos de Casa Pia, o CED de Santa Catarina tem duas respostas que estão a investir em projetos de autonomização, os apartamentos de autonomização e as residências de pre autonomia.

São residências para adolescentes, iguais a uma de acolhimento, têm o mesmo número de educadores, uma senhora de apoio, as outras (residências) costumam ter duas. (Aqui) a senhora de apoio faz algumas coisas, mas são eles (jovens) a cozinhar. Nos apartamentos de autonomização, o nível de exigência é maior, vêm para nós jovens com capacidade de autorregulação, vivem e pernoitam sozinhos. EP01

Não há o educador, para os acordar para ir para a escola, para mediar um conflito entre eles (jovens) pode ir de agressão verbal, a física. O educador acompanha- (os) sempre que há necessidade nas idas ao médico, às compras, escola, articular com a diretora de turma.

A CPL dispõe de respostas para enquadrar os jovens no âmbito da autonomia, bem como podem treinar as competências, respostas para os jovens mais novos, bem como para aqueles que já tem maturidade, mais velhos (apartamentos de autonomia).

3.7. Residência de Pre autonomia

A residência de pre autonomia é uma das respostas do CED de Santa Catarina da CPL em que os jovens já começam a treinar competências no âmbito da autonomia, embora ainda adolescentes. No entanto os jovens entrevistados por nós ainda não passaram por este tipo de resposta.

A entrevistada EP01 explicita a equipa que acompanha o jovem neste equipamento

Nós temos três residências (de) pre autonomia é o início, de todo este processo de autonomização. São jovens mais novos, em termos de equipa educativa, mantém os cinco educadores, e a equipa técnica que são dois, o assistente social e o psicólogo, enquanto nos apartamentos, é só um educador para três apartamentos.

Tem um programa diferente (dos apartamentos de autonomia), são quase os irmãos mais novos (destes). EE01

A mesma entrevistada refere que a proveniência dos jovens que vão para os apartamentos de autonomia

A primeira (residência de pré autonomia) inaugurou em Março de 2012, ainda estão a fazer o Programa. Não houve possibilidade, de recebermos jovens dessas residências, e no futuro, eles poderão ou não vir daí. Estamos a começar a receber jovens, de outras instituições, que não os Lares da Casa Pia, como tem sido até hoje e todos os lares da Casa Pia continuam a ser fornecedores. EP01

Alguns jovens após fazerem o Programa na pré (autonomia), passam para a autonomia e a curto espaço de tempo, vamos receber alguns desses jovens, neste momento os que temos,

vieram todos dos Lares tradicionais da nossa instituição (CPL), não tiveram qualquer tipo de experiência na pré autonomia. EE01

Na residência de pré autonomia começam (jovens) a trabalhar as suas competências, enquanto adolescentes, se houver alguma falha, pode entrar um educador para gerir um conflito. EP01

Esta resposta é para os jovens adolescentes que ainda precisam de um suporte no acolhimento, não conseguem ainda viver sozinhos.

3.8. Apartamento de autonomia

O apartamento de autonomia é outra das respostas do Ced de Santa Catarina da CPL, no âmbito da autonomização.

Esta resposta teve génese devido a uma necessidade dos jovens, aos quais precisavam de apoio, o qual não tinham na residência de acolhimento, nomeadamente na transição para a vida independente.

As entrevistadas EP01 e EE01 partilham opinião acerca da génese dos apartamentos de autonomia.

A Casa Pia, o ISCTE através de uma metodologia Matishing Media Service, da Universidade de Warrington convidou duas instituições para desenvolver projetos, a Casa Pia e a Santa Casa da Misericórdia. Fizeram, um levantamento de necessidades, aplicaram uma bateria de testes à população, com mais de 15 anos e concluíram, a existência de quatro grupos de necessidades, foi selecionado um, para desenvolver um Programa. Numa primeira fase foram supervisionados, pela equipa do ISCTE e pela equipa de investigação. O programa foi desenhado, pela equipa do ISCTE, em colaboração com técnicos da Casa Pia. EP01

Os jovens não tinham apoio na saída da instituição para a vida em sociedade

Havia uma lacuna no acolhimento e nós sentíamos esta dificuldade. Os jovens a partir de uma certa idade teriam que sair (da instituição), e aqueles (jovens) que não tinham suporte familiar e a maioria não regressa à família, acabavam por ser integrados na sociedade com grandes dificuldades.

Neste Programa (RAIA) temos o desenvolvimento de competências, têm possibilidade de treinarem, a gestão do tempo, do dinheiro, utilizar os recursos existentes na sua área de residência, gerir uma casa, fazem as compras, pagar a água, o gás, a luz. No lar tradicional não era possível desenvolver (estas competências), fazíamos em termos da confeção das refeições, ao fim de semana.

O ISCTE connosco (CPL), enquanto parceiros, tivemos sempre com supervisão, é feito primeiro o desenho das respostas e foi avaliada há três anos e deixa de ser Projeto e passa a resposta da instituição. EE01

3.9. Perceção dos apartamentos de autonomia

Os apartamentos de autonomia tem por objetivo apoiar os jovens na transição para a vida independente, estiveram anteriormente em residência de acolhimento.

A entrevistada EP01 refere que os apartamentos de autonomia perspetivam a proximidade com a realidade em detrimento do que sucede no acolhimento em instituição e um contacto com os serviços e recursos existentes na comunidade.

A integração dos apartamentos na comunidade, num prédio permite aos jovens uma proximidade com a vida real

Nós temos trabalhado com jovens com algum percurso de institucionalização que é artificial e há necessidade de ir lá para fora, outras vezes, o receio de ir lá para fora. Os apartamentos proporcionam o mais real, o menos institucional possível, eles (jovens) estão numa realidade muito próxima do mundo normal.

Eles (jovens) estão em apartamentos (de autonomia), não tem nenhuma placa a identificar, são apartamentos normais, não têm aquela estrutura, que algumas residências poderão ter, para conseguir entrar, com vários jovens.

O educador deve mostrar-se disponível para ouvir o jovem é fundamental na relação que estabelece educador- jovem

Não há uma equipa, há uma pessoa, a quem eles referenciam, e isso faz muita diferença, para os lares tradicionais, que eles (jovens) têm cinco ou seis pessoas, trabalham por turnos. A conversa que se começa de manhã, poderá não se acabar com a mesma pessoa à tarde.
EP01

Um dos critérios do Programa RAIA é o acolhimento dos jovens a partir dos 16 anos

Eles (jovens) valorizam muito, o facto de estarem juntos, com idades parecidas, porque alguns deles vem de residências, com mais pequenitos e mais velhos e há necessidades diferenciadas.

A questão do desenvolvimento de empowerment no jovem, pensar por eles próprios em determinadas questões

Não temos serviço social, temos psicologia e isso também se deve ao tipo de intervenção, que nós desenvolvemos aqui (nos apartamentos), aquela questão, do empowerment, de estimulá-los a pensar por eles próprios, a sentirem-se mais capazes.

Os técnicos alertam os jovens para o facto de que permanecerem neste equipamento o tempo que desejarem, caso contrário, os técnicos ajudam a encontrar outro sítio em alternativa ao apartamento

Temos menores em apartamentos, mas também maiores de idade e entram maiores de idade.

Aquilo que lhes é dito, é mesmo uma oportunidade, estás aqui, o tempo que te fizer sentido, quando deixar de fazer sentido, procuramos um sítio alternativo em conjunto.

Nós (técnicos) costumamos dizer, a partir do momento em que não quiseres estar aqui, procuramos uma alternativa em conjunto, com os menores, porque há as medidas jurídicas,

temos que estar mais atentos. Haverá ansiedade de querer ir lá para fora (da instituição), de experiências de ir viver para um quarto sozinho, se calhar é preciso mais apoio na escolaridade, vamos trabalhando.

O discurso é diferente, do que um (jovem) com 19 ou com vinte (anos), tem outro nível de maturidade. EP01

Eu acho que confundem, vem com entusiasmo, vou para uma casa, com mais dois ou três (jovens). Nenhum jovem entra sem um regulamento onde estão direitos e deveres. EE01

Esta resposta foi criada para os jovens com maturidade e que já conseguem viver sozinhos.

Capítulo IV. O processo de autonomização: competências e preparação da saída

No presente capítulo debruçamo-nos sobre os fatores pertinentes para a autonomização, competências para a autonomização, acompanhamento do processo de autonomia, preparação da saída e por fim apresentamos os casos de sucesso.

4.1. Fatores pertinentes autonomização

Existem vários fatores que determinam o sucesso ou o sucesso do processo de autonomização do jovem. O jovem tem determinadas necessidades que completam o seu desenvolvimento, uma delas é a autonomia. Estas necessidades podem ser asseguradas pela família, escola, comunidade. Neste caso é a instituição em que se encontra acolhido que as assegura. A instituição permite que o jovem treine competências, para mais tarde, conseguir enfrentar a vida em sociedade.

Os técnicos do Programa RAIA incutem no jovem a formação escolar enquanto estão em acolhimento, e alertam para a dificuldade na concretização da mesma, fora da instituição, tal como refere EP01.

A primeira que nós tentamos e às vezes com grande dificuldade tem a ver com a formação escolar, com quanto mais escolaridade eles (jovens) saírem daqui melhor, é muito difícil lá fora (da instituição) estudarem, porque, têm pouco suporte ou apoio. Alguns (jovens) tentam assumir o estatuto de trabalhador estudante e vão conseguindo, mas com dificuldade e a maioria desistem.

A escolaridade é um fator importante para a autonomia do jovem.

O fator económico também é assegurado pela instituição, visto que mensalmente dá ao jovem um montante que deve aprender a gerir segundo determinados critérios

O outro fator tem a ver com o dinheiro, aquilo que se tenta durante o tempo que estão connosco e alguns já trazem dos lares que vão treinando a capacidade de poupança, que tentem sair com o mais possível, é sempre algum que lhes possa valer em situação de aflição, ou quando eles vão arrendar um quarto, têm que pagar a caução e a renda, são 500 ou seiscentos euros.

Em termos de recursos externos, a situação habitacional nós tentamos definir antes deles saírem, se vão viver sozinhos, vamos visitar os sítios selecionados por eles, para ver se tem as condições mínimas de habitabilidade e conforto, se vão, de regresso à família, ou vão viver com irmãos, nós tentamos perceber as possibilidades daquela família, de poder recebê-lo, a motivação.

A gestão da mesada é pertinente, visto que é fundamental saber poupar para quando sair da instituição amealhar algum dinheiro para fazer face a necessidades que possam surgir.

A habitação é outro aspeto que a equipa procura com o jovem aquando da preparação da saída do mesmo

A entrevistada EP01 explicita-a como o abrigo para o jovem.

A situação habitacional é uma necessidade básica do ser humano para termos um espaço para estar abrigados.

A habitação é fundamental para definir o jovem vai para um quarto quando sair da instituição ou para a família.

Em relação à rede de suporte dos jovens, a psicóloga (EP01) entrevistada refere que o facto de os jovens estudarem fora dos estabelecimentos de ensino da CPL propicia um leque mais abrangente de conhecimentos.

Os (recursos) sociais, tentamos avaliar, o tipo de rede deles, amigos, familiares. A maioria tem redes consistentes e alargadas, porque eles (jovens) a pessoa pensa que podem estar muito centrados nos conhecimentos Casa Pia, houve outra política social para contribuir para a desinstitucionalização, sempre que possível para o jovem estudar fora das respostas educativas e formativas.

A rede de suporte é estimulada para os jovens manterem relações, com pessoas que não pertencem à CPL.

Também nos referimos à evolução de residências de acolhimento intramuros e fora de muros, o que propicia um “sistema aberto”, como refere a entrevistada EP01.

Eles têm a possibilidade de conhecer vários núcleos, outro dos nossos objetivos, é que eles tenham atividades, desporto, atividades artísticas, culturais, voluntariado. Eles acabam por não estar fechados na instituição. A instituição funciona como um sistema aberto, uma família e eles circulam em vários meios, núcleos, conhecem muitas pessoas.

A CPL incute no jovem que deve participar em atividades, assim adquire também algumas competências.

Referimos que para contribuir para a resiliência do jovem é essencial estabelecer relações de qualidade, tal como refere EP01 os jovens estabelecem relações que perduram no tempo

São relações de dois, três meses, outras, de anos e alguns trazem amigos de CAT's que frequentaram. Eles conseguem manter relações de longa duração, para miúdos que é mais o liga, desliga (percurso institucional).

O fator social é quando estamos a preparar a inserção social deles (jovens), sabem que podem contar com esta equipa, (em) alternativa a uma vizinha, uma amiga.

Os jovens têm profissionais, técnicos, educadores que o acompanham em vários momentos no seu percurso na instituição, seja individualmente ou em grupo

Assim, a entrevistada EP01 refere-se às reuniões de projecto pessoal e às sessões temáticas.

Há um trabalho que eles (jovens) têm dificuldade em perceber que nós (técnicos) estamos a fazer, no dia-a-dia, através dos educadores, nas reuniões de projeto pessoal que nós temos com eles, no mínimo de três em três meses.

Nas sessões temáticas, de grupo são sessões interativas, com dinâmicas de grupo, promoção de competências pessoais e sociais, cujo objetivo é refletir acerca de temas interessantes para eles, promovendo competências de promoção interpessoal, resolução de problemas.

A resiliência é um fator pertinente na forma como o jovem ultrapassa a situação em que se encontra, de forma positiva

Para a entrevistada EP01, este fator é determinante para a preparação da saída do jovem, da instituição

O grande fator são os recursos internos deles, é a resiliência, temos alguns (jovens) que saem da instituição em desemprego. Eles próprios dizem, não é por me continuarem a acompanhar que eu vou arranjar emprego, pouco ou nenhum suporte familiar, um ou outro amigo.

Uma pessoa pensa, aquele miúdo está a sair, todos os fatores comprometidos, mas tem um fator que nos tranquiliza, a capacidade de dar a volta à situação e depois vem cá e temos jovens que imigraram. Eu acho que tranquiliza-me esse tipo de saídas, do que aquelas em que nós temos que garantir tudo, porque se a habitação falha, o dinheiro, ele vai a baixo.

São jovens muito competentes, são assertivos, com uma grande capacidade de ligação. Se forem a uma entrevista de trabalho, sabem se comportar e às vezes não é dificuldade do mercado, são eles que são seletivos. EP01

A resiliência é um dos fatores mais importante no processo de autonomia do jovem

Para que o jovem saia da instituição devem ser estimuladas determinadas competências que o ajudam a ser autónomo, tal como refere EE01

Qualquer jovem quando sai, a maioria consegue. Embora façam os dois anos de Programa, há uma minoria que acaba por sair, com algumas áreas menos consistentes.

Nós costumamos dizer, este jovem está preparado para sair, quando tem a competência de cumprir horários, ser responsável nos seus compromissos, de saber utilizar os serviços, portanto, os recursos que existem, o ir ao banco, marcar uma consulta sozinho, a parte da gestão doméstica.

A educadora descreve a intervenção educativa que aplica aos jovens dos apartamentos de autonomia que acompanha

Eles (jovens) de início têm o meu acompanhamento quase em tudo e devagarinho vou tirando um dedo, depois outro dedo, até tirar a mão. Eles são avaliados de dois em dois meses. Também utilizamos um instrumento que nos ajuda, mas para eles perceberem, qual é a sua maior dificuldade, é Check List autonomia, porque primeiro parece que não têm quase competência nenhuma, depois há uma determinada altura que já consideram que sim e depois há outra que se esquecem. Cada jovem tem o seu ritmo e o seu percurso.

A existência de um instrumento para medir as competências adquiridas, a evolução. A necessidade de adaptação deste instrumento, visto que verificam-se diferentes necessidades dos jovens, desde o início do Programa RAIA.

A maioria dos jovens são eles a dizer, eu acho que estou em condições para sair.
A Check list é um instrumento que temos que adaptar aos jovens, os primeiros grupos eram jovens mais autónomos e com mais competência, menos necessidade do adulto presente. Hoje estamos a receber menores que têm outras necessidades. Também os recebemos mais novos, não que tivesse sido alterado em termos da exigência do Programa, porque já estava definido, a partir dos 16 (anos). Em 2005, 2006, quando nós abrimos os apartamentos, nos Lares tinha muita gente grandes.
Raro é o jovem que está num Lar, hoje até aos 17 ou 18 (anos). EE01

4.2. Competências para a autonomização

As competências do Programa RAIA englobam pensar por si próprio e uma avaliação constante das técnicas que se incute aos jovens, se resulta ou não, se é necessário fazer diferente.

O jovem refere-se ao papel do educador no apartamento de autonomia, bem como às aprendizagens que com ele fazem neste equipamento.

Eles (educadores) dão sempre uma orientação, antes de nós decidirmos fazer por nós próprios, na primeira vez, quando eu vim para aqui (apartamento de autonomia), mostravam-me os locais onde tinha de fazer pagamentos.EJ01
Gerir o nosso dinheiro. Ter mais autonomia. EJ02
Aprende-se a ser mais autónomo, aprendes muita coisa, até com a tua colega de casa. Por exemplo não sabemos fazer algum tipo de comer e ela ajuda.EJ03
Sabermos gerir bem o que nos dão, porque nós estamos nesta situação é muito bom nos dias de hoje. Há meninos que passam fome, que não têm uma família, nós também não temos. EJ05
Obriga-nos a pagar as contas sozinho, cozinhar, ter a casa arrumada, chegar cedo há escola, sem ser alguém há dê-nos acordar, ir para o trabalho cedo EJ06

O Programa RAIA estimula o jovem a gerir o seu tempo e desenvolve técnicas para que este consiga acordar sozinho, bem como definir objetivos.

O nosso Programa (RAIA) tem por quatro pilares, a gestão de tempo, o objetivo é que saiam do Programa, com a capacidade de estabelecer metas e objetivos, no tempo, a curto, médio e longo prazo, saber assumir um compromisso, ser pontual.
Uma das competências é saber gerir o tempo. Nos apartamentos não há ninguém para os acordar, eles desenvolvem estratégias, o telemóvel, acordam-se uns aos outros. EP01

De seguida abordamos a gestão do tempo, que os jovens são estimulados a fazer nos apartamentos de autonomia

É um bocadinho complicado, coincidir a escola com o resto. (EJ02)
Por acaso cheguei atrasada (a esta entrevista), por causa do autocarro, mas conseguir sair da escola, vir para aqui, ainda tenho outra reunião. Temos de saber a que horas temos de estar no sítio. Quando a Lena (educadora) ou alguém do RAIA marca alguma coisa, temos de apontar na agenda ou no telemóvel. (EJ03)
Já geríamos o nosso tempo, saíamos da escola, sabíamos que tínhamos que ir para o lar estudar. Agora é diferente, eu não saio da escola e vou para casa estudar, mas há noite tiro aquele tempo para fazer trabalhos.

Temos que saber gerir, porque eu entro às 8h30, tenho que acordar às 07h00 para ir tomar banho e sair de casa, para estar na escola às 08h30, depois saio da escola, não consigo gerir porque eu tenho muita coisa é a escola depois saio às quatro, tenho fisioterapia e ginásio e começa a ser muita coisa, mas consigo conciliar. (EJ05)

Os jovens são estimulados a gerir a saúde, ao nível dos medicamentos a comprar na marcação de consultas ou em caso de emergência

A gestão e aplicação de recursos, saber tratar de forma autónomo dos assuntos relativos à saúde, ir a consultas de rotina, especialidade, que devo fazer, em situação de emergência, para além de chamar alguém. Eles aprendem a fazer a gestão da caixa dos medicamentos, eles compram, sabem que há medicamentos básicos, o álcool, a água oxigenada, os pensos. Em termos do planeamento familiar, a educação sexual. EP01

No que se refere à alimentação, o educador responsável por cada apartamento dá indicações sobre as refeições a confeccionar

Em termos da alimentação, eles têm orientações, os educadores procuram trabalhar os menus para introduzir sopa, verduras, a saladinha, o peixe e a carne. Nas residências, eles comem aquilo que lhes põem na mesa, aqui são eles que vão às compras e que fazem os menus. Eles têm dois educadores que têm competência de saber cozinhar, eles gostam, aprendem e vão tirar receitas à net. EP01

Os técnicos do Programa RAIA alertam para o não consumo de substâncias psicoativas

Temos (a) área das substâncias psicoativas, num programa que era prevenção do consumo de substâncias psicoativas. Nós fazemos sessões de grupo, para trabalhar esse tema, para alertá-los e sempre que há suspeita ou consumo de substâncias, há uma intervenção individualizada, de tentativa de redução do consumo. A Casa Pia tem um programa, a todas as residências da Casa Pia, a todos os projetos que é o programa CSI que é um programa de promoção de competências sociais. Esse programa abrange a saúde, educação sexual, substâncias psicoativas, o desenvolvimento vocacional. EP01

Os jovens são estimulados à frequência escolar e no período de férias, tornar-se voluntário ou procurar um emprego

A área da educação e emprego onde nós (técnicos) procura-se o investimento na formação escolar, tentar que eles consigam sair daqui com o 12.º ano, porque a maioria ficariam com 9.º ano. É todo o trabalho de orientação vocacional que (o) Programa CSI tem é preparar para uma entrevista de emprego, elaborar um currículo, estimulá-los para experiências profissionais remuneradas ou não, trabalham com as competências profissionais, o chegar a horas, assumir o compromisso, ter que desempenhar funções. Eles nas férias letivas de verão são obrigados a apresentar uma experiência destas. Eles estão num programa formativo intensivo. O trabalho é difícil, pela questão do nosso país, como temos menores, eles têm dificuldade em arranjar emprego, por questões de legislação.

A realização das tarefas domésticas também é outro dos aspetos que deve ser desenvolvido nos jovens

A gestão e organização doméstica são tudo competências que têm que ser trabalhadas.

Questionámos os jovens sobre as tarefas que tinham mais dificuldade em realizar no apartamento de autonomia

Eu gosto de fazer todas as tarefas, porque nós temos que nos sentir bem na nossa própria casa, temos que fazer com (que) ela fique limpa. EJ01

Eu gosto de lavar a loiça, (a tarefa que menos gosta de fazer) aspirar o chão da sala, é complicado. (EJ03)

(a tarefa que mais gosta de fazer) -limpar o meu quarto a que menos gosta) - (limpar) a casa de banho. (EJ04)

A forma como os jovens organizam a realização das tarefas domésticas é outro aspeto abordado na entrevista. Foi referida pelos jovens a tabela com a escala de realização das tarefas.

Nós temos uma escala, com os nomes dos elementos (jovens do apartamento), temos os vários dias da semana e quando calha o dia, temos que fazer as tarefas que estão designadas. EJ01

É ao sábado, fazemos as tarefas e dividimos por pessoa. Passar a ferro, cada uma passa a sua roupa. Entrou uma miúda nova para a minha casa (apartamento), ainda não fizemos essa escala, porque nós entre nós organizamos (as tarefas). Quem chegar a casa primeiro, faz o jantar para aquelas que chegarem mais tarde. Vamos começar a fazer a escala. EJ03

Se eu fiz o jantar, arrumo a cozinha, lavo a loiça, outro dia, o colega faz o mesmo. A limpeza da casa fazemos no sábado, de manhã. (combinam, entre vós, tens que fazer o jantar?) Sim. (cada um passa a sua roupa)? Sim. têm a lista dos menus que vão fazendo ao longo da semana? EJ04

Combinamos no dia anterior que é para descongelar as coisas e para temperar. Ao fim de semana fazemos uma limpeza geral. Odeio passar a ferro. Tenho facilidade de fazer comida desenrasco-me bem (EJ05).

Ficam dois de folga e um na cozinha, na sala e nas casas de banho e depois é os quartos que é cada um a arrumar. Depois dia de semana, cada um tem o seu dia para fazer o jantar. É no momento é que agente vê ou no dia, antes de sair de casa, o que é que vai descongelar e organizam-se, mas quem escolhe é quem faz o jantar. EJ06

EJ07- Temos uma tabela que não seguimos. (O educador disse que) era obrigatório. Nós somos tranquilas se às vezes a outra jovem não pode passar o fim-de-semana, limpo eu a casa.

Cada um faz a limpeza do seu quarto. Somos três, é um para a sala, um para a casa de banho e um para a cozinha. Eu antes tinha dificuldade a cozinhar, agora já me desenrasco. (EJ08)

O aspeto económico, em que são definidos os aspetos de gestão da mesada que é entregue aos jovens mensalmente.

A gestão financeira é uma área específica. Eles nas residências recebem dinheiro de bolso, pode rondar os 15, 20 euros e quando vêm para nós, cada um tem uma conta bancária e é-lhes depositado todos os meses, 385,90 euros, para um jovem com 16 ou 17 anos, gerir é muito dinheiro e há muitas tentações.

A bolsa deve pagar as despesas da casa, vai grande parte, 150, 200 euros, depois eles sabem que têm 85,90 euros para as despesas, é obrigatório estar incluído o passe social e o telemóvel carregado para estarem contactáveis com os educadores e o que sobrar, é para a poupança, para ajudar na saída deles.

Já referida a forma como os técnicos dão indicações ao jovem para gerir a mesada, apresentamos, de seguida a opinião dos jovens, neste âmbito

Eles (educadores) dão-me tipo uma bolsa, nós temos dinheiro (para) a casa, para os passes, a alimentação e para as nossas coisas. A gestão, acho que é bem feita. Às vezes temos que fazer um ajuste, nem sempre as contas são mesmo valor, consoante a bolsa que temos que ver os gastos. EJ01

Um x vai para a casa, outro vai para poupança, e o resto fica para nós. EJ02

Eu recebo trezentos euros, recebo do RSI, da pensão que é 80 euros. Ponho oitenta euros na conta, 150 na caixa e o resto do dinheiro é para mim, sobra oitenta (euros). A minha escola dá o passe. EJ03

Todos meses recebemos 385 (euros), 150 para a poupança, 150 para a casa e 85 fica para nós EJ04

Poderia ser mais poupada. 385 euros, 150 é para a poupança, 150 é para a caixa, as despesas da casa e alimentação e os 85 para gerirmos da maneira que quisermos. A escola, dá o passe, temos o carregamento do telefone que são dez euros ou quinze. EJ05

A bolsa é de 385, 150 para a poupança, 150 para casa e os 85 é para o passe, as nossas coisas. (E és poupadinho) Gasto muito, em ténis, roupa. Até ao final do mês, começo logo a gastar, é muito raro eu ter algum. EJ06

Recebemos uma bolsa, 385 (euros), 150 para a casa, 150 para a poupança e 85 para o nosso passe e para os nossos gastos mensais. EJ07

150 (euros) 150 para a poupança, 150 para os gastos comuns que se mete na caixa e depois temos os 85.90 que é para os nossos gastos. EJ08

É dado a conhecer aos jovens os seus direitos sociais, para que estes sejam concretizados

Nesta grande área da gestão e aplicação de recursos que têm a ver com conhecerem os direitos sociais enquanto jovens, mas também enquanto jovens em acolhimento, em relação há nacionalidade, há questão do cartão de cidadão, o abono, pensão de orfandade. Têm uma medida jurídica, como é que funciona. Eles podem dirigir-se ao tribunal. É conhecer os recursos da zona, para perceber que existe uma junta de freguesia, o que se pode fazer numa junta de freguesia, uma camara, quais (as) funções de uma câmara, a loja do cidadão. Todos esses recursos sociais, eles vão tendo acesso à medida que vão tendo necessidade, ir ao Centro de Emprego, como é que funciona, a Declaração de IRS, temos tido alguns trabalhadores, agora é mais estudantes.

Os educadores na intervenção com os jovens trabalham as competências de comunicação

A gestão das relações inter pessoais é trabalhada não só no dia-a-dia, porque eles vivem em pequenos grupos e têm que desenvolver competências comunicacionais de grupo e de trabalho em equipa, porque têm que manter o apartamento em condições, garantir que há jantar todos os dias.

Nos apartamentos de autonomia as relações com os colegas com quem partilham o apartamento são intensas.

Estou a lembrar-me que uma jovem que passou por nós, esteve cá (no apartamento) quatro meses e foi para Londres e perguntei-lhe o que é que tinha sido mais exigente para ela, ela disse mais exigente foi viver com tão pouca gente, porque estava habituada a uma residência com quinze ou vinte pessoas e ela diz que há um problema que surge, é muito diluído. Ali é uma exigência, a intensidade das relações, somos quatro ou cinco que tem que resolver.

Os técnicos utilizam a dinâmica de grupo para trabalhar outras competências nos jovens

Em termos de sessões de grupo, fazemos dinâmicas, para estimular, a cooperação, o trabalho em equipa, a comunicação interpessoal. A regulação do self, tem a ver com saber lidar com sentimentos negativos e positivos, a euforia, a zanga, a frustração, a impulsividade, ter a capacidade de pensar um bocadinho antes de ou contar até 10. Há muitos que há o autodomínio, há o auto- controlo, a história familiar, o saber lidar com a problemática familiar, não só aquilo que já aconteceu, aquela família que tenho com quem quero continuar a conviver, aprender a lidar com aquilo, pensar e chegar a um sentido com eles.

Todo o programa, tem a ver com a reunião de projeto, as reuniões do plano de desenvolvimento pessoal, trabalham para a regulação do self. EP01

A educadora apresenta a metodologia que utiliza no seu quotidiano na abordagem aos jovens

Se estou com um dos jovens e há uma situação mais específica da psicologia, proponho, não será melhor falar, de acordo com a técnica que acompanha o projeto. Eu partilho quase tudo, o dia-a-dia no apartamento com os jovens, com a equipa. Se há alguma dificuldade, tenho esse apoio, o técnico embora não esteja lá (no apartamento) presente, inteira-se da situação do jovem. É verdade que o serviço estava desenhado, mas havia muita coisa que foi aparecendo, algumas foram construídas por mim. EP01

A educadora da equipa do RAIA, refere que aplica nas competências a adquirir pelos jovens, situações práticas e que os fazem pensar por si próprios, na confeção de uma refeição, na gestão doméstica, na procura de emprego ou acordar sozinho.

(...) são pequenos desafios que nós fazemos aos jovens. Eu sou muito virada para a prática, a maioria deles (jovens) não estão habituados a acordar sozinhos, têm sempre nos lares um adulto que os acorda e alguns têm grandes dificuldades em acordar sozinhos e ir há escola e o educador com o jovem vai tentando inventar estratégias e começa pelo telemóvel, é sempre conversado e avaliado. Tentamos que haja um apoio de equipa no apartamento, ajudá-los a pensar, é difícil, mas vamos conseguindo. Na gestão do dinheiro, nós fazemos a supervisão e controlo dos gastos individuais e comuns. O jovem sabe que tem x e pode gastar durante o mês aquele montante, como é que ele vai gerir.

E normalmente é sugerido fazer o registo diário dos gastos, experimentamos e vamos avaliando.

Não sei se isto é estímulo, é estratégia. A confeção de uma refeição, a primeira vez corre mal porquê, vamos experimentar fazer desta forma. Quando falo em jovens, temos estudantes e trabalhadores, é muito comum quando começam à procura de trabalho, com a nossa ajuda, fazer o primeiro contacto para responder a um anúncio, a tendência natural é dizer, o que é que eu digo e eu costumo dizer, eu faço o primeiro, tu vais-me ouvir e fazer o segundo. Pronto primeiro é estarmos de braço dado com eles e depois ir largando a todos os níveis, vão ganhar confiança e sentir-se, mais à vontade. EE01

De seguida referimos à forma como os jovens que são estimulados a elaborar o currículo quando se encontram à procura de emprego.

Ajudam-nos (os educadores) quando pedimos. Eu ainda não cheguei a essa fase. EJ02
São coisas que nós temos que saber desenrascar e aprender sozinhos e aprendem uns com os outros. Há sempre aquele que sabe e dá umas dicas, é assim que eu faço, que a minha família faz. EJ06
No ano passado estava a trabalhar na pizza hut do Colombo aos fins de semanas e antes de ir entregar o currículo, tinha algumas dúvidas, liguei ao zé, esteve a explicar-me como é que se fazia. EJ05
Currículo, eu tinha feito, depois perdi-o e na disciplina de psicologia temos estado a fazer. Comigo nunca fez, também nunca surgiu, também, se pedisse ele fazia. EJ05

O papel dos técnicos na estimulação do pensamento do jovem por si próprio

Eles (educador) dão uma dica e nós temos que resolver. (...)se tivermos um problema relacionado com saúde, temos que ir resolver. Eles querem ver a que nível é que estamos, para tentar responder às regras que a casa (apartamento de autonomia) impôs. EJ01
Sim, nós temos de decidir o que é que temos que fazer, queremos ir dormir fora, não podemos, mas temos de decidir se vamos ou não. (Dão liberdade de escolha dos temas das sessões temáticas) sim. Não isso depende das situações, ela (a educadora) dá-me as orientações, outras vezes, ela nem diz nada porque sabe que eu penso por mim EJ03
Dão só as orientações. EJ04
Ele dá-me a opinião dele e eu retenho e tomo a minha decisão.
Eu falo por mim sou às vezes precipitada nas coisas e as vezes é bom ouvir a opinião dos mais velhos.
Qual será o tema a abordar (na sessão temática), até onde é que vai a nossa cabeça, a nossa inteligência, também para testarmos um bocadinho.
Pensar dá trabalho, tem que ser sem pensarmos não podemos tomar nenhuma decisão. EJ05
Se estou com um problema e diz-me é melhor fazeres assim ou assado.
Normalmente são eles (educadores) que trazem os temas, nós também damos os temas para eles.
Uma vez pediu-me e doutora rita para apresentar para falar sobre poupança, depósitos a prazo. Pedem-nos para sugerir temas para nós não estarmos sempre a dizer são sempre os mesmos. EJ07
(Tema sessões temáticas): drogas, a violência no namoro. EJ08

As competências, no âmbito do emprego, direitos sociais, gestão da mesada e a estimulação do pensamento por si próprio, o empowerment são importantes para formar o jovem para a vida em sociedade.

4.3. Acompanhamento do processo de autonomia

O acompanhamento aos jovens do Programa RAIA é feito pelos educadores responsáveis pelos apartamentos de autonomia, bem como pela psicóloga. Referimos o diagnóstico, a intervenção e a avaliação da mesma enquanto aspetos a desenvolver.

Nós temos duas valências, na equipa, os educadores e as psicólogas.

A intervenção educativa, passa por um suporte intermitente, do percurso gradual deles de aquisição de competências. Numa fase inicial, há uma fase de diagnóstico, que eles entram todos com níveis diferentes e saem todos com níveis diferentes, dá para perceber o nível, o tipo e a quantidade de apoio que aquele jovem poderá necessitar e as áreas. A fase diagnóstica, o educador faz com eles e é pensada uma intervenção. São as áreas em que vamos trabalhar e entra o psicólogo de retaguarda, nas tais reuniões de desenvolvimento pessoal, o objetivo é de três em três meses, são eles que definem os objetivos.

Eles não estão habituados a pensar por eles. Não chegas-te a tempo à reunião, o que é que achas que quer dizer, o que é que é preciso para seres mais pontual, vamos definindo objetivos com eles, avaliando.

O diagnóstico da situação é muito importante, o desenho da intervenção também, mas a avaliação, é importante para eles irem tendo feedback de que as coisas estão a correr bem, ou não, que contributo é que da nossa parte para te ajudar a superar este objetivo e eles dizem não, tenho eu que ser, mas se calhar supervisionar-te.

A psicóloga reflete sobre algumas situações de resistência à forma de intervir dos técnicos no apartamento de autonomia em mostrar a caderneta de dinheiro

Eles vivem quase sozinhos, mas há uma intervenção sistemática e presente que alguns resistem. Quando chegam ao programa a autonomia funcional é adquirida, depois a autonomia emocional, autonomia cognitiva, têm outros contornos.

O facto de o educador pedir a caderneta para supervisão das contas, o objetivo não é controlar a conta bancária do jovem, eles começam a resistir, tenho que telefonar ao educador para ir sair à noite pedir autorização já sou maior de idade. Para ir alguém ao apartamento, tenho que dar conhecimento, pedir autorização. Há uma série de regras que nós temos e que é-lhes dado o acordo, as regras, os direitos e os deveres.

Os jovens mostram-se resistentes nomeadamente quando saem à noite e tem que pedir autorização

Eles resistem, quando entro no apartamento, às cinco da manhã, tenho que mandar uma mensagem ao educador, a dizer que cheguei bem. E nós contra argumentamos, tem a ver com a questão das ligações, quem se preocupa, quer saber, se eles estão bem. Os educadores e nós ligamo-nos a eles. Os educadores têm noção onde é que eles andam, porque alguns são menores de idade e nós temos essa responsabilidade moral e legal sobre eles. Há medida que vão crescendo e estando no Programa (RAIA) vão percebendo que é uma questão de profissão, de afeto. EP01

Alguns (jovens) podem reagir de início, depois acabam por perceber, sabem que já estão mesmo a terminar e a sair, ainda tenho que estar a pedir ou a justificar. É uma questão de respeito, o educador, aliás o próprio colega pode dizer que não lhe dá jeito, por exemplo em relação a receber visitas. Em relação às saídas, objetivo é formá-los enquanto seres com educação, tem que haver tolerância. São capazes de fazer alguma crítica, do que está definido, mas eles são muito desafiados, façam propostas e se lhe damos oportunidade, não mudava nada. EE01

Os técnicos acompanham os jovens em determinados momentos, neste caso nas reuniões individualmente

“Nós (educador), temos dois dias são fixos. Eles assinam o acordo está explícito, é de carácter obrigatório (um dia), a presença de todos os jovens naquela reunião, mas pode estar, a coordenadora do projeto ou que está o grupo todo para desenvolver as sessões temáticas feitas pela psicóloga e o educador do respetivo apartamento. Quando é só com o educador, é feita a avaliação, é o trabalho individual com o jovem, escola, saúde, a família,

é o momento do jovem conversar, no quarto. Se há uma necessidade de um jovem, depois quando acabar a reunião (de grupo), precisava que viesse até ao meu quarto, tenho um assunto para tratar consigo”. EE01

O jovem pode ser acompanhado ao nível individual, em que o educador tenda fazer o balanço da semana do jovem em vários aspetos.

“Individualmente é para saber como é que nós estamos a gerir o dinheiro, ver a nossa conta poupança, como é que estamos na escola. A educadora vai a cada quarto (...), para saber se está tudo bem”. EJ03

Vamos falando diariamente, como é que estão a correr as coisas, quando vamos ao projeto pessoal também, não é uma coisa que sentamo-nos de propósito para falar. Nós falamos mais é no projeto pessoal sobre essas coisas, porque no dia-a-dia vamos falando sobre isso, como é que estão a correr escola. (EJ07)

Somos os três (jovem, psicóloga) e a educadora, é de três em três meses, para ver se nós já adquirimos alguma competência a nível de dinheiro, o tempo. (EJ08)

Os jovens também são acompanhados nas sessões temáticas em que são abordados vários temas

E também pode ser feita, as reuniões em relação ao grupo porque pode ser feita noutra altura, o grupo dos rapazes e o das raparigas. Num mês há sempre uma reunião em que juntam todos os apartamentos, e nem todos têm a disponibilidade de fazer a reunião num determinado dia porque, alguns estudam, trabalham, há várias atividades. EJ01

É só para ver como é que nós estamos. Perguntam como é que passamos o fim-de-semana e como é que passamos em casa, com os nossos colegas. É quando ela vai para saber como é que nós estamos. é de semana a semana. EJ04

Falamos de vários assuntos da saúde, sexualidade, tráfico humano, há pouco tempo, até a gente fez um filme sobre o tráfico humano cá, poluição, a crise. É para ter uma noção do que é que se passa no mundo e como é que reagimos a certas situações. (as sessões temáticas) - varia, de duas em duas semanas depende (EJ05)

(...) falam sobre a sexualidade de quinze em 15 dias. EJ06

São temas que nós damos na escola e depois no lar também tínhamos um projeto que se chamava o PIPAS. Depois de quinze em quinze dias, às vezes tenho que deixar de fazer coisas para ir às sessões temáticas, são obrigatórias. Sexualidade, o último foi sobre violência no namoro, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência. Os vários temas que são falados drogas. (EJ07)

Tenho com a nossa psicóloga e com a minha educadora. Fazemos de duas em duas semanas. (Tema)- a sexualidade. (EJ08)

O PDP também é uma reunião de acompanhamento do jovem em que são definidos objetivos que têm que ser concretizados

Projecto de Desenvolvimento Pessoal, de três em três meses. EJ02

É sempre de três em três meses, para irmos pensando o que é que daqui a três meses, agente vai fazer. Passam esses três meses voltamos cá eles avaliam, esta competência conseguiste, conseguiste. Chama-se projeto pessoal e falamos sobre a escola, como é que está as notas, falamos um bocadinho de tudo o que agente quer.(EJ05)

Temos reuniões de três em três meses. É para combinar objetivos de naquele dia, até três meses, aquele que agente concluiu e que não concluiu. EJ06

Projecto pessoal de três em três meses consiste em traçar objetivos para daqui a três meses ver se os consegui realizar. Se não conseguiste, o que é que achas que deves fazer para superar o objetivo. EJ07

Também acompanham os jovens nas dinâmicas de grupo, em sessões com temas propostos

As sessões temáticas acontecem de quinze em quinze dias, e a presença da nossa coordenadora é uma vez por mês. Tentamos centrar no mesmo dia de grupo também para terem autonomia e gestão do seu tempo. Um tema das sessões temáticas, sexualidade, nutrição, tomada de decisão, umas vezes propõe a equipa outras vezes são os jovens é que propõem, é preparado previamente. Se eu estou na reunião e digo, vão pensando num tema que a próxima sessão são vocês a propor o tema e na semana a seguir, eles dizem este o tema e preparo com a dra. Rita. Nos apartamentos também apelamos à participação do jovem. Temos uma agenda, o educador faz o seu registo, há um caderninho de cada apartamento, onde eles (jovens) fazem o registo. São os jovens que propõem pontos para dar naqueles momentos de conversa, odeiam a palavra reunião.EE01

A frequência com que se realizam as sessões temáticas é a seguinte:

As reuniões são sobre alguns temas que vão surgindo, no mundo do trabalho e no nosso dia-a-dia são debatidas, de duas em duas semanas, para reflectir sobre assuntos em que temos dúvidas. Há sempre reuniões que são feitas para esclarecer. Caso seja necessário, entramos em contacto com o educador e ele tira as dúvidas. EJ01

A última (reunião) foi com o RAIA, a Pré- autonomia e com o TEIA. Foi o tráfico humano. Temos que apresentar o que ouvimos na reunião, aos Raianos àqueles que não foram. A APAV veio apresentar este tema. Normalmente os técnicos fazem sessões para nós. De dois em dois meses. Às vezes fazemos jogos temáticos.EJ02

São sessões temáticas, são todos os apartamentos que vão. Tivemos uma sessão temática que veio a APAV. EJ03

As sessões temáticas (frequência) é duas vezes por mês ou uma vez por mês.

A sessão de ontem, foi sobre profissões, o que é que nós queríamos ser, é também de sexualidade. Nós conhecemos mas não abordamos no dia-a-dia e falamos deles mais aprofundadamente”. EJ03

Papel do educador

O educador tem um papel fundamental na forma como o jovem encara o acolhimento.

A relação que o educador estabelece com o jovem deve ser de proximidade, disponibilidade e ouvir o jovem.

Eu acho que o educador somos domésticos, cozinheiros, porque eu para exigir, tenho que fazer primeiro para eles aprenderem, às vezes temos avanços e recuos.

Nesta área da gestão doméstica, temos que ter vertente prática, a confeção das refeições, das idas às compras, o avaliar os preços.

Eu acho que temos que ter alguma maturidade, porque lidar com jovens comparando com os mais novos, é preciso ter firmeza, saber estar próximo.

Temos que estar disponíveis 24 horas sobre 24 horas, nós temos um telemóvel de serviço, mesmo para estes que recebemos agora, mais novos, os contactos telefónicos deles são coisas muito evidentes.

A relação que os jovens estabelecem com o educador era a preocupação da educadora que os acompanha no Programa RAIA

O usar a mesma linguagem do jovem, somos de uma geração diferente, tal como, os filhos com os pais. Eu tinha dificuldade, como no acolhimento, a base do sucesso é o trabalho de relação com estes jovens e o êxito de inserção social, porque eles continuam ligados a nós. Eu disse trabalhar com jovens que já estiveram nos lares, vão estar comigo dois anos, eu que estava habituada a recebê-los com, seis anos, saíam com 16, 17 e 18. A minha preocupação era que relação é que eu vou estabelecer e hoje tenho uma opinião. No primeiro grupo criámos uma relação muito forte. Desde 2005, nós sabemos onde eles estão, continuam a contactar, falamos, houve relação. Há jovens quando entram vem com grandes expectativas, confundem, autonomia com independência, uma pessoa que é independente, não depende de ninguém, eles continuam a depender da Casa Pia de Lisboa, financeiramente e não só.

De seguida apresentamos a opinião dos jovens sobre a relação que têm com os educadores no apartamento de autonomia

Temos que respeitar os educadores e ouvir as orientações, tentar cumprir ao máximo. É a ligação entre o mundo que está lá fora (do apartamento) e o nosso. Fazem (os educadores) uma ponte. Estão disponíveis 24 horas, para nos dar algumas informações. EJ01

Para ver se está tudo bem connosco, se precisam(os) de alguma coisa, se está tudo a correr bem na escola, no apartamento. EJ02

É razoável, é normal, dentro dos possíveis, porque às vezes nós queremos fazer certas coisas e não dá, mas nós ficamos com aquela coisa na cabeça que queremos fazer e ficamos chatiados, depois compreendemos, mas no momento não compreendemos.

A educadora também nos dá um certo apoio, mas temos de ser por nós próprios, nós é que temos de evoluir como pessoas. EJ03

O educador é prestável, nunca houve nenhuma situação desagradável, mas nunca houve nenhuma situação em que entrássemos em confronto com ele e ele connosco. Ele também é assim connosco porque tem confiança em nós e nós nele e é respeitador. Também damos uma margem maior do que uma pessoa que não tenha responsabilidade. (EJ05)

Conheço o educador desde que entrei no lar e a relação foi sempre boa. (EJ06)

Damo-nos bem, não há stresses. Eu quando fui para a residência, estava com receio, pensava que ia ter medo de estar a viver sozinha. Eu estranhei a questão de viver com muita gente (no lar) e de repente viver só com mais uma pessoa. O (educador) confia em nós, sinto isso da parte dele. É mais a questão da gestão financeira, eles têm mais cuidado e ajudam mais. EJ07

Tenho uma boa relação. Eu acho que tem um papel, muito importante, é o nosso apoio. Nós no lar temos o educador 24 horas sob 24 horas e aqui não, se precisarmos, nalguma urgência temos que ligar. (EJ08)

A periodicidade de contacto do jovem com o educador no apartamento de autonomia. Os jovens referem que o educador contacta de todos os dias a duas vezes por semana, se desloca ao apartamento ou telefona

Às vezes vai (ao apartamento) de semana a semana ou liga-nos. Ou nós ligamos-lhe, se precisamos. EJ02

Sim, ele (educador) orienta em coisas que agente não sabe. De dois em dois dias EJ04 É importante porque ele vai (ao apartamento) todas as semanas, porque às vezes nós baldamo-nos às coisas. Não queremos fazer por vontade própria e está lá o educador.

O educador é importante e dá-nos conselhos, diz-nos as coisas que nós devemos fazer, o que nós não devemos (fazer). A Lena (educadora) dá sempre dicas a tudo. EJ03

Vai lá (ao apartamento) sempre que agente precisa, falamos sempre com ele abertamente sobre todas as coisas, também quando tem que dar na cabeça, dá. Por exemplo quartas-feiras é o dia das reuniões. Há vezes que não precisa de falar sobre nenhum assunto. Somos duas, se cumprir as coisas, não precisa de ir lá todas as quartas-feiras ou todos os dias. Vai

duas vezes, vai-nos ligando, agente também vamos ligando à medida que vamos precisando de alguma coisa, da escola, ou outros assuntos de saúde. EJ05

É para ver como é que as coisas estão, às vezes tem que avisar muitas coisas se não aquilo começa logo a descambar.

Todos os dias e muitas vezes por causa dos colegas. Muitas vezes não consegue contactar, então vai lá. EJ06

Pode ir todos os dias, porque é necessário tratar de alguma coisa mas o normal é uma ou duas vezes por semana. EJ07

O educador vai lá de vez em quando, ver se precisamos de alguma coisa.

Duas vezes por semana, uma para reunir com os colegas e outra é para fazer as limpezas da casa, há sempre qualquer coisa que falta aprender.

Nós temos todas as quintas feiras, que enviar um plano de fim-de-semana a dizer o que é que vamos fazer, os maiores de 18 anos, quem é menor tem que ser pedido, à directora, o termo de responsabilidade que o adulto assina com quem ele vai estar, seja familiar ou família amiga, mas sendo adulto ou não tem que se enviar sempre o plano de fim de semana, a dizer, se janta, se pernoita (no apartamento). (EJ08)

O acompanhamento por parte do educador, da psicóloga, bem como nas reuniões de PDP, sessões temáticas e acompanhamento individual é um suporte para o jovem, que é avaliado sistematicamente por estes profissionais.

4.4. Género e autonomia

A questão do género nas diferenças dos jovens na autonomização é analisada por ambas as entrevistadas, sendo que existe uma discordância, na opinião de ambas, a primeira refere que existem diferenças. A segunda não apresenta diferenças no género.

Desde que nascemos, os rapazes e as raparigas tem períodos e tempos de maturidade diferentes, o que verificamos, elas são menos infantis nas questões do self, nas reações interpessoais, nas sessões de grupo. Em termos de autonomia emocional e funcional. Em termos cognitivos, é equivalente, temos tido rapazes mais capazes, no sentido mais prático. A grande dificuldade com os rapazes é na organização e gestão doméstica. A gestão financeira era com as raparigas, mas neste momento é rapazes e raparigas. A educadora, se ter apercebido de que o líquido do detergente lá em casa nunca mais acabava, eles acrescentavam água para não gastar dinheiro, eles não acendiam as luzes em casa. EP01

Em qualquer dos géneros existem grandes diferenças. Há rapazes que são tão competentes como as raparigas. Em termos da saída dizem sempre os rapazes são mais desprendidos do que as raparigas, eu não concordo, o primeiro grupo de rapazes que eu tive foi muito complicado a saída daqueles meninos, que eu dizia-lhes, mas eu tenho que lhes fazer a mala do lado de fora da porta, porque eles choravam. Estes jovens que tiveram muitos anos em instituição, o dia da saída é muito complicado, é completamente diferente, todos, com sofrimento, é muito o desejo, vontade, mas depois quando se aproxima o dia, é doloroso, é difícil. Na gestão do dinheiro, as raparigas é mais difícil. Os rapazes são mais práticos, vou às compras com as raparigas, demoro duas horas e com os rapazes, são mais objetivos. Não há nada que se acentue, na gestão do dinheiro, há uma ligeira diferença, na parte doméstica, mas eu também vejo rapazes que conseguem. EE01

4.5. Rede social de apoio

A rede social de apoio aos jovens é proporcionada pelo facto de o jovem viver no apartamento de autonomia, num prédio, na comunidade, este permite ao jovem treinar competências sociais.

Os apartamentos estão todos inseridos em prédios. Uma competência que é difícil (...) saber viver num prédio, os barulhos, os movimentos na escada à noite, as pessoas que se levam ao apartamento, o tipo de comportamentos, a adequação, o saber cumprimentar os vizinhos. Eles estão (localizados) todos em Alvalade e em Alcântara. São prédios antigos e têm pessoas de idade a morar neles, o ajudar a levar os saquinhos das compras, são competências sociais que eu acho que o espaço permite eles treinarem, sobretudo a questão do barulho, insonorização zero, eles têm que ter cuidado porque rapidamente incomodam.EP01

Todos eles têm felizmente amigos e a maioria penso que tem família que visitam, têm ligações com a utilização dos serviços, com alguns professores. EE01

Os apartamentos de autonomia localizados na comunidade facilita o processo de integração dos jovens na comunidade.

Os jovens quando questionados acerca da relação com os vizinhos referem que não devem fazer barulho, outros jovens não têm relação com os vizinhos.

É normal, dizemos boa tarde, bom dia. O meu prédio é pessoas mais de idade. Nós não podemos fazer barulho para aquelas pessoas, como se fosse pessoas jovens.EJ02

Temos de fazer menos barulho. Nós damo-nos bem com os vizinhos.EJ03

Eu nem quase vejo os vizinhos. EJ04

No nosso caso não há problema. Há pessoas complicadas e se há um dia que eu levo uma amiga ou um amigo (...), as pessoas já não tem a nossa idade para estar a ouvir barulho até as 11 da noite. EJ05

A gente não fala muito. EJ06

Apesar de que nós não temos muitos vizinhos no prédio, ao início íamos lá (a casa) levar bolos quando fazíamos, porque uma vez tinha-nos dado fruta, agora é olá boa tarde. Ela também não gosta muito de se meter na vida das outras pessoas. (EJ07)

Temos um vizinho complicado. Nós não temos muita relação. (EJ08)

Como se verifica com estes depoimentos, as relações com os vizinhos constituem-se como um processo de socialização e de relações com os outros, particularmente com os mais velhos

4.6. Preparação da saída

As técnicas que acompanham os jovens no apartamento de autonomia refletem sobre a forma como preparam a saída dos jovens, da instituição.

Ambas partilham a opinião que desde o primeiro dia no apartamento, os jovens são preparados, bem como nas reuniões em que são acompanhados, essa questão é avaliada.

Todo o Programa (RAIA) é orientado nesse sentido, nas reuniões de projeto, eles (jovens) vão definindo objetivo a curto, médio para atingir o objetivo a longo prazo, que é a saída deles (jovens), da instituição.

Nós vamos dizendo, tens ideia do que é que queres fazer quando saíres daqui, queres ir viver sozinho, com a tua família, na reta final, muda radicalmente.

Têm quadros muito idealizados de ir viver com a família, nós conseguimos pô-los a pensar sobre isso, perceber que aquela família poderá, não estar capaz de os receber da forma como eles pensam, perceberem que também há rejeições.

Na reta final do Programa (RAIA), estamos definir a morada, a situação escolar, o ideal era eles saírem com os cursos terminados, às vezes ainda lhes falta um ano e têm que sair do apartamento. A maioria deles (jovens), quando sai dos apartamentos, regressam à família, por questões económicas, é difícil suportar um quarto, mas depois, quando vão para um quarto, a questão do pagamento, eles já estão treinados nisso. EP01

Nós começamos a prepará-los no primeiro dia e um mês (depois), são convidados, a fazer a avaliação, a pensar no presente e no futuro e as áreas do projeto de vida em que são avaliados, a parte do eu, da saúde, escola, atividades, hobbies, família que tem. O jovem tem uma ideia, eu vou sair, desta forma e depois é avaliado, está o jovem, o técnico, o psicólogo, o educador. Quando o jovem entra pensa, vou viver com a minha irmã, mas ao longo do processo, ele pode ser alterado.

Eles estão no apartamento de autonomia, o objetivo é eu quero viver autonomamente, muito poucos voltam para a família. EE01

Também os jovens têm perspetivas para a saída, da instituição, para a vida em sociedade

“Eu já tinha trabalho, casa na Suíça. Tenho (...) a vida encaminhada. A família está lá a trabalhar”. EJ01

“Ter uma vida melhor, uma casa, trabalho (...). Quartos alugados: mais ou menos. Regresso à família, pouco.

É para um T0”. EJ02

“Eu queria acabar o curso e estar aqui (apartamento de autonomia), porque é dinheiro certo que nós temos. Sim vou para casa da minha irmã. EJ03

Eu vim a uma reunião e eles (equipa Programa RAIA) disseram que me prolongavam mais um ano até eu acabar a escola. Mas se eu tivesse agora que sair, (...) tenho a minha irmã que já trabalha, tem uma casa. Quando sair daqui quero arranjar um par-time conciliar as coisas e acabar o 12.º (ano) (EJ05).

(...)ou ia para a minha família ou para um quarto. Estou à procura (de trabalho). Fui entregar (currículo) em restauração, e lojas de ténis. (EJ06)

Vou para a área da Contabilidade. Estava a pensar tirar um pós-laboral, (...) trabalhar de dia. A Casa Pia não me vai ajudar para conseguir pagar as minhas despesas. Eu tenho amigas (...) , juntávamos mais uma amiga e alugávamos uma casa. (ir para a família) Eu viver para casa da minha mãe (...), não tenho ambiente para ir para lá viver. Foi mais uns mesitos (o Programa RAIA). Vou juntando um dinheirinho e já estou mais preparada para sair, mas por enquanto ainda não. (EJ07)

Vou para a família. (EJ08)

A autonomia faz os jovens perspetivar a sua saída da instituição, ao nível de conseguir um emprego, terminar o curso e manter contato com a família.

Desinstitucionalização

Os jovens dos apartamentos de autonomia referem-se ao tempo que falta para saírem da instituição para enfrentar a vida em sociedade.

Em princípio, eu propus até ao final do curso. EJ02
Para o ano (2014). EJ03
Eu estou a idealizar para Setembro (2014).

4.7. Casos de sucesso

Pretendemos saber de alguns casos de sucesso de jovens que já concluíram o seu processo de autonomia, saíram dos apartamentos de autonomia.

A entrevistada EE01 faz um balanço do processo de acolhimento nos apartamentos de autonomia, bem como, define o conceito de sucesso, relativamente ao processo de autonomia dos jovens.

Tal como refere a entrevistada EE01 há:

Sucesso porque eles (jovens) (...) foram inseridos socialmente. Todos os jovens que passaram pelos apartamentos desde 2005. A maioria estão a trabalhar, constituíram família. Cada um com as suas capacidades organizou-se. Tivemos muitos (jovens) que não fizeram os dois anos de Programa (RAIA), é um ano, ano e meio. (...) por mim já passaram nestes oito anos, uns trinta jovens. (...) Estamos na reta final, não faz muito sentido, terminar o ano letivo, porque o projeto de vida é concluído, não tem emprego, tentamos trabalhar com a base dos dois anos.

Hoje essa necessidade de prolongar, porque entram mais cedo, mesmo em termos escolares, o nosso grande objetivo é que eles concluam, o projeto escolar, porque saindo antes, não corre tão bem.

Pretendemos perceber o que acontece aos jovens que saem dos apartamentos de autonomia, bem como se os fatores que os técnicos tentam promover nos jovens, estão assegurados na vida em sociedade, fora da CPL.

A Entrevistada EP01 referiu:

O ISCTE teve a avaliar o Programa (RAIA) para poder validá-lo cientificamente porque nós (CPL) fizemos follow- ups e concluímos que 40 ou 50 jovens estavam bem inseridos socialmente. Todos eles sobrevivem, mas sabemos que temos uma ou outra situação que foram para caminhos ilícitos. Eles (jovens) constroem ligações positivas com a equipa (do RAIA), há questão de não querer defraudar as expectativas. Quando nós telefonamos, a maioria deles (jovens) está a trabalhar, tem o seu rendimento, um espaço habitacional e mantém ligações saudáveis com a família. Em termos de saúde são jovens fisicamente saudáveis, saem a saber tratar da saúde, de uma forma autónoma.

Apresentamos de seguida dois casos de sucesso que para a psicóloga e para a educadora são dois exemplos de jovens que estão integrados na sociedade.

4.7.1. Caso de sucesso1:

Tinha 16, 17 anos e tinha muita vontade de vir para os apartamentos. Ele era um miúdo capaz e competente em termos funcionais, autonomia cognitiva e emocional era a maior fragilidade. Entrou no apartamento, começou a fazer uma integração excelente, participativo, dinâmico. Ele era da área de cozinha. Ele treinou e era exímio, na gestão doméstica, nas outras áreas era um pouco frágil.

Era afável, simpático, meigo, carinhoso. A história de vida dele (fez com que,) quando começámos a trabalhar esse tipo de áreas e a desenvolver e a confrontar alguns comportamentos menos adequados.

Ao final do primeiro ano, ele já não lhe fazia sentido estar no programa, a vida lá fora também treina competências. Não vir às reuniões, não responder á educadora, estava cheio de medo de sair, até que ele sentiu que nós estávamos a expulsá-lo. Houve uma reunião que eu acho que ele percebeu que nós não o estávamos a mandar embora, estávamos a construir com ele uma alternativa. Tratava-se de um miúdo sem suporte familiar, só amigos. Ele estava a trabalhar num restaurante. Ele saiu para um quarto alugado, sem apoio financeiro, não havia necessidade de a Casa Pia lhe dar nada e conseguiu preparar a casa para receber o irmão, começou a trabalhar em dois empregos, na área da restauração. O irmão mais novo quando ele saiu, entrou noutro apartamento. O irmão acabou o Programa (RAIA) e ele recebeu o irmão, anda a estudar, está fazer o último ano do curso. O irmão dele foi um dos que recebeu o prémio (de mérito) máximo da Casa Pia.

4.7.2. Caso de sucesso 2

Ele (jovem) veio para o apartamento, estava a fazer o curso de formação profissional, na área do desenho, tinha o sonho de ir para Universidade, mas pelas suas dificuldades, conseguiu perceber que não tinha condições. O último ano de curso de nível 4 concluiu fora (do apartamento) embora acompanhado (sem estar no apartamento, mas eu não o acordava, não estava diariamente com ele) por nós, já estava a viver sozinho e é o equivalente ao 12.º ano, saiu em 2007. Ele não saiu para casar, está a trabalhar numa Bomba de Gasolina, casou com a namorada, na altura que estava connosco, tirou a carta de condução, tem carro e tem uma filha.

Este jovem quando convidou-me para madrinha de casamento, nós não podemos aceitar todas as solicitações. Entrevistada EE01

Conclusões finais

A pesquisa contribui de forma significativa para o conhecimento na área, pelo facto de estudar a gestão e eficácia do processo de autonomia, através dos Apartamentos de Autonomia, Programa RAIA.

Uma vez que os resultados da investigação já foram apresentados, passamos sumariamente a discutir os mesmos e tirar conclusões sobre determinados aspetos.

Os jovens antes de serem admitidos nos apartamentos de autonomia, passam por LIJ, CAT, da CPL ou não.

Em relação á institucionalização provoca efeitos no jovem. Para tal deve-se privilegiar uma relação de qualidade com os colegas e funcionários da instituição em que o jovem se encontra acolhido, nomeadamente a psicóloga, a educadora. Neste sentido também o jovem deve ser resiliente para ultrapassar positivamente os efeitos da institucionalização.

Fruto desta qualidade das relações, os jovens criam ligações e afetividades com os colegas com quem partilham a instituição e o apartamento de autonomia, bem como com os educadores que têm um papel fundamental no apartamento de autonomia.

No que se refere às políticas sociais, a psicóloga refere a desinstitucionalização dos jovens, e os programas formativos intensivos para que os jovens possam adquirir competências para se tornarem autónomos. Também a educadora refere a desinstitucionalização visto que os jovens permanecem institucionalizados por longo período de tempo em LIJ.

Assim, como respostas para os jovens no âmbito da autonomização surgem na CPL, os apartamentos de autonomia fruto do Programa RAIA e posteriormente as residências de pré autonomia. Ambas diferem pelo fato de a primeira ser para jovens com maturidade, capacidade de autorregulação que quase não precisam do apoio do educador no apartamento.

Os jovens consideram que no apartamento de autonomia têm liberdade, responsabilidade, tarefas que devem executar sozinhos. Embora o educador transmita orientações e os jovens tenham que lhe dar satisfação quando saem à noite ou elaborar um plano de fim- de- semana, por vezes surgem algumas resistências a este controle que tem que ser ultrapassado pelas regras institucionais. Apesar de tudo, os jovens consideram que lhes são dadas competências e o apartamento é a preparação para mais tarde viverem sozinhos.

De acordo com os jovens e as técnicas entrevistadas, as competências que são estimuladas nos jovens são ao nível da gestão do tempo, da bolsa (mesada) que a Casa Pia lhes dá, bem como a poupança para mais tarde fazer face às necessidades, quando saem da instituição (pagar o quarto), assegurar que tem uma habitação, quando os jovens saem da instituição, ter uma morada definida, se vai ver com os pais ou para um quarto em ambos os casos são avaliados, o ir viver com a família, se esta tem condições para o receber, bem como se o quarto para onde vai viver tem condições. Também a rede social, os recursos sociais que o jovem pode utilizar, bem como saber a questão da saúde, os recursos internos, a sua alimentação e por fim, a questão da escolaridade, são desafios que são propostos diariamente aos jovens e que contribuem para a sua autonomia.

O processo de autonomia através do apartamento é avaliado sistematicamente pelo educador responsável pelo apartamento, bem como pela psicóloga da equipa do RAIA.

Se o jovem não consegue atingir o objetivo que pretende, o educador e o jovem tentam experimentar estratégias para a concretização do mesmo. Quando o jovem tem uma dificuldade, o educador recorre ao grupo, ao trabalho de equipa dos jovens com quem partilha o apartamento, para resolver essa dificuldade. Através de acompanhamento ao nível individual, no apartamento semanalmente, nas reuniões de Projeto de Desenvolvimento Pessoal, de três em três meses, bem como nas sessões temáticas, em que é estimulada a dinâmica de grupo, bem como o pensar por si próprio na definição de um tema para a reunião.

A autonomização faz com que os jovens perspetivem a vida futura fora da instituição. Neste sentido, pretendem o regresso à família, encontrar trabalho e acabar o curso

A educadora da equipa do Programa RAIA refere que os jovens os jovens que estiveram nos apartamentos de autonomia estão inseridos na sociedade, visto que estão a trabalhar e constituíram família.

Nesta questão da saída, o fator resiliência é fundamental, visto que faz a diferença, por vezes, o jovem pode não ter assegurados todos os fatores que adquiriu no apartamento, mas tem este fator e sobrevive, fora da instituição.

Recomendações para trabalhos futuros

Decorrida esta investigação, pretendemos perspetivar novas linhas de pesquisa por serem pertinentes e fundamentais para a vida futura dos jovens.

Assim, sugerimos a continuação do presente estudo, com os mesmos ou outros objetivos de investigação. No entanto, deveria incidir também incluir a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em vez de apenas na Casa Pia de Lisboa e outras instituições do país.

A fundamentação desta linha de investigação deve-se ao facto de a génese dos apartamentos de autonomia, em parceria com o ISCTE, bem como a Universidade de Dartinton. O ISCTE ter selecionado duas instituições para desenvolver projetos, neste caso os apartamentos de autonomia.

Deste modo, seria pertinente aplicar o guião de entrevista aos jovens da Casa Pia e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, no sentido da realização de um estudo comparativo.

Uma segunda proposta de investigação enquadra-se nas residências de pré autonomia que constituem uma resposta recente na Casa Pia de Lisboa. Esta resposta também tem expressão na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. É um equipamento que contribui também para a aquisição de competências, embora numa fase antecedente aos apartamentos de autonomia. Portanto, perceber como essas duas instâncias completam-se e qual o *continuum* que existe, se existe, e se necessita ser melhorado, seria também uma pesquisa que completaria o quadro do processo de autonomização.

A avaliação da relação que o jovem mantém com colegas de instituição, escola, educadores das instituições é pertinente para o sucesso da autonomização, por tal facto é passível de investigação.

A investigação sobre a vinculação dos jovens aos funcionários das instituições em que já estiveram.

O empowerment desenvolvido nos jovens através das Residências de Pré autonomia, bem como dos apartamentos de autonomização também é suscetível de ser explorado.

Bibliografia

- Abafa, P, & Costa, R. (2013). Programa de Competências Sociais Integradas. In Duarte, E. *Jornal CED Santa Catarina*, n.º6 Fonte: <http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=9SAA5OO1vX0%3d&tabid=299&language=pt-PT> Acedido em www.casapia.pt/
- Aboim, S. (2011). *Jovens e Vida Familiar*. Fonte: <http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/setembro-2011>. Acedido em 18 de abril de 2015 em. <http://www.opj.ics.ul.pt/>
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino*. Porto: Afrontamento.
- André, M.. (2011) Ser Jovem Hoje! In Almeida, C. V. de. *Jovens: Nosso Futuro, Nossa Construção-Pontos de Reflexão sobre os jovens e pelos jovens*. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Barth, R. (1990). On their own: The experiences of youth after foster care. *Child and Adolescent Social Work Journal*, n. 7, p. 410-440.
- Bebbington, A., & Miles, J. (1989). The background of children who enter local authority care. *British Journal of Social Work*, n. 19, p. 349-368.
- Blome, W. (1997). What happens to foster kids: Educational experiences of a random sample of foster care youth and a matched group of non foster care youth. *Child and Adolescent Social Work Journal*, n. 14, p. 41-53.
- Bourdieu, P. & Wacquant, L. (1992). *J.d.réponses*. Paris: Seuil.
- Cairns, K., & Stanway, S. (2004). *Learn the child: Helping looked after child to learn. A good praactice guide for social workers, careers and teachers*. London: British Association of adoption and Fostering.
- Calheiros, M., M., Graça, J, Moraes, I, Mendes, R., & Garrido, M, V. (2013). Desenvolvimento de um programa de preparação para a vida autónoma para jovens em acolhimento residencial. In Calheiros, M., M. *Crianças em risco e perigo : contextos, investigação e intervenção* (vol. III; pp.241-294). Edições Silabo.
- Casa Pia de Lisboa [CPL]. (s/d) *Os Desafios do acolhimento na Casa Pia de Lisboa*. Fonte: <http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=KfHkteKLgVo%3d&tabid=299&language=pt-PT> Acedido em 15 de Abril de 2015 em www.casapia.pt
- Casa Pia de Lisboa [CPL]. (2015). *NEWS Abr' 11, Acolhimento*. Fonte: <http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=HW3UvHtT%2F74%3D&tabid=336&language=pt-PT> Acedido a 18 de fevereiro, 2015 de CPL em www.casapia.pt/
- Casa Pia de Lisboa, I.P. (2013). *News DEZ' 13*. Centro Cultural Casapiano.

- Casa Pia Lisboa. (2011). Os desafios do Acolhimento na Casa Pia de Lisboa (2003/2010). *News ABR`11, Gabinete de Comunicação*. Fonte: <http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=HW3UvHtT%2F74%3D&tabid=336&language=pt-PT>
- Código Civil Português (2008). Edições Almedina, S.A.
- Colca, L., & Colca, C. (1996). Transitional independent living foster homes: a step towards Independence. *Children Today*, n. 24, p. 7-11.
- Conselho Técnico Científico da Casa Pia de Lisboa [CTCPL] (2005). *Casa Pia de Lisboa, um Projecto de Esperança- As estratégias de acolhimento das crianças em risco, Principia: Cascais* (1ª ed).
- Constituição da República Portuguesa. (2005). Título II: Direitos, Liberdades e Garantias, Capítulo II: Direitos, Liberdades e Garantias de participação política, Art.º 69 e 70. Fonte: <http://www.parlamento.pt/LEGISLACAO/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- Correia, L., Esteves, S., Faria, C., & Ramos, J. (n.d.). *Programa de Competências Sociais Integradas (CSI)* (Integrated Social Competences Program). *Journal of Child and Adolescent Psychology*, n. 5 (1), p. 197-200.
- Coutinho, C (2013). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas* (2ªed). Lisboa: Almedina.
- Crescer em Rede (s/d) *Programa Umbrella*. Fonte: http://www.cresceremrede.net/i_online/interventionData.aspx?idIn=8 Acedido em 15 abril de 2015 em <http://www.cresceremrede.net/>
- Damon, W. (2008). *Que futuro para os jovens de hoje*. Lisboa: Editorial Presença.
- Darden, C., Ginter, E., & Gazd, G. (1996). Life skills development scale-adolescent from: the theoretical and therapeutic relevance of life skills. *Journal of Mental Health Conseling*, n. 18, p. 142-163.
- Decreto-Lei n.º 77/2012 de 26 de Março. In Casa Pia de Lisboa [CPL]. (2015). Fonte: <http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=6%2FqP%2Bju%2BgY%3D&tabid=102&language=pt-PT> Acedido em 18 de abril de 2015 em www.casapia.pt/
- Despacho 9016/2012, de 4 de Julho. Cria Plano SERE+
- Diário da República, 2.a série—N.º 90—10 de Maio de 2007 Despacho n.º 8393/2007
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia* (1ª ed). Lisboa.
- Duarte, E. (2012). Ecos do Trabalho em acolhimento. Normalização versus Especialização In Duarte, E. *Jornal CED Santa Catarina*, n.º1. Fonte:

<http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=a18QvwP9DXk%3d&tabid=299&language=pt-PT> Acedido em www.casapia.pt/

Duarte, E. (2012). *Jornal CED Santa Catarina*, n.º2 Fonte: <http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=yg2MKOuXKZg%3d&tabid=299&language=pt-PT> Acedido em www.casapia.pt/

Duarte, E. (2012). *Jornal CED Santa Catarina*, n.º3 Fonte: <http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=yg2MKOuXKZg%3d&tabid=299&language=pt-PT> Acedido em www.casapia.pt/

Duarte, E. (2012). *Jornal CED Santa Catarina*, n.º4 Fonte: <http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=yg2MKOuXKZg%3d&tabid=299&language=pt-PT> Acedido em www.casapia.pt/

Evangelista (2010), Caminhando para o Futuro, Uma resposta inovadora no sistema de acolhimento. *Cidade Solidária*, n.º22.

Faleiros V. P., (2002). *Estratégias em Serviço Social* (4.ed.). São Paulo: Cortez.

Faleiros, V. (1985). *Saber profissional e poder institucional*. São Paulo: Cortez.

Ferreira, Aida (1999). *O Género Feminino Objeto de Políticas Sociais Que Igualdade de Género no Emprego?* (Dissertação de mestrado em Serviço Social). Lisboa: Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.

Ferreira, V. (2011). *Transições para a idade adulta na Europa: idades dos marcadores tradicionais*, Fonte: <http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/julho-2011>. Acedido em 18 de abril de 2015 em. <http://www.opj.ics.ul.pt/>

Ferreira, V., Nunes, C. (2010). «Les marqueurs de passage à l'âge adulte en Europe». *Politiques Sociales et Familiales*, n. 102, p. 21-38.

Fleming, M. (1997) *Adolescência e autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.

Fleming, M. (1997). *Adolescência e autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.

Georgiades, S. (2005). A multi- outcome evaluation of an independent living program. *Child and Adolescent Social Work Journal*, n. 22, p. 4117-439.

Gomes, I. (2010) O direito da criança a crescer em família in Instituto da Segurança Social, I.P. *Revista Pretextos*, n.38, Junho, p. 5-6.

Gomes, I. (2010). O direito da criança a crescer em família in Instituto da Segurança Social, I.P. *Revista Pretextos*, n.38, junho, p.5-6.

- Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social (GCPAS) (2005). *Manual de Boas Práticas. Um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens*. Lisboa: Instituto da Segurança Social (I.P.).
- Hines, A., Mendiger, J., & Wyatt, P. (2005) Former Foster Youth Attending College: Resilience and the Transition to Youth Adulthood. *American Journal of Orthopsychiatry*, n. 75, p. 381-394.
- Knorth, E., Harder, A., Zandberg, T., & Kendrick, A.(2008). Under one roof: a review and selective meta analysis on the outcomes of residential child and youth care. *Children and youth Services Review*, n. 30, p .123-140.
- Kroner, M. (2007). The role of housing in the transition processo of youth and young adults: A twenty- year perspective. *New Directions for Youth Development*, n. 113, p. 51-75.
- Lee, J.(1994). *The empowerment approach to social work practice*. New York, Columbia: University Press.
- Lei nº 147/99 de 1 de Setembro, Lei de Proteção de crianças e jovens em perigo
- Leon, G. (2000). *The Therapeutic community: Theory, Model and Method*. New York: Springer.
- Little , M., Kohm, A., Thompson, R. (2005). The impact of residential placement on child development: research and policy implications. *Intenational Journal of Social Welfare*, n. 14, p. 200-209.
- Mauritti, R. (2011). *Viver só*. Lisboa: Mundos Sociais.
- McCartney, K., & Dearing, E. (2002). Attachment. In. N. J. Salkind (Ed.). *Child development* (pp.32-37). New York: Macmillan Reference.
- McMillen, C., & Tucker, J. (1999). The status of older adolescents at exit from out-of-home care. *Child Welfare*, n. 78, p. 339-360.
- Moniz, I. (4 de Dezembro de 2010). Quem viveu dez anos num lar nunca teve de decidir nada. Fonte:
[HTTPS://CRIANCASATORTOEADIREITOS.WORDPRESS.COM/2010/12/08/QUEM-VIVEU-DEZ-ANOS-NUM-LAR-NUNCA-TEVE-DE-DECIDIR-NADA/](https://criancasatortoeadireitos.wordpress.com/2010/12/08/QUEM-VIVEU-DEZ-ANOS-NUM-LAR-NUNCA-TEVE-DE-DECIDIR-NADA/)
- Mota, P., & Matos, M. (2010). Adolescentes Institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e auto-controlo. *Análise Psicológica*. p. 245- 254.
- Noom, M, Dekovic, M., & Meeus, W. J. (1999). Autonomy, attachment and psychosocial adjustment during adolescence: a double-edged sword?. *Journal of Adolescence*, n. 22, 6, p. 771-783.

- Nunes, C. (2014). *A autonomização dos jovens: um retrato territorial*. Fonte: <http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/abril-2014>. Acedido em 18 de abril de 2015 em: <http://www.opj.ics.ul.pt/>
- Osborn, A., Delfabbro, P., & Barber, J. (2008). The psychosocial functioning and family background of children experiencing significant placement instability in Australian out-of-home care. *Children and Youth Services Review*, n. 30, p. 847-860.
- Peixoto, C., Sereno, C., Henriques, S., & Carvalho, A. (2009). Autonomia de Vida Desenvolvimento de competências nos jovens em acolhimento institucional in *Revista do Instituto da Segurança Social, I.P. Pretextos*, n.º 34.
- Penha, M. (1996). *Criança em Risco*. Lisboa: Direção Geral da ação Social, Núcleo de Documentação técnica e Divulgação.
- Piaget, J. (1977). *La construction du réel chez l'enfant* (p. 311). Neuchâtel: Delachaux Niestlé.
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). *Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais*. 38, n. 3, set./dez, pp. 292-299.
- Roçadas, A. (2003) Conversando com Joana Marques Vidal. *Revista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Cidade Solidária*, n.º 10, pp. 34-43. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Ropé, F. & Tanguy, L. (n.d.). *Savoirs et Compétences. De l'usage de ces notions dans l'école et l'entreprise* (p.63-204). França: L'Harmattan.
- Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (2012). *Causa Maior. Relatório de Atividades*.
- Santa casa da Misericórdia de Lisboa (SCML). (2010). *Cidade Solidária. A educação de qualidade na infância* (nº 22). Lisboa.
- Shields . S. (1975). Functionalism, Darwinism, and the Psychology of Women. *A Study in Social Myth American Psychologist*, volume 30, pp. 739-754.
- Tjossem, T. (1978). *Early intervention: Issues and aproches, in interventions strategies for high riso infants and young children* (Theodore D. Tjossem, eds.). Baltimore: University Park Press.
- UNESCO (1996). *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Educação um Tesouro a Descobrir*. Cortez, Ministério da Educação e do Desporto Fonte: <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>
- Vanistendael, S. (1995). *Cómo Crecer Superando los Percances*; Oficina Internacional de la Infância , BICE, Ginebra.
- Ward, A., Kasinsky, P. J., & Worthing, A. (2003). *Therapeutic communities for children and young people*. London: Jessica Kingsley.

Weber, P. (2011). *Dinâmicas e Práticas do Trabalhador Social*. Porto: Porto Editora

Yunes, M., Miranda, A., & Cuello, S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In S. H. Koller (Ed.), *Abordagem ecológica do desenvolvimento humano: Experiência no Brasil* (pp. 193-214). Brasil: Editora Casa do Psicólogo.

Webgrafia:

- UNICEF (2015).
https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
Acedido a 02 de Abril, 2015 de <http://www.unicef.pt/>
http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=545&tabela=leis
Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco. [CNPJR]. (2015).
<http://www.cnpcjr.pt/left.asp?12.01> Acedido a 15 de
fevereiro, 2015 de CNPCJR em <http://www.cnpcjr.pt/>.
<http://www.parlamento.pt/LEGISLACAO/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
<http://dre.tretas.org/pdfs/2012/07/04/dre-304407.pdf>
Montano, T. (s/d). Guia de Orientações para os Profissionais da Educação In
http://www.cnpcjr.pt/%5Cguias%5CGuia_Educacao.pdf. Acedido em 18 de janeiro de 2015
em . <http://www.cnpcjr.pt/>.
Plano Para as Nações Unidas [PNUD].(2013).
http://www.pnud.org.br/IDH/IDH.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDH Acedido 13 de Abril
2015 em <http://www.pnud.org.br/>
Plano Para as Nações Unidas [PNUD].(2013).
Malik Khalid (2014) Relatório do Desenvolvimento Humano: Programa das Nações Unidas
Para o Desenvolvimento In
http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2014_pt_web.pdf Acedido em 13 de Abril
de 2015
Direção de Apoio à Coordenação [DAC] (2013). Situação Atual e Linhas de Futuro In
<http://www.casapia.pt/LinkClick.aspx?fileticket=SNgoxn8FtDo%3D&tabid=354&language=en-US> . Acedido em 18 de janeiro de 2015 em www.casapia.pt/
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa [SCML]. (2014).
http://www.scml.pt/areas_de_intervencao/acao_social/infancia_e_juventude/residencia_de_autonomizacao/

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa [SCML]. (2014).

http://www.scml.pt/scml/contactos/direccao_de_accao_social/direccao_de_acolhimento_e_de_senvolvimento_de_infancia_e_juventude/

Apêndices

- I- Guião de Entrevista aos Jovens
- II- Guião de Entrevista para os Técnicos
- III- Consentimento para a investigação
- IV- Grelha de análise da Entrevista aos jovens
- V- Grelha de análise da Entrevista aos técnicos
- VI- Grelha de observação apartamento de autonomia
- VII- Contacto telefónico com a psicóloga da Equipa do RAIA

Apêndice I- Guião de Entrevista aos Jovens



Entrevista às jovens institucionalizadas da instituição: Apartamentos de Autonomização da CPL

Esta entrevista tem como objetivo a recolher informação, no âmbito do tema “Eficácia do processo de autonomização dos jovens através do Apartamento de Autonomização-Programa RAIA”.

Os objetivos são: Perceber o processo de autonomia dos jovens no apartamento de autonomia; Conhecer a influência das políticas sociais na institucionalização e desinstitucionalização dos jovens; Entender como se desenvolve o empowerment nos jovens institucionalizados; Compreender a relação desenvolvida, por parte dos jovens com os técnicos ainda com os colegas das instituições em que estiveram, antes de estar na Casa Pia; Percecionar a relação entre os jovens e a família; Conhecer as competências adquiridas pelo jovem no seu Projeto Pessoal e Social.

Se ☐ M ☐ F

Que idade tens?

_____ anos

Quais as tuas Habilitações Literárias²⁷:

menos de 4 anos de escolaridade

☐

4 anos de escolaridade (1.º ciclo do ensino básico)

☐

6 anos de escolaridade (2.º ciclo do ensino básico)

☐

9.º ano (3.º ciclo do ensino básico)

☐

11.º ano

☐

12.º ano (ensino secundário)

☐☐

²⁷

Retirado da Tabela de Habilitações literárias
http://www.dgaep.gov.pt/upload/homepage/Noticias/LVCR/TAB_LVCR_HABILITACOES.pdf

Curso Tecnológico/Profissional/Outros

☐

Bacharelato

☐

Licenciatura

Há quantos anos estás integrado na Casa Pia? _____

I-Vivência na instituição

1.1-Qual a instituição em que estiveste anteriormente.

1.4- Quantos anos estiveste na referida instituição.

1.3- Que tipo de relação mantinhas com os colegas e educadores.

II-Percurso Escolar

2.1-Como tem decorrido o teu percurso escolar. Qual o aproveitamento escolar.

III. Rede social de apoio

3.1 Que relação manténs com os colegas, da escola.

3.2-Há relacionamento com as famílias dos colegas. Se há, Como se concretiza.

3.3- Com que frequência contactas com a família. Como se processam esses contactos.

IV. Autonomia

4.1. O que significa para ti a palavra autonomia.

V-Estimulação de competências – Apartamento de Autonomia

5.1-Como te sentis-te quando saíste do Lar de Infância e Juventude e entras-te no Apartamento de Autonomização.

5.2- Há quanto tempo estás no apartamento de autonomia.

O que significa para ti estar no Apartamento de Autonomia.

5.3-Qual é a diferença entre o Lar de Infância e Juventude e os Apartamentos de Autonomização.

5.4-Quantos jovens partilham o apartamento de autonomização contigo.

Como está a correr a partilha do apartamento de autonomia com os colegas.

5.5-Que tipo de relação manténs com os colegas e educadores.

5.6-Consegues cumprir todas as tarefas, no teu dia-a-dia? Quais as que tens mais dificuldade e as que tens facilidade em realizar.

5.7- A instituição dá algumas “ferramentas” para que o jovem consiga desenvolver-se fora da instituição, tais como gerir a mesada, saber fazer a limpeza da casa. Destas, quais as que consideras úteis para a saída, do apartamento de autonomização.

5.7- De que forma organizam a realização das tarefas domésticas?

5.8-De que forma geres a mesada dada pela Casa Pia. É fácil geri-la.

VI-Reuniões com os técnicos e educadores

6.1- Existem reuniões de acompanhamento individual. Qual é a tua opinião.

6.2- Que assuntos são abordados.

6.3- São realizadas sessões temáticas. Quais os temas abordados.

VII. Perspetivas futuras de Autonomia

7.1- Quais são as perspetivas quando saíres, ao nível de casa própria ou partilhada.

7.2- Quais são as perspetivas quando saíres, ao nível de inserção no trabalho.

7.3- Quais são as perspetivas quando saíres, ao nível de vida familiar.

Obrigada pela tua colaboração.

Apêndice II- Guião de Entrevista para os Técnicos



Entrevista aos técnicos da instituição: Apartamentos de Autonomização da CPL

Esta entrevista tem como objetivo a recolher informação no âmbito do tema “A Eficácia do Processo de Autonomia dos jovens através dos Apartamentos de Autonomização”.

Os objetivos são: Perceber o processo de autonomia dos jovens no apartamento de autonomia; Conhecer a influência das políticas sociais na institucionalização e desinstitucionalização dos jovens; Entender como se desenvolve o empowerment nos jovens institucionalizados; Compreender a relação desenvolvida, por parte dos jovens com os técnicos ainda com os colegas das instituições em que estiveram, antes de estar na Casa Pia; Percecionar a relação entre os jovens e a família; Conhecer as competências adquiridas pelo jovem no seu Projeto Pessoal e Social.

1-A Institucionalização-Percurso

Estes jovens, já estiveram nalguma instituição, antes dos apartamentos de autonomização?

1.1- Efeitos da institucionalização

Há efeitos, consequências, pelo facto destes jovens estarem institucionalizados, esses efeitos podem ser ao nível social, psicológico, afetivo, emocional. Como se ultrapassam esses efeitos da institucionalização?

II- Políticas Sociais Ativadas

2.1-No âmbito dos jovens em risco, quais as políticas sociais que são mais ativadas.

3- Respostas da Casa Pia

3.1-Que tipos de respostas existem na Casa Pia, no sentido de promover a autonomização dos jovens.

4-Residência de Pré autonomia

4.1-Os jovens residentes neste apartamento anteriormente estiveram em apartamentos de pré autonomia?

5-Apartamento de autonomia

Como é que surgiram na Casa Pia, os apartamentos de autonomia?

5.1-Qual a sua perceção dos apartamentos de autonomia?

6-Competências para a autonomização

Quais os fatores que considera pertinentes, no sentido de uma autonomização plena?

6.1- Quais as competências a adquirir para os jovens serem autónomos? Como é que são estimuladas?

6.2- De que forma é feito o acompanhamento do processo de autonomia dos jovens?

7- Género

7.1-Existem diferenças entre o processo de autonomia de um rapaz e de uma rapariga.

Quais as tarefas que realizam com mais dificuldade e menos dificuldade.

8- Rede social de apoio

8.1-Os jovens mantêm contacto com a família.

9- Preparação da saída

9.1-Como é preparada a saída de cada um dos jovens da instituição?

9.2De acordo com a sua experiência, na área dos jovens em processo de autonomia, há mais casos de sucesso ou insucesso. Dê exemplo de um caso de sucesso.

Obrigado pela sua colaboração.

Apêndice III- Consentimento para a investigação



Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Mestrado de Serviço Social: Gestão de Unidades Sociais e de Bem-Estar

Sara Cristina Alberto da Silva Martins

Rua Vitor Manuel Marques Pacheco, n.º7- 1.ºB

2830-212 Lisboa

E. Mail: sara.cristina.martins@gmail.com - Tef. 212160589 - TM. 968900291

Exmo. Senhor

Conselho Diretivo da Casa Pia de Lisboa

Assunto: pedido de colaboração para investigação de mestrado

Sara Cristina Alberto da Silva Martins, Licenciada em Serviço Social pela Universidade Lusíada de Lisboa, onde realizou a parte académica e mestranda em Serviço Social-Gestão de Unidades Sociais e de Bem – Estar, na Universidade Lusófona de Lisboa, com aprovação do projecto de investigação, vem mui respeitosamente solicitar a V. Ex^a., no âmbito do protocolo com a ULHT e do pedido enviado por esta Universidade, permissão para realizar a investigação de terreno nos serviços da Casa Pia de Lisboa.

A orientadora da dissertação na Universidade Lusófona é a Professora Doutora Aida Ferreira.

O tema é o seguinte **“Saber qual a Eficácia dos Processos de Autonomia dos jovens através dos Apartamentos de Autonomização”**.

Na sociedade contemporânea é essencial adquirir autonomia, visto ser considerada uma condição de sobrevivência, no sentido de fazer face a incertezas, riscos.

É fundamental a inserção dos jovens na sociedade, ao nível sócio-profissional, pessoal, escolar. Verifica geralmente a inexistência de uma rede familiar de suporte, que prepare os jovens para enfrentar a realidade e lhes proporcione condições para a aquisição de competências no âmbito da autonomia.

Surgem assim, políticas sociais da Segurança Social, com os Apartamentos de Autonomização, como resposta social, no sentido de apoiar os jovens na transição para a vida autónoma de forma segura, para os jovens que já estiveram institucionalizados em Lares de Infância e Juventude ou “do meio familiar de origem”.

Assim, é necessário reflectir sobre algumas questões, tais como: Quais os valores destes jovens, as suas necessidades, no campo autonómico, como colmatar essas necessidades e quais os resultados dos programas implementados.

O problema portanto, focaliza-se na aquisição de autonomia dos jovens, que se encontram nos apartamentos de autonomização e que posteriormente, serão desinstitucionalizados e por consequência desvinculados da instituição e terão de enfrentar a realidade.

População Alvo: Jovens institucionalizados nos Apartamentos de Autonomização.

Pretende-se entrevistar dois técnicos responsáveis pelos Apartamentos de Autonomização, bem como seis jovens (4 rapazes e 4 raparigas).

Apontam-se alguns objetivos:

- Compreender em que medida os processos de autonomia dos jovens são eficazes.
- Compreender e caracterizar o processo de autonomização dos jovens;
- Perceber se há distinção no processo de autonomização, entre rapazes e raparigas.
- Compreender os fatores que podem levar a processo de autonomia com sucesso.
- Caracterizar e compreender o processo de aquisição de competências sócio-profissionais, pessoais e escolares, para posterior inserção, nos referidos níveis.
- Refletir como é que as atividades dinamizadas nos Apartamentos se operacionalizam numa aprendizagem útil para a inserção ao nível social, pessoal, escolar e profissional.
- Perceber como é feito o acompanhamento individual, do jovem no apartamento de autonomização.
- Refletir como é que os jovens percecionam os Apartamentos de Autonomização.

-Compreender o processo de institucionalização dos jovens, desde a entrada, vivências e escolaridade;

-Percecionar a autonomia dos jovens e a rede social de apoio.

- Caracterizar de que forma é apreendido o processo de desinstitucionalização.

Tipo de instrumentos de trabalho:

- dois guiões de entrevista semi-estruturada, aprofundada, um para realizar aos jovens (seis) residentes nos apartamentos de autonomização, bem como outro para os técnicos responsáveis (dois) pelos apartamentos.

As técnicas de investigação a considerar no âmbito da colaboração solicitada serão:

- Entrevistas exploratórias aos técnicos responsáveis pelos Apartamentos de Autonomização da Casa Pia de Lisboa, bem como a jovens (seis jovens) que residem nos referidos apartamentos. É de salientar a pertinência, no âmbito das questões de género, de entrevistar rapazes e raparigas, no sentido de perceber se há distinção no processo de autonomização de ambos.
- Análise documental de Programas, Relatórios, processos, relacionados com o tema.
- Entrevistas semi-estruturadas, em profundidade aos jovens residentes em Apartamentos de Autonomização, assim como, os técnicos responsáveis (dois técnicos) pelas referidas instituições;
- É de salientar a utilização de dados estatísticos, no sentido de, perceber quantos jovens estão institucionalizados.

Por muitas razões, entre as quais, aproveito para salientar o facto de me encontrar muito atrasada relativamente ao planeado, solicito a V. Ex^a. uma resposta com a brevidade possível.

Agradeço antecipadamente toda a boa vontade, e envio os meus respeitosos cumprimentos

14 de Julho de 2013

Sara Cristina Martins

Apêndice IV- Grelha de análise da Entrevista aos jovens

Tema 1- Dados sócio biográficos

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
1. Dados biográficos	1.1.Sexo	Masculino. (EJ01) Feminino (EJ02) Feminino (EJ03) Masculino (EJ04) Feminino (EJ05) Masculino (EJ06) Feminino (EJ07) Masculino (EJ08)
	1.2.Idade	Tenho 19 anos. (EJ01) 19 (anos). (EJ02) Tenho 18 (anos). (EJ03) 19 anos (EJ04) 20 (anos). (EJ05) Tenho 18 (anos). (EJ06) 20 anos. (EJ07) 19 anos (EJ08)
	1.3.Habilitações Literárias	Curso de Especialização Tecnológica em Desporto. (EJ01) Técnica de Apoio à Infância. (EJ02) Curso Profissional de Turismo (EJ03)

		o ultimo ano que completou)-o nono ano. Está no voluntariado, em Belém, corta a relva num jardim. (EJ04) Curso Profissional de Desporto, (EJ05) o nono. (EJ06) Técnicas e Operações bancárias e qualificação quatro (EJ07) curso nível quatro, Design de Moda. (EJ08)
3.Percurso escolar	3.1 (Como tem corrido)	nunca chumbei. Apesar de ter 19 (anos) ²⁸ (EJ01) Bom. (EJ02) Já chumbei três vezes. (EJ03) Chumbei. (EJ04) No quarto (ano) EJ05) chumbei quatro (vezes). (Estou) à procura de trabalho. ²⁹ (EJ06) Está tudo a correr bem. (EJ07) Chumbei no oitavo ano, já chumbei cerca de duas vezes uma segundo e uma no quinto (ano). ³⁰ (EJ08)

²⁸ antes de vir para a Casa Pia, não tive oportunidade de estudar.

²⁹ O problema é que eu estava a faltar à escola, depois a escola disse que não me queria lá e depois passaram a resposta para eles darem aqui para saber se eu queria continuar.

³⁰ Tenho vestidos no Museu do Traje.

Tema 2-Vivência na instituição

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo
2.Vivência na instituição	2.1.Tempo de Institucionalização na CPL	Há 12 anos. (EJ01) Vai fazer 13 anos. (EJ02) estou na Casa Pia há 10 anos, estou desde os seis (anos). (EJ03) Um mês. (EJ04) desde os meus seis anos até agora (EJ05) Entrei com sete. Doze (anos) (EJ06) Eu cheguei há Casa Pia com cinco (anos). Há já vai fazer quinze (anos) em Setembro. (EJ07) entrei com três, quatro anos. (EJ08)
	2.2.Localização de Instituição anterior à institucionalização na CPL	Lar de acolhimento – 7 Lares da Casa Pia-1 EJ1- Lares Temporários- Algueirão – 3 anos
	2.3.Anos de institucionalização antes da entrada na CPL	Oeiras 1 EJ2- Lar de Acolhimento- 2 anos EJ3- lar e depois para lar de freiras- está desde os 2 anos. EJ4- Lar de acolhimento – ano e meio EJ5- Lares Casa Pia – Pina Manique dos 6 aos 17 anos depois Queijas dos 17 aos 18 anos EJ06- Lares tradicionais casa pia desde os 7 anos EJ07- Santa Casa da Misericórdia de Carcavelos tinha 3, 4 anos (casa temporária) depois para os lares de acolhimento Casa Pia esteve 1 ano, dois. EJ08- lares em lisboa- Maria Pia (15 anos), Sintra (2 anos) e CED Santa Clara

Tema 4- Rede Social de Apoio

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
4. Rede Social de Apoio	4.1.Relação com colegas da instituição	A relação é boa, nós habituamo-nos aos colegas e criamos laços. EJ01 (Eu) dou-me bem com toda a gente, mas há sempre aquelas pessoas (com) quem nos damos melhor, outras piores. A gente começa a tornar-se uma família (na instituição), começamos a ter laços (com os colegas), não é a mesma coisa, mas há sempre aquela cumplicidade (na instituição). EJ05 É boa a relação, eu dou-me sempre bem com toda a gente. (EJ07)
	4.2.Relação famílias dos colegas	“Eles (os colegas) às vezes convidam-nos para irmos jantar a casa deles ou eles virem jantar à nossa (casa). EJ01 “Só daqueles colegas mais chegados, é que eu conheço a família.”EJ03 Os meus pais bazaram. Eu estava a viver na casa deles (família dos colegas) e eles tomavam conta de mim. EJ04 Sim com duas amigas mais próximas, falo com os pais delas. (EJ05) Conheço as famílias (de) algumas amigas, as mães, os tios, mas relação próxima, não. (EJ07) Não. É só com os colegas (EJ08)
	4.3.Relação com a família	A família está na Suíça, vou lá no Natal, mas há sempre o contacto com primos que tenho em Lisboa. EJ01 A minha encarregada de educação, a não ser o RAIA, é a minha irmã. EJ03 Com a minha mãe, é-me indiferente. Com o meu pai cortei mesmo relações. Com a minha avó da parte do meu pai, (com) a minha irmã também tenho contacto. Se me perguntar sentes que gostavas de amor de pai e de mãe, claro que precisava. Eu tenho uma tia que substitui a mãe. Não tinha ninguém que me orientasse. É triste agente não podermos escolher (a família), temos que nos sujeitar a estas coisas. (EJ05)
	4.3.1.Contacto com a família	Sim, (por) telefone, facebook, email, até mesmo pessoal. Nós vamos ter a casa deles (familiares), temos mais liberdade para fazer isso (no apartamento). EJ01 Através do telefone e pessoal. EJ02 Eu mantenho sempre contacto com ela (a minha irmã), anda na minha escola. EJ03 (A família) estão em Cabo Verde. Eu ligo (telefone) ao fim de semana. Aqueles (familiares) que moram em Lisboa, (contacto) todos os dias à noite (contacta).EJ04 Contacto com a minha avó e com a minha mãe, uma vez por semana, mas se não for lá (a casa) ligo-lhes. EJ05 Contacto todos os dias por telefone e por estar juntos. (EJ06) Por telefone, é quase todos os dias. Tenho (ido visitar) uma vez por mês, aos fins de semana. (EJ07) Sim, contacto por telefone e pessoalmente. (Com que frequência): semanas, dias. (EJ08)

Tema 5- Autonomia- Apartamento de autonomia

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
5. Autonomia	5.1.Percepção de autonomia	É não estarmos sempre a procurar o educador. Tentarmos resolver os problemas e controlar os nossos gastos, fazer as nossas próprias coisas (tarefas) dentro da casa (do apartamento). EJ01 Ter mais autonomia e competir com as competências, no dia-a-dia. EJ02 Ser autónomo é não ser dependente de alguém, organizarmos o nosso dinheiro, fazer tudo sozinhos. EJ03 É fazer as coisas sem que possamos pedir ajuda a alguém, sabermos resolver os nossos problemas. (EJ05) Poder safar sozinho, ser eu a fazer as coisas. (EJ06) Temos responsabilidade, podermos desenrascar nas tarefas do dia a dia sozinhas. (EJ07) É tomar conta de si e do próximo. (EJ08)
	5.2.Número de anos no apartamento de autonomia no RAIA.	Outubro 2013 admissão (EJ01) Dois anos e cinco meses. (EJ02) Há um ano e tal. (EJ03) Um mês. (EJ04) Fez em Janeiro dois anos (EJ05) Vai fazer dois anos em março (EJ06) Fiz dois anos, dia 13 de janeiro (2014) (EJ07) 2 anos e seis meses (EJ08)
	5.3.Percepção do jovem sobre o Apartamento de Autonomia	“Temos que ter mais responsabilidades.” EJ01 “Antes tinha autonomia (no LIJ), mas agora tenho mais (no apartamento), sei gerir a questão do dinheiro”. EJ02 É para nós gerirmos as nossas competências, em termos de dinheiro e tempo que temos para fazer as coisas. EJ03 É bom e vai-se aprender a viver sozinho, mais para a frente (após sair do apartamento), é (viver) sozinho numa casa. EJ04

		Significa termos responsabilidade, gerir o nosso dinheiro, fazer uma boa alimentação, ir às compras. Sermos independentes e temos coisas para pagar, temos que poupar. Temos mais liberdade, eu durante a semana posso sair até às onze. Agora aqui (apartamento) dão-nos dois anos para o início de vida, já somos independentes. O nosso espaço (apartamento) também é importante. (EJ05) Ganhar responsabilidade, maturidade, ser autónomo. (EJ06) Tenho colegas que saíram (do LIJ), na altura delas ainda não havia este projeto (RAIA), foram para casa dos pais (quando saíram do LIJ). Na altura se elas continuassem a estudar, a Casa Pia ajudava-as. A pessoa quando sai do lar (LIJ) não tem trabalho, não tem noção do que é a vida e aqui (apartamento) é como se fosse uma preparação para a vida. (EJ07) Tenho muitos colegas que estão nos lares (LIJ) e pensam que vêm para a autonomia (apartamento) e têm a liberdade total. Também têm responsabilidades, tarefas como sempre tiveram no lar (LIJ) e têm a escola. O RAIA é mais para saber o que é o mundo lá fora, tenho que começar a ganhar várias competências a(o) nível de gestão financeira, do tempo. (EJ08)
	5.4.Diferença entre apartamento e Lar	Temos mais liberdade. EJ01 Lá (nos lares) tínhamos auxiliares, cá (nos apartamentos) não. É que lá (LIJ) temos tudo de mão beijada, aqui (apartamento) não. EJ02 A diferença é que no lar vives com várias pessoas. (N)a minha casa (apartamento), vives com mais duas pessoas, e quando chegas a casa, as tuas colegas não estão (no apartamento). Tens que fazer o comer, lavar a roupa, temos de ser nós a fazer tudo. EJ03 Lá estava sempre preso, aqui (apartamento) estou mais livre, no CAT não podia sair à rua. EJ04 É completamente diferente no lar (LIJ) eu não podia sair porque tinha trabalhos para fazer e tinha umas horas para isto, outras para aquilo (para as tarefas). Quando eu estava no lar éramos vinte (jovens), mais os educadores, (eu) sentia que havia um laço de família. Na residência de autonomização, com mais uma colega, sinto também afeto, mas não é igual, posso chegar a casa todos os dias e só ter ela para falar. (EJ05) No lar faziam quase tudo por nós. No apartamento, nós é que temos que fazer. Não digo que foi bom ter que sair com 16 anos (do LIJ), devia ter esperado mais um bocado. (EJ06) No último tempo que eu estive no lar fazia tudo sozinha, quase nem dava satisfação aos educadores, porque eles confiavam em mim. Temos cozinheiras, apesar de que nós fazemos tudo, a comida é que não, mas é diferente e

		não pagamos as contas. Aqui (no apartamento) comemos e deitamo-nos às horas que queremos. Não temos controlo vinte e quatro horas. A pessoa acaba por ganhar responsabilidade. (EJ07) No lar acordávamos com os educadores, e aqui (apartamento) passámos a acordar sozinhos. Tínhamos cozinheiras (no LIJ), agora (no apartamento) somos nós que cozinhamos. No lar tinha mais mãos a segurar em mim, depois passei para aqui, só tinha duas mãos, lá no (LIJ) estou mais acolhido. No RAIA nós temos a chave de casa, eu acho que é só isso que muda, aprendemos (a) pagar contas, é responsabilidade, é a gestão de tudo, ter auto confiança. No lar era um ambiente familiar e no RAIA também. É só por dizer que somos mais reduzidos. (EJ08)
	5.5.A partilha do apartamento	A partilha é boa. Nós temos regras, têm que ser respeitadas, eles (colegas) têm que respeitar o nosso espaço. EJ01 É agradável. (Dão-se bem) sim. EJ02 Se eu estou ali (no apartamento), tenho de me dar bem com elas (colegas), porque se houver mau ambiente, não é bom para a casa (apartamento). (das-te bem como os teus colegas) Sim. EJ04 Não há aquele pensamento, sou só eu, pensamos as duas, damo-nos muito bem. (EJ05) organizam-se bem, dão-se bem) sem confusões (EJ06) Somos diferentes mas é arrumadinha. Eu sou uma pessoa muito arrumadinha e asseada e ela nesse aspeto também. Somos tranquilas. Quando eu preciso dela, ela está lá (no apartamento) e quando ela precisa de mim eu estou lá. (EJ07)
	5.5.1.N.º jovens no apartamento	Três colegas. EJ01 Somos eu e mais outra colega. EJ02 São três jovens. EJ03 Dois (colegas). EJ04 Somos duas. (EJ05) Cinco (jovens). (EJ06) Eu e a minha colega. (EJ07) Com dois (jovens) (EJ08)

Tema 6- A relação do jovem com o educador

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
6. Papel do educador	6.1.A relação com o educador	Temos que respeitar os educadores e ouvir as orientações (deles), tentar cumprir ao máximo. É (estes são) a ligação entre o mundo que está lá fora (do apartamento) e o nosso. (Os educadores) estão disponíveis 24 horas. EJ01 Para ver se está tudo bem connosco, na escola, no apartamento, se precisam (os) de alguma coisa. EJ02 É razoável (a relação), porque às vezes nós (jovens) queremos fazer certas coisas e não dá e ficamos chatiados, depois compreendemos. A educadora também nos dá apoio, mas nósé que temos de evoluir como pessoas. EJ03 Nunca houve nenhuma situação em que entrássemos em confronto com ele e ele connosco. Ele tem confiança em nós e nós nele e é respeitador. Também dá-nos uma margem maior do que uma pessoa que não tenha responsabilidade. (EJ05) Conheço o educador desde que entrei no lar (LIJ) e a relação foi sempre boa. (EJ06) Damo-nos bem, não há stresses. Eu quando fui para a residência, estava com receio, pensava que ia ter medo de viver sozinha. Eu estranhei a questão de viver com muita gente (no lar) e de repente viver com mais uma pessoa. O (educador) confia em nós, sinto isso da parte dele. (EJ07) É a questão da gestão financeira, eles (educadores) ajudam. EJ07 Tenho uma boa relação. Eu acho que (o educador) é o nosso apoio. Nós (jovens) no lar temos o educador 24 horas sob 24 horas e aqui se precisarmos, nalguma urgência temos que ligar (contactar). (EJ08)
	6.2.Frequência de contacto	Às vezes vai (ao apartamento) de semana a semana ou liga-nos (contacta-nos). Ou nós ligamos-lhe, se precisarmos. EJ02 (O educador) vai (ao apartamento) todas as semanas, porque às vezes nós baldamo-nos às coisas (tarefas). Não queremos fazer por vontade própria. O educador dá-nos conselhos, (o) que devemos fazer, (e) o que não devemos (fazer). EJ03 Sim, ele (educador) orienta em coisas que agente (jovens) não sabe. De dois em dois dias EJ04 Vai lá (ao apartamento) sempre que agente (jovens) precisa, falamos sempre com ele abertamente sobre todas as coisas, também quando tem que dar na cabeça, dá. Por exemplo quartas-feiras é o dia das reuniões. Somos duas (jovens), se

		cumprir (mos) as coisas, não precisa de ir lá (ao apartamento) todas as quartas-feiras ou todos os dias. Vai duas vezes, vamos ligando, agente (jovens) também vamos ligando à medida que vamos precisando de alguma coisa, da escola, ou outros assuntos de saúde. EJ05 Todos os dias e muitas vezes (contacta) por causa dos colegas, não (os) consegue contactar, então vai (ao apartamento). EJ06 Pode ir todos os dias, porque é necessário tratar de alguma coisa, mas o normal é uma ou duas vezes por semana. EJ07 O educador vai lá (apartamento) de vez em quando, ver se precisamos de alguma coisa. Duas vezes por semana (vai ao apartamento), uma para reunir com os colegas e outra é para fazer as limpezas da casa. Há sempre qualquer coisa que falta aprender. Nós temos todas as quintas feiras, que enviar um plano de fim-de-semana a dizer o que é que vamos fazer. Os maiores de 18 anos, quem é menor tem que ser pedido, à diretora, o termo de responsabilidade que o adulto assina com quem ele vai estar, seja familiar ou família amiga. Mas sendo adulto ou não tem que se enviar sempre o plano de fim de semana, a dizer, se janta, se pernoita (no apartamento). (EJ08)
	6.2.1.(Quando saem à noite	Quando saímos à noite, aviso sempre, depois quando chego a casa, tenho de mandar uma mensagem, para não ficar preocupada (a educadora). EJ02 Sim, mandar mensagem, por exemplo hoje vou jantar fora, eu já avisei, depois quando chegar, mando mensagem, para ele (o educador) ficar mais descansado e são regras, temos que cumprir.EJ05
	6.2.2.(o telemóvel carregado	Temos que estar sempre contactáveis com a educadora e com a equipa do RAIA. EJ03 Tem a bolsa (que recebem), e dos 85 (euros), dá para carregarmos o telefone. EJ05 O telemóvel tem que estar sempre carregado. EJ07
	6.2.3.Dicas para os menus a confeccionar	Nós (jovens) decidimos, o que vamos jantar. Eu quando quero fazer coisas (comida) novas vou à net (Internet). EJ02 Ela (a educadora) dá as dicas.EJ04 Alguma coisa que agente (jovens) não saiba fazer, ligamos e ele (ao educador) explica-nos. Também foi cozinhar à nossa casa (apartamento). Se há alguma coisa mais complicada que gostamos de fazer, ele dá-nos algumas dicas. (EJ06) O educador gosta muito de cozinhar, está sempre a dar palpites às vezes até enerva. (EJ07) Às vezes somos nós que ligamos (educador) ou pedimos que marque um dia para nos ensinar a fazer comer. A minha educadora começou, (no) fim de semana a pôr (colocar) uma tabela (com os menus). EJ08

Tema 7- Estimulação de competências- Apartamento de Autonomia

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
5. Estimulação de competências	5.1 Competências que a instituição dá	Eles (educadores) dão sempre uma orientação, antes de nós decidirmos fazer por nós próprios. Quando eu vim para aqui (apartamento de autonomia), mostravam-me os locais onde tinha de fazer pagamentos.EJ01 Gerir o nosso dinheiro. Ter mais autonomia. EJ02 Aprende-se a ser mais autónomo, aprendes, até com a colega de casa. Não sabemos fazer algum tipo de comer e ela (colega) ajuda.EJ03 Mais nas tarefas da casa. EJ04 Sabermos gerir bem o que nos dão (competências). EJ05 Obriga-nos a pagar as contas sozinho, cozinhar, ter a casa arrumada, chegar cedo à escola, sem ser alguém a acordar- (nos), ir para o trabalho cedo EJ06
	5.2.Realização das tarefas domésticas	Nós temos uma escala, com os nomes dos elementos (jovens do apartamento), os vários dias da semana e quando calha o dia, temos que fazer as tarefas que estão designadas. EJ01 Ao sábado, fazemos as tarefas e dividimos por pessoa (jovem). Entrou uma miúda (jovem) nova para a minha casa (apartamento), ainda não fizemos essa escala, porque nós organizamos (as tarefas). Quem chegar a casa primeiro, faz o jantar para aquelas que chegarem mais tarde. Vamos começar a fazer a escala. EJ03 Se eu fiz o jantar, arrumo a cozinha, lavo a loiça, outro dia, o colega faz o mesmo. A limpeza da casa fazemos no sábado, de manhã. (combinam, entre vós, tens que fazer o jantar?) Sim. (cada um passa a sua roupa) Sim. Têm a lista dos menus que vão fazendo ao longo da semana?EJ04 Combinamos no dia anterior que é para descongelar as coisas e para temperar. Ao fim de semana fazemos uma limpeza geral. Odeio passar a ferro, tenho facilidade de fazer comida desenrasco-me bem (EJ05). Ficam dois (jovens) de folga e um na cozinha, na sala e nas casas de banho e depois é os quartos que é cada um a arrumar. Depois dia de semana, cada um (jovem) tem o seu dia para fazer o jantar. É no momento é que agente

		(jovens) vê ou no dia, antes de sair de casa, o que é que vai descongelar e organizam-se, mas quem escolhe é quem faz o jantar. EJ06 Temos uma tabela que não seguimos. (o educador disse que) era obrigatório. Nós somos tranquilas, se a outra jovem não pode passar o fim de semana, limpo eu a casa. (EJ07) Cada um (jovem) faz a limpeza do seu quarto. Somos três, é um para a sala, um para a casa de banho e um para a cozinha. Eu tinha dificuldade a cozinhar, agora já me desenrasco. (EJ08)
	5.2.Gestão da mesada	Nós temos dinheiro (para) a casa, para os passes, a alimentação e para as nossas coisas. (N)a gestão (do dinheiro), temos (jovens) que fazer um ajuste, consoante a bolsa que temos que ver os gastos. EJ01 Um x vai para a casa, outro para poupança, e o resto fica para nós. EJ02 Eu recebo trezentos euros, recebo do RSI, 80 euros. Ponho (coloco) oitenta euros na conta, 150 na caixa e o resto do dinheiro é para mim, sobra oitenta (euros). A minha escola dá o passe. EJ03 Todos (os) meses recebemos: 385 (euros), 150 para a poupança, 150 para a casa e 85 fica para nós. EJ04 Poderia ser mais poupada: 385 euros, 150 é para a poupança, 150 é para a caixa, as despesas da casa e alimentação e os 85 para gerirmos da maneira que quisermos. A escola dá o passe, temos o carregamento do telefone que são dez euros ou quinze. EJ05 A bolsa é de 385 (euros), 150 para a poupança, 150 para casa e os 85 é para o passe, as nossas coisas. EJ06 (E és poupadinho) Gasto muito, em ténis, roupa. Até ao final do mês, começo logo a gastar, é muito raro eu ter algum. Recebemos uma bolsa, 385 (euros), 150 para a casa, 150 para a poupança e 85 para o nosso passe e para os nossos gastos mensais. EJ07 150 (euros) para a poupança, 150 para os gastos comuns que se mete (coloca) na caixa e depois temos os 85.90 para os nossos gastos. EJ08
	5.3.Dificuldade nas tarefas	Eu gosto de fazer todas as tarefas, porque nós temos que nos sentir bem na nossa própria casa, temos que fazer com (que) ela fique limpa. EJ01 Não. São todas iguais (as tarefas). EJ02 Eu gosto de lavar a loiça, (a tarefa que menos gosta de fazer) aspirar o chão da sala. (EJ03) (a tarefa que mais gosta de fazer)-limpar o meu quarto a que menos gosta) - (limpar) a casa de banho. (EJ04)
	5.4.Gestão de tempo	É complicado, coincidir a escola com o resto (as outras tarefas). EJ02 Temos de saber a que horas temos de estar no sítio. Quando a (educadora) ou alguém do RAIA marca alguma

		coisa, temos de apontar na agenda ou no telemóvel. EJ03 Temos que saber gerir, porque eu entro às 8h30, tenho que acordar às 07h00, sair de casa, para estar na escola às 08h30, depois saio da escola, tenho fisioterapia e ginásio, mas consigo conciliar. EJ05
	5.5fazer um currículo, entrevista de emprego)-	Eu ainda não cheguei a essa fase. EJ02 No ano passado estava a trabalhar aos fins de semanas e antes de ir entregar o currículo, tinha algumas dúvidas, liguei ao (educador), esteve a explicar-me como é que se fazia. EJ05 Currículo, eu tinha feito, depois perdi-o e na disciplina de psicologia temos estado a fazer. Comigo nunca fez, também nunca surgiu, também, se pedisse ele fazia. EJ05 São coisas que nós temos que saber desenrascar e aprender sozinhos. Há sempre aquele (jovem) que sabe e dá umas dicas. EJ06
	5.6. Relação com os vizinhos.	Mais ou menos. EJ01 É normal, dizemos boa tarde, bom dia. O meu prédio é pessoas mais de idade. Nós não podemos fazer barulho, como se fosse pessoas jovens.EJ02 Temos de fazer menos barulho. Nós damo-nos bem com os vizinhos.EJ03 Eu nem quase vejo os vizinhos. EJ04 No nosso caso não há problema. Há pessoas complicadas e se há um dia que eu levo uma amiga ou um amigo ou é indiferente e as pessoas já não tem a nossa idade para estar a ouvir barulho até as 11 da noite. EJ05 A gente não fala muito. EJ06 Apesar de que nós não temos muitos vizinhos no prédio, ao início íamos lá (à vizinha) levar bolos quando fazíamos, porque uma vez tinha-nos dado fruta, agora é olá boa tarde. Ela também não gosta muito de se meter na vida das outras pessoas. (EJ07) Temos um vizinho complicado. Nós não temos muita relação. (EJ08)

Tema 8- Reuniões com técnicos e educadores

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
8.Reuniões com técnicos e educadores	8.1.Sessões temáticas	As reuniões é sobre alguns temas que vão surgindo, no mundo do trabalho e no nosso dia-a-dia são debatidas, de duas em duas semanas, para refletir sobre assuntos em que temos dúvidas. Há sempre reuniões que são feitas para esclarecer. EJ01 A última (reunião) foi com o RAIA, a Pré autonomia e com o TEIA. Foi o tráfico humano (o tema). Temos que apresentar o que ouvimos na reunião, aos Raianos que não foram. A APAV veio apresentar este tema. Normalmente os técnicos fazem sessões para nós. De dois em dois meses. Às vezes fazemos jogos temáticos.EJ02 Tivemos uma sessão temática que veio a APAV. EJ03 As sessões temáticas (frequência) é duas vezes por mês ou uma vez por mês. A sessão de ontem foi sobre profissões, o que é que nós queríamos ser, é também de sexualidade. Nós conhecemos mas não abordamos no dia-a- dia e falamos deles mais aprofundadamente”. EJ03 (Já te falaram nas sessões temáticas) - Não. EJ04
	8.2.Projecto de desenvolvimento Pessoal	Num mês há sempre uma reunião em que juntam todos os apartamentos e nem todos têm a disponibilidade de fazer a reunião num determinado dia porque, alguns estudam, trabalham, há várias atividades. EJ01 De três em três meses. EJ02 É sempre de três em três meses, para irmos pensando o que é que daqui a três meses, agente vai fazer. Passam esses três meses voltamos cá (à reunião) eles avaliam, esta competência conseguiu. (EJ05) Temos reuniões de três em três meses. É para combinar objetivos de naquele dia, até três meses, aquele que agente concluiu e que não concluiu. EJ06 De três em três meses, consiste em traçar objetivos para daqui a três meses ver se os consegui realizar. Se não conseguiu, o que é que achas que deves fazer para superar o objetivo. EJ07 Somos os três, eu, a dra, rita e a educadora, é de três em três meses, para ver se nós já adquirimos alguma competência a nível de dinheiro, o tempo. EJ08
	8.3 Sessão semanal	“Individualmente é para saber como é que nós (jovens) estamos a gerir o dinheiro, ver a nossa conta poupança, como é que estamos na escola. A educadora vai a cada quarto e faz essas perguntas.EJ03 É para ver como é que nós estamos, é de semana a semana. Perguntam como é que passamos o fim-de-semana e como é que passamos em casa, com os nossos colegas. EJ04
	Sessões	(as sessões temáticas) - de duas em das semanas

	temáticas	Falamos de vários assuntos da saúde, sexualidade, tráfico humano, É para ter uma noção do que é que se passa no mundo e como é que reagimos a certas situações. (EJ05) Pelo que sei falam sobre a sexualidade de quinze em 15 dias. EJ06 São temas que nós damos na escola e depois no lar também tínhamos um projecto que se chamava o PIPAS. Depois de quinze em quinze dias, as sessões temáticas, são obrigatórias. Sexualidade, o último foi sobre violência no namoro, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência. Os vários temas que são falados drogas. EJ07 Tenho com a nossa psicóloga e com a minha educadora. Fazemos de duas em duas semanas. (Tema)- a sexualidade. EJ08
	86.4. Pensar por si próprio.	Eles (educador) dão uma dica e nós temos que resolver. Por exemplo, se tivermos um problema relacionado com saúde, temos que ir resolver. Eles querem ver a que nível é que estamos, para tentar responder às regras que a casa (apartamento de autonomia) impôs. EJ01 Sim, nós temos de decidir o que é que temos que fazer, querermos ir dormir fora, não podemos, mas temos de decidir se vamos ou não. (Dão liberdade de escolha dos temas das sessões temáticas) sim. Não isso depende das situações, ela (a educadora) dá-me as orientações, outras vezes, ela nem diz nada porque sabe que eu penso por mim EJ03 Dão só as orientações. EJ04 Ele dá-me a opinião dele e eu retenho e tomo a minha decisão. Eu falo por mim sou às vezes precipitada nas coisas e as vezes é bom ouvir a opinião dos mais velhos. Qual será o tema a abordar (na sessão temática), até onde é que vai a nossa cabeça, a nossa inteligência, também para testarmos um bocadinho. Sou sincera, às vezes pensar dá trabalho, tem que ser sem pensarmos não podemos tomar nenhuma decisão.EJ05 Se estou com um problema e diz-me é melhor fazeres assim ou assado. Normalmente são eles (educadores) que trazem os temas, nós também damos os temas para eles. Uma vez pediu-me e doutora Rita para apresentar para falar sobre poupança, depósitos a prazo. Pedem-nos para sugerir temas para nós não estarmos sempre a dizer são sempre os mesmos. EJ07 (Tema sessões temáticas): drogas, a violência no namoro. EJ08

Tema 9-. Perspetivas Futuras de Autonomia

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
7. Perspetivas Futuras de Autonomia	7.1.Perspectivas saída da instituição	“Eu já tinha trabalho, casa na Suíça. Tenho mais ou menos a vida encaminhada. A família está lá a trabalhar”. EJ01 “Ter uma vida melhor, uma casa, trabalho e conseguir subir na vida. É aquilo que eu quero. Quartos alugados: mais ou menos. Regresso à família, pouco. É para um T0”. EJ02 “Eu queria acabar o curso e estar aqui, porque é dinheiro certo que nós temos. Sim vou para casa da minha irmã. EJ03 Eu vim a uma reunião e eles disseram que me prolongavam mais um ano até eu acabar a escola. Mas se eu tivesse agora que sair, tinha para onde ir, tenho a minha irmã que já trabalha, tem uma casa. Quando sair daqui quero arranjar um part-time conciliar as coisas e acabar o 12.º (ano) (EJ05). Tinha que arranjar uma solução, ou ia para a minha família ou ia para um quarto. Estou à procura (de trabalho). Fui entregar (currículo) em restauração, e lojas de ténis. (EJ06) Vou para a área da Contabilidade. Estava a pensar tirar um pós-laboral há noite, para conseguir trabalhar de dia. A casa pia não me vai ajudar para conseguir pagar as minhas despesas. Eu tenho amigas nós devemos sair ao mesmo tempo, juntávamos mais uma amiga e alugávamos uma casa. (ir para a família) Eu viver para casa da minha mãe está fora de questão, não consigo, não tenho ambiente para ir para lá viver. (estás aqui há dois anos, já foi prolongado?) Foi mais uns mesitos. Eu estou a idealizar para Setembro (2014). Vou juntando um dinheirinho e já estou mais preparada para sair, mas por enquanto ainda não. (EJ07) Vou para a família. (EJ08)
	7.2.A desinstitucionalização	Em princípio, eu propus até ao final do curso. EJ02 Para o ano. EJ03

Apêndice V- Grelha de análise da Entrevista aos técnicos

Tema:1 A Institucionalização-Percurso

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
1.Institucionalização-Percurso	1.1.Percurso de Institucionalização jovens	Estes jovens (residentes nos apartamentos) vêm de CAT's, passaram por Lares da Casa Pia, vão para os apartamentos de autonomização. Já conheceram várias pessoas, equipas, colegas, vários espaços. EP01 Todos os jovens que vêm para os nossos apartamentos (de autonomia CPL) vinham das nossas residências (de acolhimento), já tinham um percurso de acolhimento. EE01 Entrou uma jovem para os apartamentos (de autonomia proveniente) de outra instituição, que não a Casa Pia de Lisboa. Havendo uma vaga (na instituição), a prioridade é os jovens da Casa Pia de Lisboa, havendo mais vagas e estando reunidas as condições, de acordo com o perfil dos jovens, assim nós fazemos a sua admissão ou não. EE01
	1.2.Prevenção da institucionalização	Eu acho que se deve apostar em alternativas à institucionalização, trabalhar na prevenção para que não aconteça. É viver num ambiente artificial, aquilo que se tenta é desartificializar, o processo. EP01
	1.3.Efeitos da institucionalização	A institucionalização provoca danos, que nós tentamos colmatar, através da qualidade das relações. EP01 Não sinto que eles (jovens) venham com uma carga muito grande (dos efeitos). Eles (jovens) começam a subir uma escada (no acolhimento) e quando chegam aos apartamentos, estão a chegar ao topo, essa situação é ultrapassada. EE01
	1.4.Vinculação	Quando se diz que o acolhimento tenta ter um ambiente familiar, não quer dizer que, o nosso objetivo é que eles (jovens) se sintam em família. Têm um educador, que é um profissional (que) tem um horário, funções a cumprir, é uma figura que tem características muito diferentes, pelo papel que desempenha, (de) um pai ou mãe, tio, ou uma avó. Apesar de ser um profissional e não um familiar, (tenta-se) que invista na qualidade das relações, mais do que a quantidade de tempo, que se está com uma pessoa, é a qualidade do vínculo. O objetivo, nem que fique cá (no apartamento) um, dois meses, fica com laços. São referências afetivas positivas, que quando (os jovens) vêm para os apartamentos de autonomização, vão mantendo ligações, a pares, mas também a educadores. Há educadores que continuam a preocupar-se com

		eles (jovens), perceber como é que eles (jovens) estão. Quando saem dos apartamentos, eles (jovens) continuam a procurar-nos (técnicos). Tenho um jovem que está a pensar emigrar para Londres, e disse-me, pode finalizar o meu processo, na Casa Pia de Lisboa, já não preciso mais do vosso apoio. Mas, vocês sabem que se eu precisar de vocês, independentemente, do que o papel diz, as relações mantêm-se. Tivemos educadoras, que foram madrinhas de casamento, fomos a casamentos, batizados. Não sei se a instituição tem mais valias comparando com uma família. É através das ligações, que nós tentamos contribuir para a resiliência que muitos (jovens), já trazem. EP01
--	--	---

Tema: II- Políticas Sociais Ativadas

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
Políticas Sociais Ativadas	Programas Formativos e desinstitucionalização	Tínhamos jovens que estavam catorze, quinze e dezasseis anos na instituição. Segundo alguns estudos, a média já se consegue cinco, três anos (de institucionalização). EE01 Os apartamentos de autonomização é a cauda do acolhimento. Eu penso que as políticas se prendem à desinstitucionalização, no sentido de que eles (jovens) estejam cá (no apartamento), o menos tempo possível. Nós (equipa do Programa RAIA) tentamos através do investimento em programas formativos, nos apartamentos de autonomização, nas pré autonomias que o acolhimento deixe de ser regime hotel. Nos apartamentos (de autonomia) são jovens adultos, precisam de estímulo, para conseguirem ser autossuficientes e têm que ter recursos para isso. Existe cama, mesa e roupa lavada, mas eles (jovens) gerem dinheiro, tratam dos objetos pessoais, das tarefas comuns, as refeições, são os gestores de todo o processo (do apartamento). A Casa Pia proporciona-lhes (aos jovens) um apartamento, têm que fazer a gestão como se tivessem no apartamento alugado, é a Casa Pia que paga as rendas. O frigorífico avaria-se, não é a Casa Pia que vai substituir ou arranjar, são eles (jovens) através do dinheiro que recebem todos os meses. São programas intensivos e formativos, o objetivo não é eles (jovens) estarem no conforto que nós (técnicos) criamos, é sentirem que estão em processo de formação, estão-se a preparar para uma saída sustentada.

Tema: III- Respostas Casa Pia de Lisboa

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
Respostas CPL	Respostas para a autonomia	Em termos de Casa Pia, o CED de Santa Catarina tem duas respostas que estão a investir em projetos de autonomização, os apartamentos de autonomização e as residências de pré autonomia.

Tema 4: Residência de Pré autonomia

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
Residência de Pré autonomia		Nós (CPL) temos três residências (de) Pré autonomia é o início, de todo este processo de autonomização. A primeira (residência de Pré autonomia) inaugurou em Março de 2012, ainda estão a fazer o Programa. Não houve possibilidade de recebermos jovens dessas residências, e no futuro, eles (jovens) poderão ou não vir daí. Na residência de pré autonomia começam (jovens) a trabalhar as suas competências, pode entrar um educador para gerir um conflito. São residências para adolescentes, iguais a uma de acolhimento, têm o mesmo número de educadores, uma senhora de apoio, as outras (residências) costumam ter duas. (Aqui) a senhora de apoio faz algumas coisas, mas são eles (jovens) a cozinhar. EP01 São jovens mais novos, mantém os cinco educadores, e o assistente social e o psicólogo, enquanto nos apartamentos, é só um educador para três apartamentos. EE01

Tema 5: Apartamentos de Autonomia

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
Apartamentos de Autonomia	Génese apartamentos de autonomia	A Universidade de Dartinton convidou duas instituições para desenvolver projetos, a Casa Pia e a Santa Casa da Misericórdia. Através de uma metodologia Matishing Media Service fizeram, um levantamento de necessidades à população, com mais de 15 anos e concluíram, a existência de quatro grupos de necessidades, foi selecionado um, para desenvolver um Programa. O programa foi desenhado, pela equipa do ISCTE, em colaboração com técnicos da Casa Pia. EP01 Havia uma lacuna no acolhimento e nós sentíamos esta dificuldade. Os jovens teriam que sair (da instituição), e aqueles (jovens) que não tinham suporte familiar e a maioria não regressa à família, acabavam por ser integrados na sociedade com grandes dificuldades. Neste Programa (RAIA) têm possibilidade de treinarem, a gestão do tempo, do dinheiro, utilizar os recursos existentes na sua área de residência, gerir uma casa, fazem as compras, pagar a água, o gás, a luz. No lar tradicional não era possível desenvolver (estas competências), fazíamos em termos da confeção das refeições, ao fim de semana. O ISCTE (CPL) enquanto parceiros, tivemos sempre com supervisão. (A resposta) foi avaliada há três anos e deixa de ser Projeto e passa a resposta da instituição (CPL). EE01
		É uma resposta social e está validado cientificamente.

		Os apartamentos proporcionam o mais real, o menos institucional possível, não têm nenhuma placa a identificar. Não há uma equipa, há uma pessoa, a quem eles (jovens) referenciam. Não há o educador, para os acordar para ir para a escola, para mediar um conflito entre eles (jovens) pode ir de agressão verbal, a física. O educador acompanha-(os) sempre que há necessidade nas idas ao médico, às compras, escola, articular com a diretora de turma. EP01 Eles (jovens) valorizam, o facto de estarem juntos, com idades parecidas, porque alguns (jovens) vem de residências, com mais pequenitos e mais velhos e há necessidades diferenciadas. O nível de exigência é maior, vêm para nós (apartamento) jovens com capacidade de autorregulação, vivem e pernoitam sozinhos. EP01
	Perfil de jovens	Nós temos trabalhado com jovens com algum percurso de institucionalização que é artificial e há necessidade de ir lá para fora, outras vezes, o receio de ir lá para fora, experiências de ir viver para um quarto sozinho. Temos que estar mais atentos, com os menores (jovens), porque há as medidas jurídicas. O discurso é diferente, do que um (jovem) com 19 ou com vinte (anos) tem outro nível de maturidade. Aquilo que lhes é dito é uma oportunidade, estás aqui (apartamento), o tempo que te fizer sentido, quando deixar de (o) fazer, procuramos um sítio alternativo em conjunto.
		Outra valência que é trabalhada em todas as residências da Casa Pia, nós não temos serviço social, temos psicologia e isso também se deve ao tipo de intervenção, que nós desenvolvemos aqui (nos apartamentos). O empowerment, de estimulá-los a pensar por eles próprios, a sentirem-se mais capazes. Temos menores em apartamentos, mas também maiores de idade e entram maiores de idade. EP01
Factores para a autonomização		A formação escolar, com quanto mais escolaridade eles (jovens) saírem daqui melhor, é muito difícil lá fora (da instituição) estudarem, porque, têm pouco suporte ou apoio. Alguns (jovens) tentam o estatuto de trabalhador estudante e vão conseguindo, mas com dificuldade e a maioria desistem. O outro fator tem a ver com o dinheiro, durante o tempo que estão connosco (nos apartamentos) vão treinando a capacidade de poupança. Sair (da instituição) com o mais possível, é sempre algum que lhes possa valer em situação de aflição, ou quando vão arrendar um quarto, têm que pagar a caução e a renda são 500 ou seiscentos euros. Em termos de recursos externos, nós tentamos definir se vão (os jovens) viver sozinhos, vamos visitar os sítios selecionados por eles, para ver se tem as condições mínimas de habitabilidade e conforto, se regresso à família, ou viver com irmãos, nós (técnicos) tentamos perceber as possibilidades daquela família, de poder

		recebê-lo, a motivação. Os (recursos) sociais, tentamos avaliar, o tipo de rede deles, amigos, familiares. A maioria tem redes consistentes e alargadas, porque pensa(mos) que podem estar centrados nos conhecimentos Casa Pia. Sempre que possível o jovem estuda fora das respostas educativas e formativas. Têm (os jovens) atividades, desporto, atividades artísticas, culturais, voluntariado. Eles não (estão) fechados na instituição (CPL). A instituição funciona como um sistema aberto, uma família e eles circulam em vários núcleos, conhecem muitas pessoas. Eles conseguem manter relações de longa duração, para miúdos (jovens) que é mais o liga, desliga (percurso institucional). São relações de dois, três meses, anos e trazem amigos de CAT's. O fator social é quando estamos a preparar a inserção social deles (jovens), podem contar com esta equipa, (em) alternativa a uma vizinha, uma amiga. Há um trabalho que nós (técnicos) estamos a fazer, no dia-a-dia, através dos educadores, nas reuniões de projeto pessoal que nós temos com eles, de três em três meses. Nas sessões temáticas, com dinâmicas de grupo, cujo objetivo é refletir acerca de temas interessantes para eles, promovendo competências de promoção interpessoal, resolução de problemas. O grande fator são os recursos internos, a resiliência, temos alguns (jovens) que saem da instituição em desemprego. Eles dizem, não é por me continuarem a acompanhar que vou arranjar emprego, pouco ou nenhum suporte familiar, um ou outro amigo. Uma pessoa pensa, aquele miúdo (jovem) está a sair (da instituição, todos os fatores comprometidos, mas tem um fator que nos tranquiliza, a capacidade de dar a volta à situação e depois vem cá (à CPL) e temos jovens que imigraram. Tranquiliza-me esse tipo de saídas, do que aquelas em que nós temos que garantir tudo, porque se a habitação falha, o dinheiro, ele (jovem) vai a baixo. São jovens muito competentes, são assertivos, com uma grande capacidade de ligação. Se forem a uma entrevista de trabalho, sabem se comportar e às vezes não é dificuldade do mercado (de trabalho), são eles que são seletivos. EP01 Qualquer jovem quando sai consegue. Embora façam os dois anos de Programa (RAIA), há uma minoria (jovens) que acaba por sair, com algumas áreas menos consistentes. Nós costumamos dizer, este jovem está preparado para sair, quando tem a competência de cumprir horários, ser responsável nos seus compromissos, de saber utilizar os serviços, portanto, ir ao banco, marcar uma consulta sozinho, a parte da gestão doméstica.
--	--	--

		Eles (jovens) de início têm o meu acompanhamento quase em tudo e devagarinho vou tirando um dedo, depois outro dedo, até tirar a mão. Eles (jovens) são avaliados de dois em dois meses. Também utilizamos um instrumento, Check List autonomia, primeiro parece que não têm competência nenhuma, depois há uma determinada altura que já consideram que sim e depois há outra que se esquecem. Cada jovem tem o seu ritmo e o seu percurso. A maioria dos jovens são eles a dizer, eu acho que estou em condições para sair. A Check list temos que adaptar aos jovens, os primeiros grupos eram jovens mais autónomos e com mais competência, menos necessidade do adulto presente. Hoje estamos a receber menores (jovens) que têm outras necessidades, Não que tivesse sido alterado o Programa (RAIA), porque já estava definido, a partir dos 16 (anos). Em 2005, 2006, quando nós abrimos os apartamentos, nos Lares tinha muita gente grandes. Raro é o jovem que está num Lar, hoje até aos 17 ou 18 (anos). EE01
--	--	---

Tema 6-Competências para a autonomização

Categoria	Subcategoria	Unidades de Registo
Competências para a autonomização		O nosso Programa (RAIA) tem quatro pilares, a gestão de tempo, o objetivo é que saiam, com a capacidade de estabelecer metas e objetivos, a curto, médio e longo prazo, saber assumir um compromisso, ser pontual. Nos apartamentos não há ninguém para os (jovens) acordar, eles desenvolvem estratégias, o telemóvel, acordam-se uns aos outros. A gestão e aplicação de recursos, ir a consultas de rotina, especialidade, que devo fazer, em situação de emergência, para além de chamar alguém. Eles aprendem a fazer a gestão da caixa dos medicamentos básicos, o álcool, a água oxigenada, os pensos. Em termos do planeamento familiar, a educação sexual. N(a) alimentação, os educadores procuram trabalhar os menus para introduzir sopa, verduras, a saladinha, o peixe e a carne. Aqui (apartamento) são eles que vão às compras e que fazem os menus. Eles têm dois educadores que têm competência de saber cozinhar, eles gostam, aprendem e vão tirar receitas à net. Temos (a) área das substâncias psicoativas, num programa que era prevenção do consumo de substâncias psicoativas. Nós fazemos sessões de grupo, para trabalhar esse tema, para alertá-los e sempre que há suspeita ou consumo de substâncias, há uma intervenção individualizada, de tentativa de redução do consumo. A Casa Pia tem um Programa CSI de promoção de competências sociais. Esse programa abrange a saúde, educação sexual, substâncias psicoativas, o desenvolvimento vocacional. O trabalho de orientação vocacional que (o) Programa CSI tem é preparar para uma entrevista de emprego, elaborar um currículo, estimulá-los para experiências profissionais remuneradas ou não, trabalham, o chegar a horas, assumir o compromisso, ter que desempenhar funções. Nas férias letivas de Verão são obrigados a apresentar uma experiência destas. O trabalho é difícil, como temos menores (jovens), eles têm dificuldade em arranjar emprego, por questões de legislação. A gestão e organização doméstica são tudo competências que têm que ser trabalhadas. (N)a gestão financeira, eles (jovens) nas residências (LIJ) recebem dinheiro de bolso, pode rondar os 15, 20 euros e quando vêm para nós (apartamento de autonomia), cada um tem uma conta bancária e é-lhes depositado todos os meses, 385,90 euros, para um jovem com 16 ou 17 anos, gerir é muito dinheiro e há muitas tentações. A bolsa deve pagar as despesas da casa, 150, 200 euros, depois eles sabem que têm 85,90

		euros para as despesas, o passe social e o telemóvel carregado para estarem contactáveis com os educadores e o que sobrar, é para a poupança, para ajudar na saída deles. N(a) gestão e aplicação de recursos têm a ver com conhecerem os direitos sociais enquanto jovens, jovens em acolhimento, em relação à nacionalidade, cartão de cidadão, o abono, pensão de orfandade. Têm uma medida jurídica, como (esta) funciona. Eles (jovens) podem dirigir-se ao tribunal. É conhecer os recursos da zona, existe uma junta de freguesia, uma camara, quais (as) funções, a loja do cidadão. Todos esses recursos sociais, eles (jovens) vão tendo acesso à medida que vão tendo necessidade, ir ao Centro de Emprego, a Declaração de IRS. A gestão das relações inter pessoais é trabalhada porque eles (jovens) vivem em pequenos grupos e têm que desenvolver competências comunicacionais de grupo e de trabalho em equipa, porque têm que manter o apartamento em condições, garantir que há jantar todos os dias. Estou a lembrar-me, uma jovem que passou por nós, esteve cá quatro meses e foi para Londres, disse mais exigente foi viver com tão pouca gente, porque estava habituada a uma residência com quinze ou vinte pessoas e que há um problema que surge, é muito diluído. Ali é uma exigência, a intensidade das relações, somos quatro ou cinco que tem que resolver. Em termos de sessões de grupo, fazemos dinâmicas, para estimular, a cooperação, o trabalho em equipa, a comunicação interpessoal. A regulação do self, tem a ver com saber lidar com sentimentos negativos e positivos, a euforia, a zanga, a frustração, a impulsividade. Há muitos (jovens em) que há o auto-domínio, há o auto controlo, a história familiar, o saber lidar com a problemática familiar, aquela família que tenho com quem quero continuar a conviver, aprender a lidar com aquilo. Todo o programa, tem a ver com a reunião de projeto, as reuniões do plano de desenvolvimento pessoal, trabalham para a regulação do self. EP01 Se estou com um dos jovens e há uma situação mais específica da psicologia, proponho, não será melhor falar, de acordo com a técnica que acompanha o projeto. Eu partilho quase tudo, o dia-a-dia no apartamento com os jovens, com a equipa. Se há alguma dificuldade, tenho esse apoio, o técnico embora não esteja lá (no apartamento) presente, inteira-se da situação do jovem. A maioria deles (jovens) não estão habituados a acordar sozinhos, o educador com o jovem inventa
--	--	---

		estratégias, começa pelo telemóvel. Tentamos que haja um apoio de equipa no apartamento, ajudá-los a pensar, é difícil, mas vamos conseguindo. Na gestão do dinheiro, nós (educadores) fazemos a supervisão e controlo dos gastos individuais e comuns. O jovem sabe que tem x e pode gastar durante o mês aquele montante. É sugerido fazer o registo diário dos gastos, experimentamos e vamos avaliando. Não sei se é estímulo, é estratégia. A confeção de uma refeição, a primeira vez corre mal porquê, vamos experimentar fazer desta forma. Temos estudantes e trabalhadores, quando começam à procura de trabalho, com a nossa ajuda, fazer o primeiro contacto para responder a um anúncio, a tendência natural é dizer, o que é que eu digo e eu costumo dizer, eu faço o primeiro, tu vais-me ouvir e fazer o segundo. Vão ganhar confiança e sentir-se, mais à vontade. EE01
	Diagnóstico e intervenção com o jovem	A intervenção educativa, passa por um suporte intermitente, do percurso de aquisição de competências. Numa fase inicial, há uma fase de diagnóstico, que eles (jovens) entram com níveis diferentes e saem todos com níveis diferentes, dá para perceber o nível, o tipo e a quantidade de apoio que aquele jovem poderá necessitar e as áreas. Entra o psicólogo de retaguarda, nas reuniões de desenvolvimento pessoal, o objetivo é de três em três meses, são eles que definem os objetivos. Eles não estão habituados a pensar por eles. Não chegas-te a tempo à reunião, o que é que achas que quer dizer, o que é que é preciso para seres mais pontual, vamos definindo objetivos com eles, avaliando. O diagnóstico da situação é muito importante, o desenho da intervenção também, mas a avaliação, é importante para irem tendo feedback de que as coisas estão a correr bem, ou não, que contributo é que da nossa parte para te ajudar a superar este objetivo e eles dizem não, tenho eu que ser, mas se calhar supervisionar-te. Há uma intervenção sistemática e presente que alguns resistem. Quando chegam ao Programa (RAIA) a autonomia funcional é adquirida, depois a autonomia emocional, autonomia cognitiva, têm outros contornos. O facto de o educador pedir a caderneta para supervisão das contas, o objetivo não é controlar a conta bancária do jovem, eles começam a resistir, tenho que telefonar ao educador para ir sair à noite pedir autorização já sou maior de idade. Para ir alguém ao apartamento, tenho que dar conhecimento, pedir autorização. Há uma série de regras que nós temos e que é-lhes dado o acordo, as regras, os direitos e os deveres. Eles resistem, quando entro no apartamento, às cinco da manhã, tenho que mandar uma mensagem ao

		educador, a dizer que cheguei bem. E nós contra argumentamos tem a ver com a questão das ligações, quem se preocupa, quer saber, se eles estão bem. Os educadores têm noção onde é que eles (jovens) andam, porque alguns são menores de idade e nós temos essa responsabilidade moral e legal sobre eles. Á medida que vão crescendo e estando no Programa (RAIA) vão percebendo que é uma questão de profissão, de afeto. EP01
	Sessões temáticas	Nós (educador), temos dois dias são fixos. Eles assinam o acordo está explícito, é de carácter obrigatório (um dia), a presença de todos os jovens naquela reunião, mas pode estar, a coordenadora do Projeto ou que está o grupo todo para desenvolver as sessões temáticas feitas pela psicóloga e o educador do respetivo apartamento. Quando é só com o educador, é feita a avaliação, o trabalho individual com o jovem, escola, saúde, a família, é o momento do jovem conversar, no quarto. As sessões temáticas, de quinze em quinze dias, e a presença da nossa coordenadora é uma vez por mês. Um tema das sessões temáticas, sexualidade, nutrição, tomada de decisão, umas vezes propõe a equipa outras vezes são os jovens é que propõem, é preparado previamente. Se eu estou na reunião e digo, vão pensando num tema que a próxima sessão são vocês a propor o tema e na semana a seguir, eles dizem e preparo com a psicóloga. Nos apartamentos apelamos à participação do jovem. Temos uma agenda, o educador o registo, há um caderninho de cada apartamento, onde eles (jovens) (também) fazem o registo. EE01
	O papel do educador	Somos domésticos, cozinheiros, porque para exigir, tenho que fazer primeiro para eles aprenderem. N(a) área da gestão doméstica, a confecção das refeições, idas às compras, avaliar os preços. Temos que ter maturidade, porque lidar com jovens, é preciso ter firmeza, saber estar próximo. Temos que estar disponíveis 24 horas sobre 24 horas. Temos um telemóvel de serviço, estes (jovens) que recebemos mais novos, os contactos telefónicos são coisas muito evidentes. Usar a mesma linguagem do jovem, somos de uma geração diferente, tal como, os filhos com os pais. No acolhimento, a base do sucesso é o trabalho de relação com estes jovens e o êxito de inserção social, porque eles continuam ligados a nós. Eu disse trabalhar com jovens que já estiveram nos lares, vão estar comigo dois anos, eu que estava habituada a recebê-los com, seis anos, saíam com 16, 17 e 18. A minha preocupação era que relação é que eu vou estabelecer e hoje tenho uma opinião. No primeiro grupo criámos uma relação muito forte. Desde 2005, nós

		sabemos onde eles estão, continuam a contactar, falamos, houve relação. Há jovens quando entram vem com grandes expectativas, confundem, autonomia com independência, uma pessoa que é independente, não depende de ninguém, eles continuam a depender da Casa Pia de Lisboa, financeiramente e não só. Alguns (jovens) podem reagir de início, depois acabam por perceber, sabem que já estão mesmo a terminar e a sair, ainda tenho que estar a pedir ou a justificar. É uma questão de respeito, o educador, aliás o próprio colega pode dizer que não lhe dá jeito, por exemplo em relação a receber visitas. Em relação às saídas, objectivo é formá-los enquanto seres com educação, tem que haver tolerância. São capazes de fazer alguma crítica, do que está definido, mas eles são muito desafiados, façam propostas e se lhe damos oportunidade, não mudava nada.
--	--	--

Tema 7- Género

Género		
		Desde que nascemos, os rapazes e as raparigas têm períodos e tempos de maturidade diferentes. Elas (raparigas) são menos infantis nas questões do self, nas reações inter pessoais, nas sessões de grupo. Em termos cognitivos, é equivalente, temos tido rapazes mais capazes, no sentido mais prático. A grande dificuldade com os rapazes é na organização e gestão doméstica. A gestão financeira rapazes e raparigas (têm dificuldade). A educadora, se ter apercebido de que o líquido do detergente em casa (no apartamento) nunca mais acabava, eles acrescentavam água para não gastar dinheiro, eles não acendiam as luzes em casa. EP01 Há rapazes que são tão competentes como as raparigas. Em termos da saída, o primeiro grupo de rapazes (no apartamento), eu dizia-lhes, tenho que lhes fazer a mala do lado de fora da porta, porque eles choravam. Estes jovens tiveram muitos anos em instituição, o dia da saída é muito complicado, é diferente, é muito o desejo, vontade, mas depois quando se aproxima o dia, é doloroso. Na gestão do dinheiro, as raparigas é mais difícil. Os rapazes são mais práticos, vou às compras com as raparigas, demoro duas horas e com os rapazes, são mais objetivos. Não há nada que se acentue, na gestão do dinheiro, há uma ligeira diferença, na parte doméstica, mas eu também vejo rapazes que conseguem. EE01

Tema 8- Rede social de apoio

Rede social de apoio		
		Os apartamentos estão todos inseridos em prédios. Uma competência que é difícil para qualquer pessoa é o saber viver num prédio, os barulhos, os movimentos na escada à noite, as pessoas que se levam ao apartamento, o tipo de comportamentos, a adequação, o saber cumprimentar os vizinhos. Eles estão todos em Alvalade e em Alcântara. São prédios antigos e têm pessoas de idade a morar neles, o ajudar a levar os saquinhos das compras, são competências sociais o espaço permite eles treinarem. EP01 Todos eles têm amigos e a família que visitam, têm ligações, com professores. EE01

Tema 9- Preparação da saída

Preparação da saída		
		Todo o Programa (RAIA) é orientado nesse sentido, nas reuniões de projeto, eles (jovens) vão definindo objetivo a curto, médio para atingir o objetivo a longo prazo, que é a saída deles (jovens), da instituição. Nós vamos dizendo, tens ideia do que é que queres fazer quando saíres daqui, queres ir viver sozinho, com a tua família, na reta final, muda radicalmente. Têm quadros idealizados de ir viver com a família, nós conseguimos pô-los a pensar que (a) família poderá, não estar capaz de os receber da forma como pensam, também há rejeições. Na reta final do Programa (RAIA), estamos definir a morada, a situação escolar, o ideal era eles saírem com os cursos terminados, ainda lhes falta um ano e têm que sair do apartamento. A maioria deles (jovens), quando sai dos apartamentos, regressam à família, por questões económicas, é difícil suportar um quarto, mas depois, quando vão para um quarto, a questão do pagamento, eles já estão treinados nisso. EP01 Nós começamos a prepará-los no primeiro dia e um mês (depois), são convidados, a fazer a avaliação, a pensar no presente e no futuro e as áreas do projeto de vida em que são avaliados, a parte do eu, da saúde, escola, atividades, hobbies, família. O jovem tem uma ideia, eu vou sair, vou viver com a minha irmã, mas ao longo do processo, ele pode ser alterado, depois é avaliado, está o jovem, o psicólogo, o educador. Eles estão no apartamento de autonomia, o objetivo é eu quero viver autonomamente, muito poucos voltam

		para a família. EE01
	Caso de sucesso 1	Tinha 16, 17 anos e tinha muita vontade de vir para os apartamentos. Ele era um miúdo capaz e competente em termos funcionais, autonomia cognitiva e emocional era a maior fragilidade. Entrou no apartamento, começou a fazer uma integração excelente, participativo, dinâmico. Ele era da área de cozinha. Ele treinou e era exímio, na gestão doméstica, nas outras áreas era um pouco frágil. Era afável, simpático, meigo, carinhoso. A história de vida dele (fez com que,) quando começámos a trabalhar esse tipo de áreas e a desenvolver e a confrontar alguns comportamentos menos adequados. Ao final do primeiro ano, ele já não lhe fazia sentido estar no programa, a vida lá fora também treina competências. Não vir às reuniões, não responder á educadora, estava cheio de medo de sair, até que ele sentiu que nós estávamos a expulsá-lo. Houve uma reunião que eu acho que ele percebeu que nós não o estávamos a mandar embora, estávamos a construir com ele uma alternativa. Tratava-se de um miúdo sem suporte familiar, só amigos. Ele estava a trabalhar num restaurante. Ele saiu para um quarto alugado, sem apoio financeiro, não havia necessidade de a Casa Pia lhe dar nada e conseguiu preparar a casa para receber o irmão, começou a trabalhar em dois empregos, na área da restauração. O irmão mais novo quando ele saiu, entrou noutro apartamento. O irmão acabou o Programa (RAIA) e ele recebeu o irmão, anda a estudar, está a fazer o último ano do curso. Foi um dos que recebeu o prémio (de mérito) máximo da Casa Pia.
	Caso de sucesso 2	Entrevistada EE01. Ele veio para o apartamento, estava a fazer o curso de formação profissional, na área do desenho, com dificuldades de aprendizagem, investiu na sua formação, tinha o sonho de ir para Universidade, mas pelas suas dificuldades, conseguiu perceber que não tinha condições. O último ano de curso de nível 4 concluiu fora (do apartamento) embora acompanhado por nós já estava a viver sozinho e é o equivalente ao 12.º ano, saiu em 2007. Lembro-me no início de perguntar, como é que tu te ves a sair do apartamento e ele dizia, eu quero sair do apartamento para casar e ter filhos. Ele não saiu para casar, está a trabalhar numa Bomba de Gasolina, casou com a namorada, na altura que estava connosco, tirou a carta de condução, tem carro e tem uma filha. Este jovem convidou-me para madrinha de casamento, nós não podemos aceitar todas as solicitações.

Apêndice VI – Grelha de observação apartamento de autonomia

Grelha de observação do apartamento de autonomia e contacto informal com a psicóloga da equipa do Programa RAIA da CPL	
Saída dos jovens do Lar de Infância e Juventude	Antes os jovens saíam dos lares e havia uma grande diferença, entre a vivência no Lar e quando saíam para o exterior para a vida em sociedade. Atualmente, os jovens aquando da sua desinstitucionalização dos lares de infância e juventude verifica-se a existência de três respostas que podem ser proporcionadas, nomeadamente: os apartamentos de autonomia, a equipa de acompanhamento à inserção ou a saída para fora da instituição, sem ir para os apartamentos de autonomia.
problemáticas dos jovens nos apartamentos de autonomia	Os jovens quando são integrados no Programa RAIA já não apresentam problemáticas de risco e perigo. A integração destes jovens tem por objetivo a aquisição e treino de competências. A equipa de técnicos dos apartamentos de autonomização tem conhecimento do motivo de admissão que levou os jovens ao acolhimento na instituição anterior aos Apartamentos de Autonomização. Em relação às problemáticas, o critério de exclusão do Programa são os jovens com deficiência cognitiva que não conseguem concretizar os objetivos do nosso Programa. De acordo com a psicóloga, no Programa RAIA têm jovens com dificuldades cognitivas ligeiras. Exceto a deficiência mental, todas as outras problemáticas definidas pelo CASA 2012 englobam a realidade dos jovens, na Casa Pia.
Perfil dos jovens	De acordo com a psicóloga do RAIA, é possível traçar o perfil dos jovens residentes nos apartamentos. Estes caracterizam-se por uma população mais nova e imatura, com muitas necessidades e fragilidades que cada vez mais precisam de mais apoio. Em relação aos assuntos que são falados entre os jovens, foi referido pela psicóloga, nomeadamente, que alguns rapazes discutiam política ao ver o telejornal. No caso das raparigas os assuntos desenvolvidos são as telenovelas, os namorados e facebook.
N.º de jovens recebidos nos ap. autonomia	Relativamente ao número de jovens recebidos nos apartamentos de autonomia, até dia 25 de Fevereiro de 2014, tal como refere a psicóloga do programa RAIA, aquando a realização de uma conversa informal e observação directa do Apartamento de Autonomia de Alvalade, o Centro de Educação e Desenvolvimento de Santa Catarina proporcionaram o treino de competências desde 2005, a cerca de oitenta jovens.

Vizinhança	A psicóloga salientou que os vizinhos que residem no prédio têm conhecimento de que os apartamentos de autonomia se localizam no prédio, que pertencem à Casa Pia e habitam neles jovens. Os jovens devem ter sensibilidade relativamente à questão do barulho que fazem no prédio, nomeadamente pelo tom de voz utilizado, bem como quando convidam alguém para ir ao apartamento. As pessoas que se mostram mais sensíveis ao barulho são as pessoas de idade.
Parentesco (irmãos)	De acordo com a psicóloga do Programa RAIA, têm verificado que dos jovens que estão integrados nos apartamentos, alguns têm irmãos, que também foram admitidos nos apartamentos, embora não estejam ambos no mesmo apartamento, mas verifica-se a referida situação simultaneamente em apartamentos diferentes. Outra das realidades que se verifica traduz-se no facto de o irmão mais velho entrar para o apartamento, adquirir as competências e concluir o seu processo de autonomia na instituição. Após a desinstitucionalização organiza a sua vida ao nível laboral, tem um quarto, uma casa onde pode viver. Entretanto entra o irmão mais novo, que passa pelo mesmo processo de aquisição de competências até concluir o processo. Então o irmão mais velho está em condições de receber o irmão mais novo em sua casa.
Treino de competências	O Programa RAIA está a ser adaptado às necessidades dos jovens, que demonstram cada vez ter mais dificuldades, no entanto o Programa não pode perder a sua essência, mesmo em termos de intervenção educativa, está a ser adaptado.

Tabela elaborada pela própria

Apêndice VII-Conversas Informais com a Dra. Rita, Psicóloga, CED santa catarina

Contacto telefónico com a psicóloga da Equipa do RAIA

Através do contacto telefónico conseguimos obter a seguinte informação

A equipa tem conhecimento do motivo de admissão em acolhimento dos jovens em Apartamentos de Autonomização.

O único motivo de integração no RAIA é o de aquisição e treino de competências.

Já não vem por negligência, vem, só há um motivo, já não está em risco ou perigo.

O Estudo do CASA reflete a realidade dos jovens Casa Pia, porque nós também participamos no estudo.

Apenas o critério de exclusão, os jovens com deficiência cognitiva não conseguem fazer o nosso Programa. Temos jovens com dificuldades cognitivas ligeiras.

Tirando deficiência mental, todas as outras (problemáticas) engloba a realidade dos jovens.

Anexos

Anexo I - Apartamentos de Autonomização Programa - R.A.I.A.

Os Apartamentos de Autonomização – Programa RAIA (Residência e Apoio à Integração de Adolescentes) é actualmente um recurso para 22 jovens com acolhimento institucional prolongado em Residências de Acolhimento da CPL.

Jovens que não possuem recursos familiares de apoio, têm idade igual ou superior a 16 anos e estão num processo de autonomização da Instituição. O objectivo final destas residências é apoiar a inserção social destes jovens, constituindo-se assim, os apartamentos e o programa desenvolvido, como suporte securizante na construção e concretização dos seus projectos de vida autónoma e numa efectiva transição para a comunidade mais alargada.

Este projecto desenvolveu-se no âmbito de um protocolo/Convénio de Cooperação entre a CPL, a Unidade de Investigação Social Dartington, a Associação Dartington-i para o Estudo e Formação em Protecção Infantil e o Centro de Investigação e Intervenção Social do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) com o seguinte objectivo: Cooperar entre si no âmbito do Projecto “Matching Needs and Services” (MN&S) com vista a criação e avaliação do Projecto RAIA.

Assim, em Abril de 2004, deu-se início à primeira fase do projecto, realizou-se um estudo da identificação das necessidades dos adolescentes internos em Lares da CPL. Entre as necessidades identificadas constava a falta competências de autonomia dos jovens. A fase que se seguiu foi a do efectivo desenho e fundamentação deste novo serviço/programa realizada pelo ISCTE em parceria com a Casa Pia de Lisboa. Finalmente dá-se a abertura da primeira unidade residencial no dia 3 de Julho de 2005.

Este serviço/programa dispõe, actualmente, de seis Apartamentos de Autonomização com entre cinco a duas vagas por apartamento para jovens do sexo feminino e masculino. Estes jovens têm idades igual ou superior a 16 anos foram seleccionados de acordo com critérios pré-definidos.

Este Serviço/Programa e seu modelo intervenção estão sustentados teoricamente nas perspectivas sócio-cognitiva e ecológica do desenvolvimento humano. Combinadas, estas duas abordagens a intervenção dá-se ao nível:

- 1) dos contextos directos do desenvolvimento e dos recursos sociais e do suporte associados aos diferentes domínios de vida;

- 2) das competências e do sistema de conhecimento dos jovens (dimensão sócio-cognitiva do conhecimento);
- 3) das estratégias de antecipação, planeamento e de auto-regulação dos acontecimentos de vida (diários e a médio/longo prazo); assim como
- 4) dos objectivos de desenvolvimento autónomo dos indivíduos.

Este serviço/programa pretende dar resposta a objectivos, referentes a duas áreas de intervenção distintas: Contexto Organizacional e de Gestão da Unidade Residencial e Programa de Desenvolvimento Pessoal-social.

O programa tem como objectivos o desenvolvimento dos 4 componentes organizativos do planeamento de vida efectivo (Smith, 1999):

- 1) Gestão de tempo (desenvolver estratégias de controlo e organização do tempo em função das actividades a implementar);
- 2) Gestão e aplicação de recursos (informar sobre a quantidade e qualidade de recursos disponíveis a estimular a análise de custos/benefícios da utilização de competências próprias ou a procura de recursos alternativos);
- 3) Regulação do self (desenvolver estratégias de motivação pessoal, regulação emocional, auto-protecção, selecção de objectivos e auto-monitorização)
- 4) Gestão de relações interpessoais (desenvolver competências interpessoais que favoreçam a eficácia na comunicação de ideias e opiniões, defesa de direitos próprios e na utilização de estratégias de negociação e persuasão).

A metodologia de intervenção está focalizada no desenvolvimento do eu do jovem e na sua capacitação para a inserção social.

O programa é aplicado no âmbito da intervenção educativa e em sessões grupais e individuais. As sessões grupais têm uma periodicidade semanal e contam com a presença de todos os jovens. De quinze em quinze dias, nestas reuniões, são introduzidas as sessões temáticas dinamizadas pela técnica de investigação e pela Técnica de Educadora.

Os recursos locais de educação, formação, saúde, lazer, inserção laboral ou de apoio social são utilizados para fazerem face às necessidades dos jovens.

Em termos metodológicos foram construídos contextos, foram desenvolvidas várias estratégias e integrados vários instrumentos que tiverem como objectivo último a promoção do desenvolvimento da autonomia dos jovens integrados nos Apartamentos.

O programa tem uma duração que pode variar entre seis meses a dois anos.

Os jovens, integrados no apartamento, que não tenha rendimentos próprios, têm uma bolsa de inserção e em conjunto, dentro do grupo e com a orientação e apoio do Educador, encontram as melhores soluções para garantir a melhor gestão dos recursos financeiros a que têm acesso, assegurando e gerindo todas as despesas do dia-a-dia.

Logo que entram nos Apartamentos de Autonomização, os jovens são convidados a planear o seu percurso no programa e a sua saída. Fazem um projecto que vão avaliando e reestruturando. Cada jovem tem um Plano de Desenvolvimento Pessoal que é avaliado em reuniões individuais, trimestralmente. A par e passo, uma Check List de Competências de Autonomia dá suporte, ao longo do programa à auto e à heteroavaliação.

Quando as competências de autonomia estão adquiridas e as condições de saída criadas (local para morar; emprego, ou bolsas de estudo; apoios sociais activados, etc...), os jovens saem do acolhimento, para meio natural de vida, contando com o apoio da Equipa nesta fase de transições. O tempo em quem contam com este apoio é variável, situando-se normalmente entre três meses a um ano. O momento em que o acompanhamento é finalizado é sempre visto com o jovem, e normalmente, é o próprio que na avaliação que faz, e em concordância com a Equipa, considera que está em condições para finalizar este acompanhamento.

Temos verificado, que a grande maioria dos nossos jovens que saem dos Apartamentos de Autonomização – Programa RAIA, estão francamente autónomos e possuem capacidades para recorrer aos Serviços Sociais Locais caso o necessitem. Os jovens que ficam mais dependentes são aqueles que estão ainda a estudar, e estes contam com o apoio dos Serviços Sociais da Universidades onde estão integrados ou das escolas de formação que frequentam. Para os jovens em situação de insucesso, são garantidas as devidas ligações a parceiros sociais que o apoio em meio natural de vida. Não temos instituído a elaboração de Plano Cooperado de Intervenção, nomeadamente com instituições da comunidade, porque até ao momento não foi visto como necessário.